

ADENÁUER NOVAES

O VOO DO ESPÍRITO

O VOO

DO ESPÍRITO



ADENÁUER NOVAES



O Voo do Espírito

Adenáuer Novaes

Adenáuer Novaes

O Voo do Espírito



CNPJ/MF 00.405.171/0001-09

Rua Dep. Paulo Jackson, 560 – Piatã

41650-020 – Salvador – Bahia – Brasil

2018

1ª Edição

Do 1º ao 3º milheiro

Criação da Capa: Agência Nova Café

Diretor de arte: Jamile Buck

Fotos-Capa: https://br.123rf.com/profile_skouatroulio (skouatroulio #33065759) e https://br.123rf.com/profile_a4ndi (aNdreas Schindl #21849004)

Revisão: Ana Carmen Segura

Revisão de conteúdo: Renata Vidal

Revisão de Linguagem: Maria Angélica de Mattos

Diagramação: Ronald Severo Brito

Editor: Ana Carmen Segura

Copyright ©2018 by Fundação Lar Harmonia

Rua Dep. Paulo Jackson, 560 – Piatã

Salvador – Bahia – CEP: 41650-020

distribuidora@larharmonia.org.br

www.larharmonia.org.br

Tels.: (71) 3375-1570 | 3286-7796

Biblioteca Nacional – Catalogação na Publicação

Ficha Catalográfica

Novaes, Adenáuer, 1955-

O Voo do Espírito. Salvador: Fundação Lar Harmonia, 11/2018.

256 p.

ISBN: 978-85-86492-89-1

CDD – 154.6

Impresso no Brasil

MMXVIII

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicologia 154.6

2. Espiritismo 133.9

Todo o produto da venda deste livro será destinado à manutenção das obras sociais da Fundação Lar Harmonia.

Dedicatória

Em alguma rua de Florença, século XV...

Amafeno: Onde andas?

Leonardo: Buscando aterrissar...

Amafeno: Aonde?

Leonardo: Ainda não sei. Talvez em alguma nuvem...

Amafeno: Como assim?

Leonardo: Continuo voando...

A

Leonardo da Vinci

O inquieto e exuberante Espírito.

“Amo o que não reserva para si uma gota do seu espírito, mas quer ser inteiramente o espírito da sua virtude, porque assim atravessa a ponte como espírito.” Zaratustra, Friedrich Nietzsche.

A

Nietzsche

O defensor do humano.

CONTEÚDO

[Dedicatória](#)

[Prefácio](#)

[Considerações iniciais](#)

[Nova Ordem Espiritual](#)

[1. O Canto](#)

[2. As asas](#)

[3. O espaço infinito](#)

[4. Filo](#)

[5. Todos podem voar](#)

[6. Asas que não voam](#)

[7. Nascido para voar](#)

[8. Aves semelhantes](#)

[9. Autonomia de voo](#)

[10. Criação divina](#)

[11. Destino próprio](#)

[12. Adaptação evolutiva](#)

[13. Voos maiores](#)

[14. Liberdade plena](#)

[15. Tendências](#)

[16. Atividades psíquicas adquiridas](#)

[Bibliografia](#)

Prefácio

O voo é o domínio do espaço tridimensional, libertando o objeto da limitação da superfície. É a saída do chão, do raso, do chumbamento que o oprime; é a passagem de uma dimensão a outra; é o momento da ampliação da vida que sempre deseja suplantar limites e alcançar o incognoscível. Não há limites para o saber, para a consciência que deseja sempre se expandir, muito menos para o sentir humano. A intuição e os sonhos são as asas do Espírito. Nada impedirá o crescimento e o desenvolvimento das coisas, da vida e do próprio Espírito. Tudo se movimenta impulsionado e direcionado por um Princípio Maior. Nada está estagnado, pois o movimento é a característica principal da manifestação do Criador. Não há cópias, não há o *nada* nem tampouco a concretude total de qualquer ente. O voo é a representação do que está sempre em busca de novos domínios, horizontes e fronteiras a serem ultrapassadas.

Voar é desafiar o espaço, livrar-se do que prende e oprime, contrariando a inércia e a linearidade do próprio movimento. É atitude daquilo que enxerga o futuro, desprezando o que se encontra com horizontes pequenos, preso na ortodoxia e na conformidade coletiva. Voar é assumir o ônus da liberdade de escolher sua direção, seu caminho e a consciência de seu destino.

Dos pássaros aos seres humanos, Jesus, Leonardo da Vinci e Steve Jobs, citando apenas três exemplos, demonstraram, por meios e métodos diferentes, que há sempre possibilidade de ir além do tempo e de levar a consciência para o imponderável atual. Os voos humanos vão além do que os pássaros alcançam. São voos que rompem o tempo e não apenas os ares. As pombas de Jesus, o milhafre de Leonardo e os *iPhones* de Jobs permitiram voos mais altos para eles próprios e para a Humanidade. Sem a ousadia deles, tudo teria sido diferente; talvez menos colorido e com horizontes mais limitados para os seres humanos. Os voos do Espírito,

mesmo aqueles de curta distância, são imprescindíveis ao seu próprio desenvolvimento e ao progresso geral.

Eles nos ensinaram que é preciso aventurar-se em direção ao transcendente, sem medo de se perder, rompendo com a conformidade. O que vem depois que a Consciência se expande é inacessível aos que não ousam ou que temem deixar o controle. O risco é se perderem; perdendo-se, acham-se, pela liberdade em poder criar o novo e o difícil, desafio imprescindível aos que querem voar e crescer. Não se perder é prender-se pelo medo de viver, pela falta de criatividade e pelo estabelecimento prévio de limites seguros, mas escravizadores.

Jobs nos fez sonhar com diferentes formas de estabelecer contato uns com os outros, com suas máquinas de *designs* atraentes, fomentando uma maior interação entre o ser humano e a máquina para atingir outro ser humano; Leonardo nos fez enxergar o movimento, a emoção e a vontade na arte da pintura, além de demonstrar que a curiosidade dirigida para a ciência das coisas promove a evolução; e Jesus nos fez situar a Consciência para além das estrelas, apresentando o reino dos céus na forma da imortalidade pessoal, colocando-nos como senhores do tempo, do espaço e da matéria.

O espiritual é o novo campo além da fronteira da matéria, dimensão imediatamente posterior ao que a Consciência considera concreto. A barreira tem sido ultrapassada com os voos que a mediunidade possibilita. Muitos optam por rastejar nos meandros da superfície material com todos os limites que impõem à Consciência. Voar é para os pássaros e para aqueles que sabem construir asas. O voo do ser humano certamente é mais ousado do que o dos pássaros e muito mais transcendente do que seus horizontes. Prepare-se, a viagem é significativamente emocionante e divinamente arriscada, pois a morada do Espírito é sua própria liberdade. O Espírito precisa e deve voar. Voe sempre!

Adenauer Novaes
Setembro/2018

Considerações iniciais

Este é um livro para reflexões sobre considerações que inquietam seu autor. A inquietude é filosófica, com consequências na formulação de conceitos e nas atitudes. As ponderações emitidas não são definitivas nem representam qualquer crítica ao entendimento comum ou ao pensamento dos autores citados ou de interpretações consagradas pela sociedade. Trata-se de uma proposta de reflexão para refundir o pensamento e a abertura de novos entendimentos a respeito da vida, dos processos existenciais e da totalidade da qual o ser humano faz parte. As ideias do autor são fruto de seus questionamentos internos e de suas dúvidas ao longo de sua vida e dos estudos espirituais que vem fazendo. São mais dúvidas que certezas, oriundas de sua mente filosófica, que não são aqui postas para derrubar princípios, mas para contrastar ideias novas com antigas e tentar entender modelos de percepção do mundo tal qual foi apresentado pelo saber instituído; decorrem também da diversidade com que a vida tem se apresentado ao Espírito, desafiando tudo quanto ele aprendeu a respeito de si e da realidade. Ideias originam-se de *constructos intelectivos* e de experiências vividas. São alimentadas pela universalidade socialmente apresentada. Ocorre que os raciocínios se modificam com o surgimento de novas ideias, as experiências vividas somam-se e ampliam-se com novas realidades que surgem e a sociedade se transforma numa surpreendente velocidade, exigindo diferentes entendimentos. Tudo isto enseja adequadas considerações, novos entendimentos, ampliadas percepções e conceitos atualizados.

Este livro é, portanto, o resultado deste processo de reflexão que aqui é compartilhado sem a pretensão do estabelecimento de novas verdades. O leitor poderá estranhar ou rejeitar as ideias aqui apresentadas. Estará no seu direito, pois estruturou sua mente para permanecer em seu próprio equilíbrio, sustentando-a com ideias sólidas e logicamente coerentes, evitando assim um colapso interno. Mas o que acontece quando sua

consciência se depara com algum paradoxo não discutido por nenhuma das fontes que alimentam seu conhecimento e que se tornou algo inquietante a ponto de interferir nas razões últimas de sua existência? Como lidar com uma ideia suficientemente lógica e consistente, capaz de abalar as estruturas de todo seu saber? A justificação interna de sua existência é o que lhe garante o equilíbrio psíquico e que lhe permite avançar sua Consciência para penetrar em outras dimensões da Vida. É, portanto, necessário atender ao apelo interno na resolução daquele paradoxo, sob pena de não alcançar a compreensão de si mesmo. Não se trata de uma ameaça ao existir, mas ao sentido e significado existencial. O paradoxo tem de ser dissolvido sob pena de não se ter uma vida autêntica.

Ideias são sínteses de processos mentais complexos que envolvem emoções, pensamentos, experiências armazenadas na memória, condicionamentos psíquicos, automatismos psicológicos, funções perceptivas do eu, núcleos afetivos inconscientes e outros elementos que compõem a realidade disponível ao ego. Mesmo que influenciadas pelo coletivo, não são tão rígidas que não possam mover-se na direção de algo indefinido, mas igualmente sustentável. É preciso coragem para entendê-las, sem necessariamente ter de concordar com elas. Esta coragem é sinônimo de flexibilidade, de mentalidade aberta e de humildade.

As ideias aqui apresentadas decorrem da compreensão de que o ponto central do Espiritismo é a solidificação da consciência da imortalidade do Espírito, portanto, do ser humano. O ponto central quer dizer o pano de fundo de suas propostas, o objetivo de seu alcance, a base sobre a qual se assenta sua doutrina e a ideia a respeito do que gira todo o estudo e as análises da realidade. Restringir sua proposta ou simplesmente tomar o efeito pela causa, considerando-o de grande utilidade como filosofia de vida ou de polimento do verniz da conduta social, é malbaratar seu valor essencial. Cabe sempre seu reestudo para que se penetre na lógica de sua proposta transformadora e atualizadora das capacidades do Espírito, sobretudo da que lhe permite o profundo e cada vez melhor exame de tudo quanto importe para sua evolução.

Muitos se perguntam **o que é** o Espiritismo, limitando-se à compreensão de seus postulados. Cabe à luz dos conhecimentos que surgiram e

continuam a brotar incessantemente, após sua construção como doutrina, que se perguntem **para que** serve o Espiritismo. A utilidade transcende o propósito de promover o surgimento de um ser humano moralmente melhor ou de prepará-lo para uma vida na dimensão espiritual coberta de bênçãos e de beatitudes, como prêmio por sua conduta na Terra. O “para que” diz respeito à aquisição de habilidades que sejam integradas à sua estrutura essencial, tornando-o mais capaz para continuar seu desenvolvimento, de entender melhor o significado de sua existência como Espírito imortal e de enfrentar melhor os desafios que a Divindade lhe propõe.

Nova Ordem Espiritual

Desde os primeiros anos do Século XX, quando as revelações decorrentes dos experimentos conhecidos como quânticos apareceram, uma nova ordem que englobasse aquelas ideias era exigida e se impunha em todos os campos do conhecimento humano. O entendimento da realidade estava em xeque, pondo em dúvida o conhecimento sobre tudo quanto antes era considerado um saber pétreo. Porém nada mais poderia ser como antes. As percepções paradoxais suscitadas, os fenômenos que desafiavam o *status quo* da Física e a ebulição científica resultante reverberavam em todos os saberes. Uma certa inquietude passou a dominar as consciências humanas. Muito embora todas as ciências tenham sido atingidas, a Filosofia, a Psicologia e a Religião, em especial, viram-se obrigadas a uma adaptação para comportar o que se avizinhava. A opinião de antigos saberes, ante a ampliação da visão de realidade trazida pela abertura provocada pelas ideias do universo quântico, era requerida. Ante as novas ideias, todos se perguntavam: “– E agora, como ficaremos com nossas explicações simplistas, baseadas na fé, no empirismo popular e na velha ciência?” Não se tratava de uma simples ideia, mas de fatos que desafiavam a lógica, o sistema vigente de entendimento coletivo da realidade e todo o fundamento cognitivo do saber humano. Alguns não se deram conta do que estava acontecendo, dada à cegueira dogmática em que se estruturaram e se estabeleceram na sociedade. As ideias dominantes, bem como as dúvidas apresentadas por conta da simplicidade do sistema cognitivo e logicamente encadeado, lhes davam guarida, pois muitos não concordavam com os novos conhecimentos. Outros, alheios à evolução do conhecimento, cegos pela natural ignorância, permaneceram em seus mundos pequenos e seguros. O poder que adquiriram sobre a consciência coletiva blindava o senso crítico necessário para avançarem no saber, o que ainda perdura até hoje, fazendo surgir uma casta dos que se apegam ao passado, com medo do futuro suscitado pelas novas ideias quânticas corroboradas pelo saber espiritual do Espiritismo.

Sem entender bem as consequências destas ideias, o alvoroço inicial foi seguido por uma acomodação, pois os zeladores de plantão, aqueles que estão sempre defendendo dogmas arcaicos, preferiram calar-se; não quiseram comentar, discutir ou estudar para não suscitarem inquirições maiores; optaram por deixar como está para manterem as consciências sem maiores voos e ocupações. Alguns dividiam as ideias em científicas e em demoníacas, tal qual se fazia na Idade Média. Outros fizeram pequenas mudanças para agradar alguns insatisfeitos, desviando o olhar que deveria seguir para transformações profundas. Maquiar a realidade, tratando superficialmente a questão, apresentando propostas de mudança de antigas reivindicações com nova apresentação, foi o que fizeram aqueles que dominam a mente coletiva quando se trata da dimensão religiosa. Mudar poria em risco seus fundamentos, além da ameaça da perda de fiéis.

Tais transformações, caso ocorressem, iriam dissolver sua fé, iriam espantar seus seguidores, retirando-lhes o poder central. Para eles, tudo não passava de modismo, portanto, momentâneo, algo que passaria rápido. Para eles, melhor não falar, salvo quando as circunstâncias trouxessem o assunto, obrigando-os a algum comentário. Semelhante àqueles que pensam que o tempo cura tudo, ficaram esperando o esquecimento. Não atentaram que se tratava da vinda definitiva de um novo paradigma. Assim é até hoje. As religiões propõem mudanças pequenas em suas práticas, desde que não se mexa em suas doutrinas. Surgem novos líderes carismáticos e populares, televisivos e midiáticos, simpáticos e messiânicos, detentores de prêmios e homenagens altamente valorizadas, porém mantenedores da ignorância quanto à vida espiritual e à imortalidade.

De forma alguma o ser humano, com suas doutrinas limitadas, conseguirá obstruir o progresso, o seu próprio desenvolvimento, muito menos a ampliação de sua visão de realidade. Mesmo contando com a resistência de alguns, é inevitável, ainda que por vias tortuosas e sacrificiais, que o ser humano um dia venha alcançar a real percepção de si mesmo e o sentido e significado de sua existência como Espírito imortal. Terá que voar, pois permanecer no chão já não lhe atrai, não lhe acrescenta nada nem lhe motiva a viver. Aqueles que teimarem em não olhar para o fluxo da vida que impulsiona o Espírito constituirão uma velha classe dos que assistiram atonitamente o voo dos demais, estupefatos, sem saber o que

estará acontecendo. Correrão de um lado a outro, atônitos, acreditando que o mundo estará se acabando, saudosos do tempo em que estavam acomodados em um passado que não mais retornará.

As consequências da Moderna Física Quântica, principalmente pela falta de explicações concretas sobre o desaparecimento do elétron durante o salto quântico, sobre a radiação do corpo negro e sobre o ente quântico em lugar da materialidade do próprio elétron desafiam a lógica humana, pega de surpresa pelo abstrato percebido na intimidade da matéria. O momento atual da ciência exige um novo sistema que explique os fenômenos do Universo conhecido, sobretudo o microcosmo, ou então teremos que conviver com diversos sistemas para harmonizar o intelecto humano. Talvez a existência de diferentes sistemas explicativos esteja mais de acordo com a realidade, cuja característica principal é ser múltipla, diversa e caprichosamente incompreensível. A unidade da matéria ou a unidade de qualquer coisa talvez seja uma ideia arquetípica, algo inalcançável e utopicamente desejada, cujo valor se encontra na possibilidade da aquisição da consciência da individualidade humana. Sem a ideia de que todos são iguais e de que existe uma unidade real, não é possível projetar na consciência a própria singularidade. O Espírito adquire a consciência de si próprio com o apoio na ideia da existência da unidade, sobretudo de Deus, de uma lei geral ou de um sistema explicativo de tudo. Ao acreditar que existe a unidade, dirigindo sua atenção consciente para esta ideia ao estabelecer contato com as coisas e pessoas, o Espírito gradativamente vai consolidando sua própria individualidade. Portanto, a unidade do ego, a identidade do Espírito como ser no mundo, seja encarnado ou desencarnado, é conscientemente alcançada a partir da projeção da existência da unidade da matéria e, posteriormente, de Deus.

Mas o voo não se dá tão só por causa do surgimento das experiências e ideias quânticas, pois a mente humana arquetipicamente impulsiona o ser humano a ir mais além de seu meio, de sua época e de seu pensar. O impulso para a busca de novos horizontes vem de dentro, da intimidade do Espírito, pois o que acontece fora, na dimensão exterior, é representação de sua mente instigante. Os saberes se refundem por força das necessidades e da evolução do próprio Espírito. Em todos os campos do conhecimento humano novos paradigmas surgem, provocando voos maiores que

capacitam o Espírito a ir cada vez mais longe. Tocar as estrelas é meta imediata, mas não suficiente, pois os horizontes do Espírito se perdem no infinito.

Em paralelo, um pouco antes do surgimento da Física Quântica, o Espiritismo, com suas consistentes teses a respeito da imortalidade, vem também impondo uma nova compreensão do Universo e da realidade, mesmo sem ser um dos *players* do mundo científico. O saber espírita também é observado na sociedade, em que há uma maior exposição de conceitos que denunciam a compreensão da dimensão espiritual, sem que tal decorra de uma ação institucional de seus núcleos de estudos.

Da mesma maneira que as teses espíritas naturalmente se comprovam, sua própria abordagem sobre o mundo também vai se modificando. Mesmo considerando que são os mesmos Espíritos que reencarnam, a sociedade que formam não é a mesma, muito menos eles se mostram iguais. Suas ideias foram atualizadas, não só graças à própria evolução, mas também à crescente interação entre culturas no mundo, nunca antes ocorrida. Por outro lado, seus divulgadores estão se atualizando ou terão que fazê-lo. Nota-se, mesmo que timidamente, algumas contextualizações que tornam mais palatável o que é apresentado. O discurso geral ainda é messiânico e imediatista para uma aceitação da vida após a morte como uma recepção em algum lugar agradável e organizado no Além. A problematização não é da vida e existência do Espírito, mas de sua salvação quanto aos erros cometidos no passado e sua redenção em uma nova encarnação notadamente sacrificial e, muitas vezes, expiatória. Estas são novas e revolucionárias ideias, porém ainda apresentadas em um formato arcaico e com alcance pequeno.

A presença do Espiritismo influenciando o conhecimento da dimensão espiritual não é visível nem considerada pelo mundo científico, provavelmente pela sua proximidade com o saber religioso. Mesmo compreendendo inevitável esta associação e até mesmo necessária, é preciso tratar certos temas fora dessas considerações. As teses espíritas (imortalidade, reencarnação, mediunidade etc.) são fundamentos religiosos, ou pelo menos fazem parte de suas considerações, mesmo sendo negadas. São temas que tratam de realidades, mas ainda considerados artigos de fé,

propositadamente moralizados, pois se enquadram nas ideias que sustentam a proposta de reforma interior e de evangelização vigentes. De fato, são fundamentos para estes importantes propósitos, mas não são os únicos nem devem se restringir a esta abordagem. Esta restrição e este viés tornam estes temas desinteressantes ou controversos, retirando-os das academias científicas e de centros de estudos sérios e afastando estudiosos, o que adia a utilidade que a consciência daqueles princípios traria para a sociedade. Portanto, provoca prejuízo pessoal, social e espiritual, inerente ao estágio de desenvolvimento em que se encontra a sociedade. Paradoxalmente, o número de teses acadêmicas sobre esses temas tem aumentado, sobretudo no Brasil, porém com abordagem, muitas vezes, ainda dentro daqueles propósitos.

Os adeptos e seguidores mais convictos do Espiritismo, bem como os que se dedicam a sua divulgação, estão adquirindo maior senso crítico e distanciando-se do discurso rígido, romântico ou excessivamente messiânico que caracterizou o período compreendido entre o seu surgimento e o final do Século XX. Este discurso estava consoante à época, os recursos e o entendimento possível. Era uma época em que o *zeitgeist* dominante era o de convencimento pelo exemplo pessoal, pela comprovação científica, pelos fatos irrefutáveis, pela manifestação física quase material dos fenômenos. De certa forma ainda é assim e não poderia deixar de ser, porém é necessário ir mais além, atingindo o processo de autotransformação e autodeterminação do Espírito. Hoje, o Espiritismo deve ser divulgado para que o ser humano encarnado tome consciência de sua condição de Espírito imortal e, com esta realidade, passe a se transformar e a mudar o mundo a sua volta, diferentemente de antes, cujo objetivo era provar a existência do Além.

Os modelos à disposição, em que pese o bom trabalho pela divulgação das teses espíritas, não conseguiram fugir de suas próprias tendências de personalidade, com características típicas de quem precisava resolver algo do passado reencarnatório, mantendo os traços de quem atendeu ao arquétipo do clássico “chamado religioso”. O “chamado” deve ser entendido como uma atualização pessoal do contato com o mediúnicos, o espiritual ou com o *numinoso*. Por conta das demandas de seus crentes, transformaram-se em oráculos, tendo que apresentar demonstrações

explícitas de possuírem virtudes de forma repetitiva e superlativa. Isto contribuiu para a conquista de maior credibilidade, mas também favoreceu que suas teses fossem tomadas apenas como preceitos de uma nova religião cristã. Em acréscimo, parecia a todos que havia uma velada competição entre segmentos religiosos oriundos do tronco cristão católico, sendo o Espiritismo aquele que tinha um apelo mais moderno.

A influência da personalidade dos líderes, médiuns e divulgadores espíritas na forma e conteúdo de suas mensagens é fenômeno inevitável, visto que, é pela mente humana que o fenômeno se processa, não sendo possível, salvo nos eventos de efeitos físicos, algo acontecer fora desta esfera, o que torna a mediunidade e tudo quanto se produz sob esta denominação algo que humaniza a dimensão espiritual. Essa influência denuncia que ninguém consegue fugir de si mesmo nem obtém a neutralidade quando se trata da mediunidade de efeitos inteligentes. Este viés não significa um problema nem tampouco um inconveniente para a detecção das diferenças entre o fenômeno anímico e o mediúnic. Ambos se dão entre dimensões em que o humano se encontra. O psiquismo é o meio do Espírito, campo em que se encontram as ferramentas para a manifestação de seu pensamento quando pretende apresentá-lo na dimensão da matéria.

O Espiritismo traz revelações de alto valor evolutivo para o ser humano, para sua organização social e para a vida em geral, razão pela qual deve ser compreendido em sua profundidade e inteireza. Isto requer atualização constante, adequação de metodologias na divulgação e no trabalho constante na busca pela interação de Espíritos de ambas as dimensões. Há um vazio a ser preenchido no que diz respeito a que atores desempenhariam este papel. Não há representatividade por conta dos objetivos das instituições constituídas para o estudo e prática do Espiritismo. Este papel pode ser ocupado indistintamente por qualquer pessoa ou instituição, desde que seus estudos sejam universalizados e se tornem disponíveis ao crivo coletivo.

O fato é que há tendências que estão influenciando o modo de divulgar, entender e praticar o Espiritismo, sobretudo entre os mais jovens, cuja mentalidade se estrutura de acordo com os inegáveis avanços tecnológicos

que acabam por determinar novas formas de lidar com o que é espiritual. Há o risco, caso não haja uma atualização dos métodos, e sobretudo da compreensão contextualizada dos conceitos espíritas, de se dogmatizar a expressão do significado fundamental do para que surgiu o Espiritismo. A mente do Espírito não é a mesma de dois séculos atrás. Seu funcionamento está mudando com a inserção do universo psicológico e do virtual, provocando distintas percepções do mundo e da realidade espiritual.

Esta atualização compreende a discussão de vários temas, sobretudo daqueles que impactam diretamente o entendimento preciso dos conceitos básicos do Espiritismo e de seus objetivos. Faz-se necessária a discussão de alguns temas cuja compreensão tem extrapolado os entendimentos convencionais consagrados e que se relacionam a conceitos espíritas.

É preciso um adequado estudo das linguagens para o uso de termos e expressões compatíveis com o significado das teses e conceitos do Espiritismo, sem atrelamento obrigatório à letra que as formulou. O uso de antigas expressões dogmatiza as ideias e dificulta novas e atuais compreensões que estão sendo exigidas pela mentalidade atual do Espírito. Impõe-se a contextualização do conhecimento, com o gotejamento e inclusão de novos saberes gerados após o surgimento do Espiritismo, em uma visão trans e interdisciplinar, principalmente após o surgimento da Física Quântica e das mudanças ocorridas na vida em sociedade com a ampliação do grau de liberdade conquistada pelo Espírito.

As concepções maniqueístas, com o enquadre limitado e indutor de fronteiras ao aprendizado do Espírito, suscitam o surgimento de novas concepções além da dialética da evolução, com a compreensão de que existem outras possibilidades de entendimento além dos opostos. Novas concepções surgem quando se extrapolam os limites do enquadre de considerar e julgar as experiências da vida como relacionadas exclusivamente ao bem ou ao mal.

Tem-se de ir à busca da compreensão atualizada, de acordo com informações obtidas em outras culturas, sobre governança espiritual, com o entendimento da existência da multiplicidade e diversidade dos grupos espirituais que circundam a Terra com seus diversos interesses e modos de

convivência de seus habitantes, cuja organização vai além do julgamento exclusivamente moral.

Também da adequação do modo de relacionamento entre pessoas encarnadas e desencarnadas, com igualdade de tratamento e sem submissão ou hierarquização nas comunicações. Nas relações em que ocorrem inspirações para obras sociais e religiosas, com notória identidade de interesses, as relações de parceria seriam mais adequadas, com idêntico nível de responsabilidade.

Mais ainda, da dessacralização da mediunidade, com sua conseqüente naturalização para que se possa incorporar seu uso e sua inclusão nas experiências comuns da vida diária. Sem excluir seu uso caritativo e institucional, há que explorar outras utilidades para a evolução do Espírito, bem como para o desenvolvimento da sociedade.

Não se pode prescindir de uma compreensão mais específica da reencarnação, com a percepção do que reencarna, sobretudo do entendimento da relação entre o Espírito e o personagem que ele gera a cada nascimento, na dimensão material. Isto requer um estudo mais apurado das razões do esquecimento do passado, das tendências que determinam comportamentos e das predisposições que modificam o destino humano.

Também do entendimento adequado da morte, compreendendo a continuidade de uma vida na outra, sem serem opostas ou serem consideradas uma a sombra da outra. A desencarnação merece ser compreendida não mais como uma fatalidade trágica ou uma separação, mas como entrada em uma nova sociedade para construção de um novo personagem.

Ademais, da avaliação da conhecida proteção espiritual, em oposição à conquista da autodeterminação, estabelecendo um novo entendimento dos limites da reforma interior ou íntima. A autodeterminação é a meta do Espírito, alcançável com a integração de novas e diferentes habilidades evolutivas, cujos limites vão além da aquisição de virtudes.

Precisa-se realizar estudo compreensivo a respeito da diferença entre a ideia de Deus e o Criador, considerando a importância da concepção humana a respeito da Divindade e sua influência no destino pessoal.

Também avaliar as disposições psíquicas em face dos diferentes modos de relacionamento com a ideia de Deus, bem como se processam as experiências em que a Vida situa o Espírito.

Amplio estudo sobre o impacto da utilização de novas tecnologias na relação com a dimensão espiritual e sua influência na mediunidade também precisa ser feito. Esta análise deve se estender à forma como o uso das novas tecnologias pode favorecer o aprendizado do Espiritismo, sobretudo no ensino a distância, bem como interferir positivamente na comunicação mediúnica.

Adicione-se aos demais, estudo compreensivo sobre o adequado entendimento da causalidade, sobretudo a noção de carma e seus limites, ampliando seu alcance para a noção de predisposições e a adequada avaliação da influência da culpabilidade e da expectativa punitiva nas experiências expiatórias e nas possibilidades de manipulação consciente do destino pessoal e coletivo pelo próprio Espírito.

Há uma realidade que pode ser vista e vivenciada por todos, sobre a qual se estabelece uma doutrina, como um conjunto de princípios que servem para a construção de um sistema que possa ser logicamente compreensível. Sobre este sistema é possível estabelecer diferentes modos de entendimento que justifiquem uma enorme quantidade de práticas experimentais nem sempre fundamentadas na realidade e na doutrina. Assim podem ser compreendidas muitas práticas consideradas espirituais que são apoiadas na Doutrina Espírita e justificadas por seus princípios, porém distanciadas da realidade tal qual de fato existe.

A doutrina do Espiritismo foi concebida como um sistema que apresenta uma realidade a ser conhecida por aqueles que se dedicam ao estudo do espiritual, do fenômeno mediúnico e do funcionamento geral da vida com seus complexos processos existenciais. Acontece que se toma o Espiritismo, no modo descrito, como sendo a própria realidade, nele estabelecendo práticas experimentais que se afastam da real natureza dos fenômenos do Universo. Portanto, é possível perceber três diferentes níveis de concepção e de análise do que trata o Espiritismo: a) a realidade da dimensão espiritual; b) a doutrina que descreve esta realidade, segundo o viés filosófico e religioso; e c) diferentes práticas experimentais que se

baseiam na compreensão de cada grupo espírita ou não. Resumindo: Realidade, Doutrina e Prática. Um olhar analítico despretenso constatará a predominância do entendimento doutrinário-religioso que norteia a prática espírita, o qual se torna cristalizado, necessitando de melhores descrições da realidade espiritual.

O Espiritismo é a melhor descrição da realidade espiritual, cuja doutrina sugere práticas muito próximas da natureza essencial das coisas. Porém necessita ser também apresentado descolado da rigidez da letra com que foi concebido, sem necessariamente ter seus livros clássicos modificados ou alterados para atender às exigências de modernismos apressados. Novos entendimentos, novas linguagens e novos modos vivenciais precisam ser apresentados aos Espíritos deste século, através de novas obras que venham a acompanhar o progresso já integrado à consciência que evoluiu. Longe do desejo de substituir ou tomar o lugar de Allan Kardec ou de querer modificar uma vírgula do que por ele foi descrito, o que se pretende é flexibilizar a mente para que, agora renovada, apresente a realidade que já pode ser vista de novos e diferentes ângulos. É o Espírito que quer entender a partir de novos voos evolutivos.

1. O Canto

Os pássaros cantam, voando ou não. Seu canto é sua linguagem. O som que brota de suas gargantas vem da Natureza, do Inconsciente animal, do primitivo objetivo. Tudo obedece a algo incompreensível e inalcançável. O que é objetivo é o que se passa na intimidade do psiquismo. A subjetividade nasce do olhar sobre a realidade considerada. O pássaro canta por algo que o impulsiona para que atenda ao que, em seu psiquismo, lhe falta. O automatismo impera neste estágio da evolução, em que a linguagem é expressa sem a possibilidade de fazer outra escolha para representar o que se passa consigo.

Contrariamente, o ser humano pode escolher diferentes maneiras de expressar o que se passa em seu mundo interior. Seu canto, por exemplo, apresenta diferentes emoções, variadas tonalidades e conteúdos que demonstram sentimentos e objetivos distintos. Nele, o automatismo ocorre em parceria com o livre-arbítrio, sinalizando que a evolução promoveu mudanças no seu agente. Com assertividade, sua linguagem, musical ou não, atende a propósitos pessoais e coletivos cada vez mais conscientes do que ele próprio deseja alcançar. A subjetividade se confunde, em sua consciência, com a objetividade, invertendo-se o grau de realismo, pois, para o Espírito, o consciente é o que se passa em seu mundo interior. Assim é para que se aproprie cada vez mais da Natureza, compreendendo-a como sua aliada e capaz de ser modelada para que atenda suas necessidades evolutivas.

Nesta interação com a Natureza, o Espírito percebe que tudo que vê, sente ou intui pertence à esfera subjetiva, constituindo algo que se encontra fora de seus domínios, mas parte integrante da própria personalidade. Entendendo que, a cada fase de sua evolução, modifica seu psiquismo, atualiza conhecimentos, utilizando-se de novos métodos para a percepção do meio e de sua própria identidade, compreende que nunca é o mesmo,

pois ganha cada vez mais habilidades nos processos existenciais e experiências de que participa.

Integração de habilidades

Integrar habilidades é adquirir competências úteis para aplicabilidade na vida, o que proporciona maior capacidade para encarar novos desafios e para alcançar a complexidade crescente que caracteriza a evolução. As habilidades devem ser integradas ao Espírito com reflexos na personalidade e conseqüentemente no comportamento geral. Implica a assimilação do conhecimento integral sobre as coisas em seus mínimos detalhes, visando o estabelecimento da consciência de sua própria individualidade. Esta integração promove a agregação de novas capacidades que viabilizam melhores possibilidades de adaptação social. O que é integrado torna natural a atitude antes meramente operacional, feita por dever ou visando fins específicos. Integrar é mais do que ficar sabendo, mais do que conhecer, mais do que entender, mais do que compreender, mais do que instruir-se, mais do que ter a cognição sobre objetos e realidades, pois determina o gravame do que resulta das experiências na essência do Espírito. Quando ocorre a integração, o que resulta passa a fazer parte do automatismo psíquico, que se dá pela consciência das etapas do processo de aprendizado que ocorreu.

Com a integração de habilidades, a pessoa passa a agir espontaneamente na execução da razão dos objetivos dos valores que utiliza em suas experiências, pois o conhecimento torna-se uma impregnação psíquica. Trata-se da incorporação de um novo modo de ser à natureza pessoal e às próprias tendências, o que constitui a razão das virtudes que são consideradas superiores. A partir daí, ocorre o agir de forma natural, sem a consideração de que há excepcionalidade no ato executado, e não haverá surpresa na reação dos outros quanto ao que é e como o faz. Nesta condição, transforma-se a ação bem sucedida em filosofia natural de ser, incorporada como traço de personalidade. As ações acontecerão conscientemente, como quem atua da melhor maneira sem a preocupação de ser modelo de comportamento. Quando se trata da prática de virtudes, o

ato resultante de uma experiência vivida torna-se condição psíquica que determina um traço de personalidade, fazendo com que aquilo que foi vivido, aprendido e assimilado faça parte do próprio caráter.

Tratando-se da vivência de experiências positivas, em que há a realização do bem ou se deseje o melhor para o outro, a integração de habilidades acrescenta às tendências tudo o que caracteriza uma pessoa altruísta. Na integração das habilidades, acrescenta-se ao Espírito o que resultou das experiências gravadas no perispírito, tornando-o consciente, portanto, transformando a experiência vivenciada em hábito natural. A integração significa compreender e assimilar a complexidade dos processos psíquicos, tornando-se, o que foi aprendido, mais um elemento para a consolidação de novos paradigmas. Com a integração, o Espírito identifica com mais facilidade o que se passa a sua volta, tornando-se mais apto a encontrar, simplificar e solucionar os complexos problemas que apareçam. A assimilação do saber com a integração de novas habilidades intelectivas contribui para o aperfeiçoamento do Espírito e para o entendimento profundo do sentido e significado da vida.

Quando o Espírito de fato integra novos e significativos valores, lida bem com situações complicadas, apresentando soluções simples e eficazes que, simultaneamente, lhe trazem bem-estar pessoal e ao próximo. A integração implica a apreensão plena dos elementos cognitivos e subjetivos que compõem a experiência vivida, transformando o ato em componente subjetivo da personalidade. Trata-se de um processo automático em que ocorre uma alquimia interior que psiquifica um comportamento, capacitando o indivíduo, a partir da vivência de experiências, para o desempenho de novas tarefas. Na integração de habilidades, ocorre a apreensão definitiva de um saber com a passagem da obrigação para o uso espontâneo, natural e automático, com a transformação do conhecimento em tendência adquirida. Como exemplo, a prática da caridade deve tornar o indivíduo uma pessoa bondosa pela assimilação de seu real significado, integrando a bondade a suas tendências. A repetição da prática da caridade com a consciência de que o ato está sendo executado em proveito de quem dá e de quem recebe o benefício, conjugado com um real sentimento de compaixão e, principalmente, com a absoluta isenção de superioridade em

relação ao outro promoverá a gradativa integração da habilidade de ser bondoso.

Atualização das linguagens

A evolução do Espírito pressupõe novos entendimentos sobre antigos conceitos, exigindo a mente aberta aos significados que se renovam, para o que é preciso encontrar novas linguagens, com adequadas palavras e expressões que o façam compreender melhor a vida, de acordo com o próprio desenvolvimento pessoal e coletivo. A mudança que ocorre quando o Espírito reencarna numa outra cultura, bem como as interações sociais por força da internet, propicia o surgimento de novos modos de conceber e conceituar a realidade com suas múltiplas experiências. Atualmente, com a força da comunicação instantânea no mundo, novos entendimentos estão surgindo, por exemplo, sobre o conceito de personalidade, atingindo a identidade representativa do Espírito na Terra. A imagem coletiva, externa e bem definida do ser humano, homem ou mulher, exigida pela tradição e pelos costumes, tem se diluído de tal maneira em inúmeras representações que se torna, muitas vezes, difícil definir quem é quem. A “desidentificação” entre o ser humano homem e o ser humano mulher e suas respectivas imagens padronizadas torna-se cada vez mais evidente.

O uso das mesmas palavras pressupõe, *a priori*, as mesmas compreensões, enrijecendo a consciência sobre o entendimento das coisas ao longo do tempo, dificultando a ampliação das ideias e de seus significados. Implica a cristalização de um modo de entender aquilo que obrigatoriamente deve ser atualizado, acompanhando o amadurecimento do Espírito. Sem esta atualização, sobretudo a respeito de um saber que ficou no domínio do simbólico e da fé, tratado sem a lógica dos fatos e de uma realidade altamente mutável, será inevitável a petrificação de seu entendimento.

Não se trata de simplesmente promover novas interpretações das ideias e conceitos antigos, mas do seu reexame para que surjam diferentes possibilidades de aprendizado, que pode ir além do que foi inicialmente

compreendido. Claro que novas interpretações sobre velhos conceitos e ideias podem trazer diferentes luzes ao entendimento atual, o que reforça a necessidade de ir além do que e como foi manifesto verbalmente e por escrito no passado.

As palavras, frases e enunciados que expressavam as ideias e os conceitos foram formulados em um universo restrito, utilizando-se dos conhecimentos existentes, sem o detalhamento do raciocínio que as fundamentaram. O Espírito era limitado pela sua própria ignorância e pela mentalidade coletiva que sempre exige uma igualdade nos entendimentos. A mentalidade coletiva é formada pelo alinhamento de entendimentos comuns a respeito de tudo quanto deva ser uniformizado, em adequação a disposições psíquicas forjadas pelas experiências vividas socialmente. Estas disposições psíquicas tornam-se modos rígidos de entendimento, de síntese e de compreensão da realidade. Tudo que deve ser expresso, conceituado ou compreendido passa a circular por estas disposições psíquicas relativas a cada pessoa. Este padrão não se quebra senão por uma forte determinação de se distanciar do modo coletivo de ser, assumindo-se como uma singularidade.

As ideias e conceitos tornaram-se simbólicos quando surgiram novos paradigmas que trouxeram uma compreensão mais ampla e, simultaneamente, mais específica de seus conteúdos. Com esses novos paradigmas, aqueles velhos conceitos necessitariam ser interpretados, pois surgiram novos entendimentos a respeito. Manter a mesma linguagem é desprezar a evolução do Espírito e da realidade que o cerca. O eu consciente passa a exigir entendimentos mais amplos e, simultaneamente, mais profundos sobre as coisas que são o objeto de sua percepção. Sem esta atualização a evolução não aconteceria.

O termo linguagem, aqui expresso, não quer dizer apenas a expressão falada ou escrita, tampouco simplesmente a ideia que se pretende explicar nem as imagens que se formam para a manifestação da comunicação que se intende estabelecer. O conceito, neste momento, requer o entendimento de que se trata da construção psíquica anterior à ideia, portanto, a compreensão das bases cognitivas e culturais que formam o conceito que se pretende expressar. É preciso refletir sobre as imagens psíquicas que servem de

contributo para a associação de pensamentos que irão forjar a formação da ideia. Quando se utilizam as mesmas imagens e as mesmas ideias para a formação de um conceito, está-se estagnado na mesma compreensão arcaica e cristalizada. Por exemplo: o que antes era chamado apenas de morada do ser humano passou a ser conhecido como casa, apartamento, lar, hotel etc., pois houve a atualização da ideia de moradia, portanto, foram necessárias novas imagens. Do mesmo modo, quando se afirmava que o ser humano deveria sumariamente perdoar uma agressão que lhe provocou mágoa ou desejo de revide era porque ainda não se entendia que novos processos mentais surgiram exigindo novo entendimento sobre como resolver a questão. Não se analisava a geração das emoções envolvidas na relação que desencadeou o problema; havia desconhecimento sobre a formação de *complexos* psicológicos inconscientes alimentados pela nova experiência emocionalmente vivida; não se percebia que a atitude sumária de como o perdão era exigido provocaria no outro um reforço positivo do inadequado comportamento agressivo; bem como eliciaria a fragilização da autoestima do agredido, sobretudo com a gravação do ocorrido em sua memória afetiva como algo negativo. Tudo isto acontecia sem que o indivíduo se desse conta, forçado por um entendimento simplista a respeito do perdão, que nunca era dado ser questionado.

Claro que o ser humano deve perdoar quando se sente agredido, mas é preciso compreender o que acontece psiquicamente em um e no outro, entendendo que o ato do perdão se trata de um conjunto de ações bem encadeadas e não tão somente um comportamento instantâneo e que irá supostamente lhe proporcionar o esquecimento do ocorrido. Quando se pensa em perdoar ou em ser perdoado, deve-se entender que se trata da afirmação de que se tem que viver várias experiências que culminam em um estado de espírito que libera a consciência da prisão de emoções psiquicamente desestabilizadoras. Assemelha-se a quando alguém diz que vai viajar a determinado lugar, entendendo a afirmação como um conjunto de atitudes que serão executadas dentro de um tempo em que viverá diferentes emoções e terá que executar vários passos para alcançar seu destino.

A afirmação de conceitos, utilizando-se da mesma linguagem consagrada por uma cultura por muito tempo, enrijece a mente, dificultando

a possibilidade de novas compreensões. Quando se utilizam as mesmas palavras, fortalece-se a possibilidade de geração de um dogma a elas associado. O desenvolvimento do saber humano individual e coletivo promove o aparecimento de lacunas nos enunciados dos conceitos, pois os fatos são agora vistos com a amplitude favorecida pelo surgimento de novos paradigmas. Quando se diz que uma coisa é, descrevendo suas partes, utilizando-se da percepção fundamentada em paradigmas absorvidos conscientemente na crença de serem os mais atuais, mais profundos e que dão a perfeita compreensão do objeto, não se imagina que todos os fatores envolvidos neste processo de emissão de um conhecimento se modificam constantemente. O sujeito, a mente, a percepção, o meio e o objeto se modificam de maneiras distintas e em tempos e velocidades diferentes. Mantêm-se os mesmos modos de entendimento, por algum tempo, por segurança e para a integridade de domínio sobre o objeto, mas a Vida se encarrega de promover mudanças para que se evite a estagnação danosa à evolução. Tudo muda, até mesmo conceitos, ideias e entendimentos, pois nada no Universo é estático, também o que é subjetivo.

O psiquismo humano evolui com o próprio Espírito. Esta evolução implica maior compreensão do significado oculto na manifestação escolhida, seja escrita, pela fala ou pela imagem. Os conceitos, antes considerados inamovíveis, requerem a liberdade de novos entendimentos, permitindo que surjam novas interpretações. Não se trata de destruir ideias, conceitos clássicos e entendimentos consolidados pelo saber humano, muito menos de considerar que foram equivocados, mas de entender que tudo evolui e o novo sempre surge para justificar e simultaneamente permitir a ampliação da Consciência do Espírito imortal. Portanto, não se trata da contestação do antigo entendimento, pois ele foi adequado às condições psíquicas e coletivas de sua época, mas de contribuir para atender à sede do Espírito em conhecer-se e em entender os mecanismos divinos. A mente, órgão perispiritual do Espírito, atualiza-se constantemente, exigindo a ampliação de concepções consagradas, não só porque merece contextualização adequada, mas também para que acompanhe o processo de evolução inexorável.

Evoluir é integrar habilidades com conseqüente ampliação do saber sobre as coisas. Esta atualização não deve causar receio aos que sabem

sobre a dimensão espiritual, pois não se destrói o que é real. O Espiritismo lida com realidades, não com crenças frágeis ou com ideias imaginadas pela ficção humana. Nada a temer quando se lida com leis naturais e com fatos universais. Novas linguagens abrem possibilidades de se acompanhar o progresso, atendendo aos anseios de quem reencarna e não quer se submeter ao pensamento dominante e limitado pelas contingências materiais e pela cultura ainda filosoficamente materialista.

Os modos consagrados de entendimento do que é espiritual não estão errados nem devem ser considerados obsoletos. Mas é possível encontrarem-se outros, segundo diferentes paradigmas, que permitem uma atualização da consciência e um outro olhar sobre o que é disposto ao Espírito.

Quando se afirma que a água serve para eliminar a sede, está-se atribuindo a ela uma função universal, válida em todas as épocas. Mas quando se diz modernamente que a água pode gerar energia elétrica, dá-se a ela um caráter particular, válido tão somente para uma outra época, recente e após o surgimento do conhecimento científico, em que o psiquismo humano se tornou capaz de entender esta possibilidade. Neste novo cenário, chama-se a água de fluido, cuja queda pode se transformar em energia mediante uma engenhosa e complexa capacidade técnica. A atualização da linguagem decorreu da evolução da inteligência humana, abrigada num psiquismo agora mais criativo. Esta atualização não retirou da água a qualidade de eliminar a sede. Agora, com o desenvolvimento de novas habilidades intelectivas do Espírito, acrescentou-se uma outra função, podendo então ser denominada de substância capaz de gerar energia, tanto para o corpo humano quanto para uma usina elétrica. Assim é com todo saber humano, seja científico, religioso, filosófico ou empírico.

Anjo e Espírito superior

Ao dizer-se que o ser humano evolui para a condição de anjo, está-se enrijecendo o entendimento de que a angelitude é o destino futuro de todos. Tem-se que entender que a afirmação, antes compreensível em um contexto

religioso de uma época, é hoje, porém, metafórica carecendo, portanto, de entendimento adequado. Anjo é uma abstração de uma época em que se ansiava por um céu, cujo acesso só seria possível mediante o uso de asas. O anjo não se materializava nem andava, mas voava. Simbolicamente, pressupõe uma sublimação e conseqüente distanciamento da vida humana. Algo mágico em negação a aquisição de habilidades evolutivas pela vivência de experiências comuns, sem que se pense necessariamente em vulgaridade. Tudo direcionava para o entendimento de que a evolução se dava pela forte obediência ao deus fabricado para esta finalidade. Não há, porém, um céu lá em cima nem muito menos embaixo com anjos alados, mas múltiplas dimensões para que o Espírito, em contato com outros, continue apreendendo as leis de Deus. Ocorre que a ideia de angelitude corresponde às matrizes que contêm conceitos morais, restritivos, em contraposição ao desenvolvimento de novas habilidades em viver na realidade cada vez mais desafiadora que é oferecida ao Espírito. Essa ideia está em sintonia com o conceito de que a vida material, instintiva e humana se opõe à evolução do Espírito. Conceitos morais deste tipo impõem limites ao Espírito e a sua possibilidade de vivenciar importantes experiências em suas encarnações. Transferem a evolução exclusivamente para a vida fora da carne ou desprezando-a. Restringir a evolução aos aspectos morais e intelectivos pertencentes à determinada época limita a própria evolução do Espírito. Não se trata da negação da necessidade do aprendizado ético que contribui para o desenvolvimento de virtudes, mas de entender que a angelitude, caso exista, deve ser útil entre seres que se encontram fora da vida humana comum, portanto, inadequados à vivência nesta dimensão. A afirmação de que o ser humano evolui para atingir um grau de maturidade, autodeterminação e qualidade ética da personalidade estaria mais coerente com a razão para qual possui a imortalidade.

Os chamados Espíritos superiores não devem ser compreendidos como se fossem anjos ou algum ser à parte na criação de Deus, mas tão somente como uma pessoa desencarnada cujos propósitos são declaradamente voltados para o bem e que agem com profunda sabedoria. A qualificação de superior ou inferior é meramente circunstancial, atribuída pela intenção e pelo grau de conhecimento da pessoa desencarnada, não sendo uma classe diferenciada de seres humanos.

Anjo de guarda e Espírito protetor

Ao dizer-se que todos têm um anjo de guarda está se passando duas ideias distintas. A primeira, diz respeito ao significado da palavra anjo, já explicitado; a segunda, ao sentido de guardar, relativo aos medos da época em que o termo foi criado, ao obscurantismo característico, à escuridão física e psíquica, à falta de esclarecimento quanto à vida espiritual e à necessidade de proteção contra o “mal”. Este mal era descrito como gerado por um ente físico, real, externo e extremamente assustador. Os anjos de guarda representavam a presença do deus necessário para se contraporem à forte e constante presença do mal e de seu causador. Era a segurança possível, enquanto o próprio Espírito não adquiria maturidade para lidar diretamente com ele. Ao afirmar, hoje, que o anjo de guarda se trata de um Espírito protetor, há apenas a alteração da primeira ideia, pois Espírito difere de anjo; conserva-se, porém, a segunda, fragilizando o ser humano, mantendo-o vulnerável às investidas daquele agente causador. É evidente que se pode atribuir a intenção de proteger a um Espírito, mas no Mundo Espiritual não há tal função definitiva nem classe específica exercida ou integrada por pessoas desencarnadas. Chamá-lo de protetor é uma adjetivação atribuível a qualquer Espírito, independentemente de seu grau de evolução. Pela consciência de que o ser humano deve adquirir seus próprios meios de proteção, ou mesmo pela necessidade de enfrentamento do que ele considere como sendo um mal ou ainda pela compreensão que adquiriu a respeito da vida espiritual, não só não há necessidade da permanência daquela proteção, como, na sua ocorrência, limitá-la ao estritamente necessário, optando pela educação de como aprender a se proteger. O objetivo dos Espíritos desencarnados é possibilitar que todos aprendam a lidar com o que temem ou com o que desconhecem, sem que eles deixem de contribuir para eventuais proteções a seus pupilos. A ideia de proteção contra o mal, presente nos textos, orações e nos princípios religiosos, carrega o conceito de que se trata de agir contra algo externo, que vem de fora e que atinge aos incautos, desprotegidos e culpados. Trata-se de antigo pensamento de que havia um ente real que provocava o mal, diferentemente do entendimento moderno de que o Espírito passa por provas que lhe são úteis para sua evolução e que não são um mal em si. Atravessar circunstâncias desagradáveis ou lidar com o que considere mal

decorre de predisposições que carrega em seu mundo interior, carecendo de dissolução. Vale acrescentar que, por força da imortalidade e do livre-arbítrio, o Espírito faz suas escolhas julgando por si mesmo que existe algo que é certo e que é errado, que existe o bem e o mal, de acordo com a moralidade da época em que se situa, cujas polaridades são fruto de sua maneira provisória de conceber a realidade. O mal é um conceito, um ente abstrato e uma polaridade útil até determinado nível de evolução e que deve ser relativizado pelo Espírito, que, com a aquisição da maturidade, torna-se consciente de que se trata de algo que lhe pertence.

Espíritos desencarnados como pessoas

Antigamente se dizia que uma pessoa tinha um Espírito, considerando-se que todo ser humano era possuidor de uma inteligência. Esta afirmação embutia a ideia de que o conceito de pessoa diferia de Espírito, portanto, estava associada ao pensamento de que o corpo possuía um Espírito. Hoje tem-se que considerar que há um Espírito que possui um perispírito e que utiliza um corpo físico. Espírito desencarnado, possuidor de um perispírito, é uma pessoa, portanto, é um ser humano. Ter um corpo físico não é o que identifica uma pessoa, embora seja suficiente para destacar que é uma representação de um ser humano. Uma pessoa desencarnada, portanto, um espírito, é um ser humano. Um Espírito encarnado ou desencarnado, é uma pessoa. Ser pessoa é ter uma personalidade humana, construída a partir de fatores relacionais das experiências da vida em sociedade, seja ela material ou espiritual.

É necessário entender que seres humanos desencarnados são pessoas que têm as mesmas peculiaridades que caracterizam a natureza humana, independentemente de seus graus de elevação. Não são divindades, não são infalíveis nem se tratam de seres que, por terem alcançado um tal estágio de desenvolvimento, saíram da condição humana. Ao desencarnarem, os seres humanos continuam tendo uma personalidade humana, pensando e elaborando suas ideias de acordo com a condição humana de ser uma pessoa. Para deixar de ser uma pessoa, portanto, dotado de uma

personalidade, um Espírito desencarnado terá que sair deste planeta e habitar um outro que não seja constituído por seres humanos.

Quando se lida com desencarnados, tem-se que considerá-los preliminarmente como seres humanos, pessoas comuns, que não extrapolam esta condição por se situarem na dimensão espiritual ou por possuírem conhecimentos ainda não disponíveis aos encarnados. Quando suas histórias apresentam feitos extraordinários, sobretudo no campo moral, contadas a partir do viés religioso, tendem a induzir a ideia de que este é o parâmetro que define o que é ou não evoluído. Não são consideradas, deste ponto de vista, suas inabilidades, suas deficiências e seu desconhecimento de aspectos inerentes à vida social comum, o que não desqualifica um Espírito, não lhe retira seu saber no campo religioso nem é necessário que seja posto quando se estabelece uma comunicação mediúnica, mas é suficiente para entender que se trata de um ser humano como qualquer outro e, como tal, deve ser considerado.

Doutrinação e trato com Espíritos desencarnados

Quando se afirma que vai doutrinar um Espírito desencarnado, fato comum nas reuniões mediúnicas, está-se indiretamente dizendo que deve lhe instruir ou impor uma ideia, mesmo considerando que não é esta a intenção do ato. Doutrinar é falar sem ouvir, instruindo o outro em uma doutrina, cujo conteúdo é bem claro e definitivo, o que nos remete ao trabalho de diálogo com Espíritos desencarnados nas sessões mediúnicas ou no dia a dia da relação que se dá pela mediunidade. A palavra doutrinação é inadequada, pois não é este o objetivo do Espiritismo, e seus adeptos não devem se propor a doutrinar pessoas. Esse diálogo deve ser objetivo, sem cerimônias, como numa conversa comum, pois nada há de extraordinário na comunicação entre Espíritos; são pessoas, seres humanos normais, muitas vezes com a mesma maneira de pensar, sentir e agir dos encarnados. Quando se tratar de pessoas que estejam sofrendo do outro lado da vida, o diálogo também deve ser informal, objetivando a escuta, orientação e consolo. Em casos de obsessão espiritual, lidando com pessoas que

intencionam prejudicar outras, a informalidade também deve acontecer sem perder o objetivo de esclarecer quem se encontra com semelhantes intenções. Diálogos que denunciam medo, excessiva reverência ou doutrinação comum, sem uma escuta atenciosa e a empatia necessária para compreensão das razões envolvidas, tornam-se vazios. Os diálogos devem ser sempre naturais, tranquilos e de forma ao estabelecimento da harmonia na comunicação. Este tratamento natural, sem cerimonialismo, mas com a educação característica de toda pessoa civilizada deve favorecer o entendimento recíproco e a consciência de que se trata de uma relação entre pessoas, portanto, entre alteridades.

As reuniões mediúnicas são encontros, sessões de contato para crescimento mútuo, momentos de aprendizado e esclarecimento que devem se tornar comuns; nelas, dá-se a interação entre diferentes dimensões existenciais, com alguns temas conhecidos de ambas as partes e outros que requerem esclarecimentos de parte a parte. O estabelecimento de padrões rígidos para estas reuniões pode contribuir para que se tornem limitadas e de alcance curto quanto aos seus objetivos. As relações humanas têm evoluído para a informalidade, sem prejuízo de sua funcionalidade e do respeito entre as pessoas.

Hierarquizar a relação entre encarnados e desencarnados tende a torná-la forçada, mítica e distanciada da fraternidade, da igualdade, portanto, de um encontro pessoa a pessoa. Quando alguém afirma que vai doutrinar, coloca-se em posição de superioridade de quem detém um saber que o outro supostamente não possui. Quando se reverencia um Espírito desencarnado como superior, seja pela linguagem, pelo conteúdo ou pela emoção que se sente no momento, está-se distante da pessoa que ele é, anulando-se na relação, que deve ser entre pessoas que desejam se comunicar, independentemente das habilidades ou da suposta superioridade moral de cada um. Quando se trata de um Espírito muito agressivo, que tenha alto poder de intentar contra o mal às pessoas, mesmo com os riscos que envolvem este tipo de relação, o tratamento não deve ser diferente. A naturalização das relações entre aqueles que se encontram em diferentes dimensões requer a consciência de que seus agentes são pessoas e, como tais, devem e merecem ser tratadas, o que implica tranquilidade e serenidade, que devem ser conquistadas no contato com o mediúnico.

Espírito obsessor

Quando se afirma tratar-se de um Espírito obsessor que está tentando prejudicar alguém encarnado, ou que já atingiu sua consciência a ponto de lhe trazer certos transtornos, está-se criando uma casta diferenciada de pessoas desencarnadas como se se tratasse de uma categoria definida que parece diferir do humano. O termo obsessor induz a se acreditar na existência de uma classe definida de Espíritos desencarnados. Este sumário nivelamento, considerando aquele que, por alguma razão, intenciona atingir alguém e que lhe traz algum desconforto é um obsessor, dificulta a compreensão de que a sociedade espiritual é composta de diferentes pessoas que não devem ser categorizadas em função de suas intenções. A palavra obsessor estigmatiza a pessoa desencarnada, induz o encarnado ao medo, promove, portanto, a discriminação, conseqüentemente provocando um tipo de abordagem inadequadamente padronizada. Há que considerar que Espíritos desencarnados são pessoas; pessoas encarnadas são Espíritos. O termo, bem empregado para uma época em que não se tratava o outro com sua identidade definida, pois o fenômeno mediúnico nas reuniões tinha regras e limites, não deve ser utilizado indiscriminadamente. A época era de constatação de que se lidava com Espíritos com aquelas características, sem se ocupar em lhes identificar nominalmente. A identidade da pessoa era considerada secundária, o que impunha restrições na relação. Deve-se compreender que se lida com seres humanos reais, com traços de personalidade variados e que são mais do que perseguidores implacáveis, obstinados em fazer o mal às pessoas. Esta relação, mesmo no ambiente mediúnico institucional, deve ser de pessoa a pessoa, respeitando a alteridade de parte a parte. Há médiuns que não conseguem a precisão que a identificação nominal poderia requerer, o que não significa que não seja possível. O método de comunicação e a forma como ocorrem as relações nas reuniões mediúnicas devem ser pactuados entre aqueles que dirigem os trabalhos de ambos os lados, portanto, devem ser o mais harmônico e natural possível. Esta naturalidade não deve excluir a seriedade como deve ser feita a reunião. As possibilidades de ocorrerem mistificações promovidas pelo anonimato dos Espíritos desencarnados não são diferentes dos enganos que podem ocorrer quanto à constatação do real caráter das pessoas encarnadas em suas relações interpessoais.

Moradias espirituais

Quando ainda se afirma que há uma colônia espiritual, deve-se entender que se trata de um termo simbólico, visto que as colônias existiam no tempo do Império. O Brasil era uma colônia portuguesa, fundada no início do Século XVI. Em substituição ao termo colônia, seria mais adequado usar cidade espiritual, agrupamento espiritual ou sociedade espiritual. As sociedades constituídas de Espíritos desencarnados nem sempre são organizadas segundo preceitos patrocinados por uma religião ou por um conjunto de crenças. Em geral são organizações que seguem filosofias oriundas de seus fundadores, que imprimem regimes típicos de suas culturas. São inúmeros os agrupamentos de Espíritos em torno do planeta Terra e nos outros astros do Sistema Solar. A maioria das sociedades espirituais, cujos Espíritos desencarnados são oriundos de culturas ocidentais de tradição cristã, segue valores e normas religiosas típicas. A forte tradição religiosa nas sociedades espirituais deve-se ao fato de a vida espiritual estar associada à temática da morte e esta, à religião. Tudo indica que os primeiros desencarnados organizadores de cidades ou agrupamentos espirituais quando encarnados foram sacerdotes em suas culturas. Eles tinham um trato melhor com a temática da morte, o natural hábito de ajudar as pessoas e uma maior afinidade com pessoas desencarnadas mais evoluídas; tudo isto favorecia a constituição de organizações para abrigar os desencarnados que retornavam à dimensão espiritual da região em que se encontravam.

As descrições de sociedades espirituais trazidas pelos médiuns, além das reais características observadas, contemplam aspectos pertinentes aos objetivos de seus próprios trabalhos mediúnicos e ao que determinam seus guias ou conselheiros espirituais. A complexidade das aglomerações de espíritos desencarnados é tão grande quanto à dos encarnados, se não maior, o que exigia filtros adequados para trazer, por via mediúnica, tão somente as informações que pudessem oferecer alguma utilidade. Além das imposições determinadas pelo corpo físico, as exigências morais de cada época restringem as manifestações oriundas do Espírito imortal no que diz respeito a alguns aspectos da vida na dimensão espiritual, sobretudo em matéria de sexo.

Uso do Evangelho

Há uma dessacralização crescente e, como consequência, uma desritualização na Humanidade. Tudo quanto foi considerado sagrado, sobretudo na esfera religiosa, está passando por reformulações graças ao processo de aquisição gradativa de conhecimento, que lhe retira o mistério, dessacralizando-o. O sagrado é tudo aquilo que o Espírito relaciona diretamente ao Divino. Podem ser lugares, objetos ou pessoas, portanto, tudo a que o Espírito atribui uma certa transcendência e que, momentaneamente ou não, suspende o ego de sua forte ligação com a dimensão em que se situa. Esta dessacralização também se deve ao avanço cada vez maior das ciências e o consequente domínio do Espírito sobre as propriedades da matéria. O domínio dos fenômenos da Natureza, o controle sobre o próprio destino e as liberdades e garantias do direito individual conquistado conferem autonomia ao Espírito, tornando-o menos dependente de crenças e de conceitos não lógicos, antes fundamentados na fé. O que antes era somente atribuível ao poder de Deus, por influência da doutrinação das crenças religiosas, tem passado a ser de propriedade do ser humano pela ampliação de suas informações e pelo aumento de sua inteligência. A dessacralização não deve excluir a transcendência, que também necessita se diferenciar da evangelização das pessoas na forma de doutrinação sistemática. Portanto, o uso do Evangelho como norma de conduta ou como filosofia de vida deve ser libertador e não se tornar instrumento de submissão e inferiorização da criatura ante o Criador. Nota-se que os rituais sagrados estão sendo substituídos por experiências rotineiras de acesso ao Inconsciente. A internet, que possibilita o instantâneo acesso ao saber coletivo, tem contribuído para tornar o desconhecido rapidamente acessível. Informações antes improváveis de ser acessadas, o que ampliava o tamanho do Inconsciente humano, tornam-se conhecidas, permitindo que a Consciência passe a contar com uma supermemória auxiliar pronta para uso.

O fenômeno da Internet como um ambiente em que a informação transita instantaneamente, trazendo conhecimentos amplos, desafiando até

mesmo o sistema de ensino formal, tem promovido uma maior possibilidade de representação de conteúdos inconscientes, influenciando sobremaneira o comportamento humano. Este fenômeno contribui também para uma maior abertura a conexões mediúnicas, exigindo meios mais atualizados de promover o ensino de Espiritismo, o que implica o aumento significativo do volume de informações disponíveis ao ser humano. Graças a este moderno fenômeno, as interpretações do conteúdo do Evangelho, consagradas pela tradição religiosa, têm passado por mudanças. O fiel, crente cego do passado, deu lugar ao indivíduo esclarecido, cuja mente exige novos entendimentos além do que a velha fé não raciocinada oferecia. Hoje, utilizar os ensinamentos libertadores contidos nas falas de Jesus para julgar, limitar ou condenar o Espírito é não entender seu significado para a ampliação das consciências. Da mesma forma, querer transformar o indivíduo comum em exemplo de perfeição, aplicando-lhe lições cujas interpretações exigem mágica transformação, é encarcerar a alma em limites que a farão adoecer.

Este espaço, antes ocupado pela religião, que atendia com respostas prontas baseadas na fé, agora foi substituído pelos poderosos supercomputadores que armazenam as informações úteis. Não é mais possível aceitar que a religião afirme isto ou aquilo sobre temas controversos, sem que se consulte a internet para uma informação mais detalhada sobre o tema. Ou a religião acorda e acompanha a evolução humana ou continua dogmática, o que vale também para os divulgadores e estudiosos do Espiritismo quando pretendem restringir o Espiritismo ao evangelismo. Torna-o, de um lado, responsável por conduzir uma massa enorme de pessoas que se encontram no nível do ritual e que não acompanham o pensamento e a maturidade em que se encontra o que propõe o Espiritismo para o ser humano; do outro, há processos relacionados ao Cristianismo que seriam associados à religião que lhe sucedesse, que não seriam adequados. Pode-se citar a Inquisição, o domínio das consciências que levou a formação de um poder central, o dogmatismo doutrinário, o endeusamento de Jesus, a tendência de transformar os sacerdotes em oráculos sagrados e fiéis intérpretes de Deus, a exclusão do feminino etc.

Evangelização

Quando se pretende ensinar Espiritismo a crianças e a jovens, geralmente se utiliza o termo Evangelização Infantil. É evidente a clara intenção de promover o ensino da doutrina do Espiritismo pelo seu aspecto evangélico, de inquestionável valor. A evangelização é uma das importantes propostas do Espiritismo, cuja intenção é apresentar uma consciência ética ao Espírito. E as outras propostas? E a consciência da imortalidade, da reencarnação, da mediunidade etc.? Mesmo que tais temas façam parte do conteúdo pedagógico, serão apresentados de forma subsidiária, acessória e envolvidos por conceitos que podem lhes conferir um caráter exclusivamente moral, vale repetir, de inegável valor. Quando estes temas estão inseridos na evangelização, subtemde-se uma submissão, algo diferente do que propôs Allan Kardec ao analisar o Evangelho à luz do Espiritismo. A tendência religiosa no Espiritismo é um fenômeno natural, adequado ao conteúdo fortemente relacionado à imortalidade e à proposta de transformação moral. Há Espíritos, também desencarnados, de grande sabedoria e com largo conhecimento sobre a vida espiritual, que afirmam categoricamente que o Espiritismo é o Cristianismo redivivo (que voltou à vida, ressurgido, remoçado). Sem considerar que estejam errados, trata-se de uma leitura pelo viés da tradição religiosa, em parte com exclusão de outras formas de descrever o Espiritismo com redução de seu alcance. É importante levar em conta que a via religiosa foi a forma escolhida, ou possível, para apresentar a Doutrina Espírita, sendo a maioria de seus fundadores desencarnados ligados ao Cristianismo. Pode-se conceber que o formato religioso é também produto da cultura dos encarnados para os quais ela foi dirigida. Sem discordar da afirmação a respeito da continuidade do Cristianismo, a apresentação da Doutrina Espírita, principalmente para as crianças e os jovens, deveria ter um formato mais eclético e pedagogicamente mais moderno, sobretudo explorando seus principais conceitos como dados de realidade.

Cristianismo e Espiritismo

O Cristianismo é um importante tronco religioso de que nasceram várias crenças e que apresenta uma divisão muito mais ampla, em um grande mosaico de diferentes entendimentos, cujos principais ramos são: o Restauracionismo (anseiam pela restauração do Cristianismo primitivo), os Anabaptistas (advogam a necessidade de novo batismo do cristão na idade adulta, quando consciente de sua escolha), o Protestantismo (Reforma Luterana), o Anglicanismo (Cristianismo praticado na Inglaterra), a Igreja Católica Apostólica Romana (Cristianismo com sede no Vaticano, Itália, originário do sincretismo cristão com o politeísmo do Império Romano do IV Século d.C.), a Igreja Católica Apostólica Ortodoxa (Cristianismo oriundo do cisma de Constantinopla, que difere do que se instalou no Vaticano), as igrejas ortodoxas orientais e o Nestorianismo (dissidência do Cristianismo ocorrida no Século V d.C.) Cada um destes ramos se subdivide em outras denominações, comportando milhões de adeptos cujo psiquismo se adaptou ao Cristianismo com seus dogmas e rituais. Só muitos milênios para modificar o modo como o fiel cristão vivencia os ensinamentos interpretados. O Espiritismo, religião cujos adeptos se consideram cristãos, por sua vez, deu origem à Umbanda, com pequenas derivações em suas práticas, sem cismas ou diferenças profundas. Diferentemente daquelas denominações cristãs, o Espiritismo não se estruturou como um movimento religioso, muito menos foi iniciado por líderes religiosos que começaram pregando teses cristãs, mas decorreu de uma orquestração exclusivamente espiritual que, entre muitas teses, afirmava tão somente a imortalidade e praticava a mediunidade. Para reforçar a ideia de que o Espiritismo não seria uma continuação ou um novo Cristianismo, em anulação das outras denominações cristãs, ele não possui rituais, corpo sacerdotal ou dogmas fundamentados nas palavras de Jesus ou de seus apóstolos.

O Cristianismo universalizou-se por força do domínio institucional disseminado pelo Clero Romano, que impôs seus ritos e interpretações dogmáticas. Da mesma forma, com algumas variações, a Igreja Ortodoxa também impôs seu domínio no Oriente. Com o Espiritismo, as teses cristãs tiveram diferente destino. Pelas características que o Espiritismo adquiriu no contato com o povo brasileiro, tornou-se uma religião brasileira, cujo modo como é praticada, também fora do Brasil, não segue uma orientação central nem possui um alinhamento definido por qualquer líder. No Brasil, o

Espiritismo tornou-se uma religião, com milhões de adeptos que adotaram seus princípios, pautando-se pelo lema cristão “Fora da caridade não há salvação”. A prática da mediunidade institucional passou também a ser, no dia a dia, ao lado do estudo dos principais livros de Allan Kardec, a tônica dos milhares de Centros Espíritas espalhados pelo país.

Os objetivos das religiões cristãs e do Espiritismo certamente diferem. O Cristianismo objetiva evangelizar, catequizar, tornar cristão, doutrinar, angariar adeptos, salvar, conduzir ao Céu, afastar do Demônio etc. O Espiritismo, diferentemente, trata de Espíritos, de sua origem, destino, natureza e da relação com a dimensão material. Seu objetivo não é evangelizar (adesão ao Evangelho); é muito mais, pois pretende a conscientização do ser humano encarnado de que é um Espírito imortal. O Cristianismo se disseminou no mundo com várias interpretações, fazendo surgir diferentes denominações religiosas. O Espiritismo trouxe mais uma, não sendo hoje a mais nova. Apresenta, entre outras teses, diferente maneira de entender os conceitos cristãos, inserindo o olhar do Espírito imortal. Portanto, é melhor continuar trabalhando naquilo que é substancial no Espiritismo e que não é diretamente contemplado pelo Cristianismo – a tomada de consciência do ser humano encarnado de que ele é um Espírito imortal, como é de fato a vida na dimensão espiritual, a evolução do ser humano pela reencarnação e a continuação da prática mediúnica.

Allan Kardec, coerentemente com o surgimento da Doutrina Espírita com seus princípios soberanos, analisou o Evangelho à luz do Espiritismo no intuito de demonstrar que era possível uma outra interpretação de alguns de seus enunciados. Portanto, o objetivo não era fundar um novo Cristianismo ou reformá-lo. Mesmo que tenha denominado a Doutrina Espírita de Espiritismo cristão (*O Livro dos Médiuns*, Capítulo XXIX, Das Reuniões e das Sociedades Espíritas, item 350), referindo-se à união dos espíritas, não significa que tenha considerado que sucederia ao Cristianismo. É compreensível que seus adeptos, sobretudo os mais próximos do conhecimento evangélico, em um arroubo ufanista, graças à coerência e consistência de seus princípios e por se tratar de fundamentos calcados na realidade em leis da Natureza, o tenham considerado daquela maneira.

O Cristianismo, religião nascida dos ensinamentos de Jesus, como atualmente é vivenciado, teria que ser mutilado, reduzido e alterado em seus propósitos, caso passasse a ser praticado nos moldes espíritas. As ideias de Jesus foram disseminadas segundo as interpretações de seus apóstolos (ao que tudo indica, foi Lucas que denominou seus seguidores de cristãos), em particular de Paulo de Tarso, que mesmo não o tendo conhecido, acrescentou seu pensamento ao Cristianismo que estava nascendo.

Uma religião se consagra e se transforma do culto particular, ou da crença de alguns seguidores, em práticas comuns de toda uma sociedade quando consegue tornar seus símbolos elementos de projeção do arquétipo da *Imago Dei*. Neste momento, conterà símbolos e imagens arquetípicas capazes de, por se assemelharem, serem tomadas como sendo o próprio Divino. Talvez seja mais adequado dizer que o Espiritismo interpreta algumas ideias de Jesus, não todas, segundo seus preceitos ou à luz da existência da dimensão espiritual. Se assim não for, terá que admitir, sob pena de ser acusado de censura, que algumas ideias constantes no Evangelho não são de Jesus.

Da mesma maneira, ao considerar que o Espiritismo é o Cristianismo redivivo, sem explicar que se trata de uma particularidade, estaria tomando a parte pelo todo, escrevendo a história de um ponto de vista exclusivamente religioso. Tal ideia pode significar um ideal que se queira tornar realidade, visto que teria que considerar ter havido uma grande redução de conteúdo e de práticas que não se encontram definidas no Espiritismo. Para tanto, seria necessário um corte radical no Cristianismo, pois muitas teorias, práticas e rituais teriam que ser retirados sumariamente. Haveria uma discriminação perigosa e indesejável por aqueles que, legitimamente, se declaram cristãos. Melhor afirmar que o Espiritismo oferece um fôlego maior para as religiões, sobretudo para o Cristianismo, a fim de que sobrevivam por mais tempo como filosofia cosmológica e como proposta norteadora da conduta humana.

O Espiritismo não nasceu de um movimento religioso nem é uma dissidência ocorrida entre adeptos do Cristianismo. O Espiritismo traz muito mais informações do que o Cristianismo apresentou, centrando-se numa tese claramente oposta: a existência, individualidade e imortalidade

do Espírito. A época em que o Cristianismo surgiu não permitia, pela ignorância reinante, uma visão profunda da vida nem a mentalidade dominante alcançaria o entendimento real da vida espiritual; a linguagem utilizada para o tratamento de questões transcendentais era simbólica. Os objetivos do Espiritismo e do Cristianismo, em função dos séculos de evolução no saber humano que separam ambos, não são diretamente concordantes. Por esta inversão, ao considerar que o Espiritismo é o Cristianismo, a ênfase tem sido dada à proposta de transformação moral, divulgada como sendo a mesma. Ocorre que esta possibilidade não explicita que a transformação não é conversão, não se dá em uma única encarnação e que é necessário cuidar de outras habilidades a serem integradas. A grande procura pelo Espiritismo ainda se dá pela necessidade de resolver problemas considerados causados por fatores espirituais e isto direciona a orientação doutrinária para a transformação moral, colocada como solução direta dos conflitos. É claro que o Espiritismo pode oferecer mais do que isto, e que também merece ser mais bem definido. Além de oferecer informações sobre a realidade espiritual, o Espiritismo propõe objetivamente a aquisição da consciência da imortalidade, condição que por si só pressupõe significativas mudanças na vida da pessoa, principalmente na busca pela vivência de experiências que possibilitem a integração de habilidades à personalidade.

A opção de oferta de propostas para uma reforma íntima não deixa de ser útil. Contribui para a melhoria do ser humano que, em meio ao exercício da caridade e do contato com a dimensão espiritual, vai evoluindo. Porém pode-se fazer mais; ao pular a oferta da consciência da imortalidade, elimina-se um importante pré-requisito psíquico para um melhor aproveitamento do processo de autotransformação. Este formato foi seguido pelas religiões cristãs quando exigia de seus fiéis tão somente a reforma moral, sem que lhes oferecessem a essência de sua condição de seres imortais que, pela reencarnação, evoluem pela aquisição de habilidades e competências. As duas propostas não são excludentes, pois há aqueles cuja consciência da imortalidade, já consolidada, exige a vivência de experiências autotransformadoras mais específicas e desafiadoras. Outros, que pensaram alcançar a autotransformação e consequente autodeterminação sem o alicerce da vivência totalmente consciente de sua

imortalidade, naufragam puramente na superfície da religião que lhe serve de verniz social, melhorando suas imagens coletivas.

A proposta de transformação moral, entendida como autotransformação pessoal psicologicamente consciente, deve ser compreendida como um longo e laborioso processo de aquisição de valores éticos que capacitam o Espírito a ser um agente ativo de melhoria da sociedade em que vive. Portanto, trata-se da aquisição de conquistas que promovem o desenvolvimento da personalidade, implicando a integração da *sombra*, a dissolução de *complexos* psicológicos, a eliminação das projeções inconscientes, a percepção e uso adequado das *personas*, a integração pelo confronto com a contraparte sexual, a diferenciação do coletivo e a sintonia do ego do personagem com o Espírito. Todas estas etapas e seus processos devem ocorrer de forma consciente e em paralelo ao exercício natural de viver e realizar metas existenciais naturais. A meta existencial não é a transformação moral, que deve ser tão somente um processo, entre outros, que acontece enquanto o Espírito se ocupa de inúmeras responsabilidades evolutivas, sobretudo com a realidade coletiva em que se situa.

Poder-se-ia esperar que se as teses do Espiritismo fossem aceitas pelos ramos do Cristianismo, o que não ocorreu nos quase dois milênios que separam um do outro, trariam luzes e profundas modificações em seus dogmas, nas suas doutrinas e em suas práticas ritualísticas. Ao contrário, a manutenção dos dogmas por onde enveredou o Cristianismo tem sido cada vez mais afirmada pelos seus líderes, que rechaçaram o Espiritismo como um forte e perigoso oponente. O Espírito foi, durante muitos séculos, ao menos no Ocidente, doutrinado repetidamente por um Cristianismo salvacionista com o saber absoluto e introdutor de dogmas gritantemente absurdos. Ao considerar que o Espiritismo lhe sucede, provoca certa transferência em sua imagem, com provável absorção das matrizes psíquicas da doutrina que foi enviesada e deturpada, o que é indesejável. Não se trata de desgarrar de seus valores nem de negar sua importância na filosofia religiosa do Espiritismo, mas de lhe atribuir o lugar adequado. Distanciar-se daquela imagem permite que se centre no principal objetivo do Espiritismo.

Jesus e Cristo

O Espiritismo incorporou a tradição católica de referir-se a Jesus como sendo o Cristo, exaltando as qualidades que lhe foram atribuídas em face da influência do arquétipo da *Imago Dei*, que nele projetou adjetivos divinizantes, mesmo não constantes totalmente nos textos evangélicos. Com justa razão, o título de Cristo cabe ao judeu Jesus, cuja doutrina e feitos corroboram sua elevação espiritual. Fundamental que o leitor entenda que o título foi dado quando ele ainda estava encarnado e consta nos Evangelhos, sobretudo no de Lucas, tendo sido pelo próprio Jesus claramente rejeitado (Lucas, 9:21). Independentemente de ele ter ou não concordado, posteriormente houve a substituição da pessoa pelo título e sua utilização de forma a exaltar a qualidade de sua mensagem e a engrandecer seus feitos.

Talvez essa mudança não seja equivocada, ao contrário, relevante e significativa, pois o que ele fez e disse mudou a história da Humanidade. Só por isto seu valor é inegável, pois sua mensagem se tornou um poderoso mantra para bilhões de seres humanos encarnados e desencarnados. Chamá-lo de Cristo ou de Jesus pode não ter qualquer importância, pois sua mensagem se tornou um valioso caminho para o ser humano entrar em contato consigo mesmo, balizador de condutas e de filosofias que influenciaram as normas de convivência de boa parte das sociedades humanas.

Importante considerar, porém, que a exaltação do título reduz a proximidade com a pessoa. Sai o ser humano e entra o ser coletivo, caracterizado pelo pressuposto de qualidades projetadas, antes atribuídas aos deuses míticos pertencentes ao imaginário popular. Torna-se mais difícil ao ser humano acompanhar ou integrar as habilidades por ele propostas, pois não pertencem à pessoa Jesus, mas ao título Cristo. Pode parecer um simples e pequeno detalhe, mas tal deslocamento fomentou o aparecimento de uma casta de sacerdotes que se intitularam seus seguidores, criando regras que foram o fundamento para perseguições e torturas por muitos séculos na sociedade ocidental. Se se ativessem à pessoa simples, mesmo que dotado de grande sabedoria, nem Deus nem semideus, talvez evitassem a inflação dos egos que criaram as temíveis inquisições, que

protagonizaram um triste e lamentável período negro na história da Humanidade. Um verdadeiro genocídio religioso foi promovido na Idade Média, com mortes, fogueiras, perseguições, massacres e torturas diversas, em nome da fé católica. Com base nos atributos dados ao Cristo, o Clero fortaleceu-se, transferindo para si os predicados do Cristo. Trata-se de mecanismo psicológico em que o sujeito incorpora os predicados de seu ídolo ou de seu mandatário, agindo em seu nome. Para que, com os espíritas, não aconteça este fenômeno psicológico inconsciente e eles se distanciem da pessoa humana que proclamou a mensagem, melhor continuarem a se referir ao ser humano Jesus em lugar do Cristo, sem qualquer fundamentalismo nesta escolha.

Causa sem efeito

A afirmação da existência de uma lei deve basear-se em fatos, em enunciados consistentes, em conhecimentos atualizados e em pesquisas, fruto de observações e experimentações que justifiquem suas conclusões. Tal não ocorre com o entendimento da chamada “lei de causa e efeito”, que, mesmo após os conhecimentos trazidos pela Psicologia Analítica e pela Física Quântica, não sofreu qualquer abalo ou nova compreensão como deveria. Agora, à luz de novos paradigmas, sobretudo sob o entendimento da dinâmica psíquica e com a abordagem compreensiva a respeito das tendências e predisposições humanas que influenciam o destino, merece ser reconsiderada e vista como uma particularidade de um conjunto de princípios que regem o funcionamento do Universo conhecido e desconhecido. A causalidade é básica para o raciocínio lógico tal qual é utilizado pelo ser humano. Sem a lógica da causalidade o eu poderia entrar em colapso. Há que ser questionado, porém, se seria possível uma vida sem a lógica da causalidade.

A lógica do eu é fundamentada na noção de alteridade, isto é, há um outro que legitima a percepção de si mesmo. Há uma espécie de espelhamento comparativo que faz compreender a própria existência, diferenciada do que se encontra supostamente fora do eu. Em seguida tem-se a noção de tempo e espaço que faz criar a ideia de sucessão, de

continuidade e separatividade, portanto, de conexão de fatos e de causalidade. Ocorre que esse raciocínio coerente é típico da mente que foi condicionada a entender, baseando-se exclusivamente nos sentidos físicos, que lhe forjaram faculdades psíquicas limitadas, que há uma única realidade e que ela funciona segundo uma causa. Mesmo considerando assim, é possível a esta mesma mente inexplicavelmente aceitar o paradoxo de que há um ente considerado seu Criador, que existe sem causa. Felizmente, esta consideração abre uma brecha para o entendimento de que a causalidade não é uma lei válida para tudo, mas apenas para o humano que nela baseia seu raciocínio tão somente sobre temas específicos.

Considerar que existe uma lei significa admitir que não há exceções e que ela é sempre válida nas mesmas circunstâncias e na mesma dimensão em que é aplicada. Ocorre ainda que o ser humano está começando a entender melhor sua dimensão espiritual, que, por força de sua evolução, está ampliando suas faculdades perceptivas, que também, por força do desenvolvimento das habilidades psíquicas e mediúnicas, está passando a entender além do pensamento linear e da causalidade, penetrando na noção de complementariedade, de virtualidade, de universo quântico e de espiritualidade. Isto tudo lhe modifica os sentidos e amplia suas faculdades psíquicas.

A aceitação absoluta da ideia de uma lei de causa e efeito produz automatismos psíquicos que provocam circunstâncias externas, portanto, experiências na realidade, que parecem justificar sua existência. Quando a consciência considerar que toda causa produzirá determinado efeito, moldará a sensibilidade e a percepção com que entende a realidade, utilizando filtros que vão corresponder ou se aproximar do pensamento emitido. De fato, quando alguém acredita que sofrerá por ter cometido alguma agressão ou delito, condicionará sua mente à ocorrência de uma adversidade futura, como expectativa de uma realidade cuja construção ajudará a concretizar. Desta forma, a causalidade passa a ser uma presunção, uma possibilidade, que estará dentro do espectro de explicações e entendimentos para os eventos que venham a lhe acontecer. Um observador externo, sem o conhecimento de como funciona a mente, sobretudo a respeito de sua flexibilidade, poderá afirmar que um evento provocou o outro, dando-lhe causa. A afirmação não estaria equivocada,

mas seria superficial, baseada na pressuposição de que há uma lei que rege todos os eventos do Universo. Melhor seria afirmar que a lógica do raciocínio ou da crença inconsciente, já cristalizada, cria as condições para o surgimento de possibilidades futuras de restauração do equilíbrio psíquico desestabilizado pela “lei” creditada. Com este raciocínio, seria absurdamente plausível considerar que uma lei tão absoluta ensejaria a ideia de um Universo mecanicista, pragmático e racionalista, o que contraria a ideia de que há uma Inteligência Superior, um Criador que cria e recria situações com qualidade melhor do que qualquer coisa que o ser humano poderia conceber.

Quando se analisa o microcosmo atômico, pode-se perceber que a causalidade é quebrada por uma ordem de fenômenos que escapam às explicações mecanicistas e relativísticas do conhecimento da própria Física que os investiga. A dualidade onda-partícula, a matéria como um ente probabilístico, o espaço curvo, uma medição determina a realidade, o paradoxo EPR e os saltos quânticos são temas que denominam fenômenos que ultrapassam os limites da causalidade. Para estudar tais fenômenos e suas particularidades é que surgiu a Moderna Física Quântica.

Leis morais

Quando se continua usando o termo “leis morais”, tende-se a nivelar a realidade a partir de uma visão julgadora, moralista e repressora da liberdade, sem considerar que a moral é variável com a época e com a cultura. Ao que tudo indica, Allan Kardec utilizou o termo num sentido amplo, em oposição ao que era material, criado pelo ser humano para designar uma ordem de ideias que faziam parte de um conjunto de leis universais, válidas em todas as épocas, observadas na Natureza, sobretudo no que dizia respeito à relação do ser humano com o Divino. Porém houve avanço nas observações científicas a respeito da Natureza, do ser humano e do Universo, que requerem uma ampliação no conceito estabelecido para designar aquelas leis. Já não seriam mais morais nem muito menos seriam aquelas, pois se tratam de considerações a respeito das tendências coletivas e arquetípicas humanas, das escolhas quanto ao direcionamento de suas

ações e de seu comportamento social. Em *O Livro dos Espíritos*, em que constam as leis morais, os Espíritos que trouxeram os ensinamentos consideraram que não eram absolutas, portanto, que se tratava de mera proposição didática.

Não se trata apenas de mudar a palavra moral para uma outra que espelhe a ideia de apresentar leis gerais do Universo ou de Deus, mas de avaliar a afirmação sobre o conteúdo de uma lei. Teríamos que aceitar um Deus tão somente julgador ao instituir exclusivamente leis morais. O entendimento pode ser outro, mais ampliado, pois a Vida não funciona no curto prazo validando pressupostos morais, mas denunciando uma neutralidade preocupante para aqueles que, para se darem bem na vida material e no Além, estabelecem barganhas com o Criador. Tudo deve ser questionado, pois se trata de como funciona a Vida, a mente humana e o Universo. Provavelmente a ideia de Allan Kardec era reunir todo o conhecimento humano sobre o funcionamento do Universo e, em plano menor, da sociedade, visando trazer princípios universais, ou leis gerais da vida, do viver, da evolução etc., que englobassem tudo e todos. Talvez quisesse trazer regras gerais válidas para todas as culturas, para que a sociedade encontrasse uma forma harmônica de funcionar. Ou ainda como a Divindade organiza e propõe ao ser humano que funcione e atue em sua jornada existencial. Resta a explicação sobre o papel do Criador logo após Sua criação. Qual o papel de Deus na intervenção no mundo e na vida de relações? Provavelmente a resposta é ainda inacessível ao ser humano. É importante saber se de fato existem leis gerais, sociais, universais e da natureza que possam ser compreendidas como eternas e imutáveis. É possível que assim seja, porém é necessário entender que a imutabilidade contrasta com a criatividade divina e com a ideia de uma inteligência superior já desvendada pela humana, pelo entendimento de que há uma lei única. O princípio da existência de leis imutáveis pressupõe uma realidade mecânica e improvável de ser alterada, senão por outra lei desconhecida. Esta hipótese implica o entendimento de que ou não são leis ou não são imutáveis, pois podem ser alteradas por alguma outra lei ainda não conhecida. O fato mais relevante é o caráter moral das leis, portanto, o peso atribuído ao julgamento ao sabor de uma época. Este julgamento leva à ideia de que há uma punição pelo descumprimento, contrastando com a concepção de que o Espírito necessita aprender para lhe retirar a ignorância.

Talvez o entendimento deva ser de que existam condicionamentos psíquicos que são projetados na percepção da realidade e que se apresentam e são interpretados como leis rígidas. Não seriam modos de percepção que trazem segurança ao ego e que lhe dão a ideia de um norte e de limites para si mesmo? O assunto necessita de maiores e melhores considerações para que não enrijeçam a consciência em um único modo de entender a Vida e, principalmente, sobre Deus e Seus desígnios.

Contextualização do conhecimento

Uma Consciência mais aberta, novos paradigmas e contexto cultural favorável propiciam o surgimento de diferentes entendimentos a respeito de tudo quanto o ser humano venha a perceber como realidade. Os avanços nas ciências, nas relações sociais, no entendimento do Direito, da Psicologia, da Medicina, das Artes, portanto, em todos os setores da vida humana fomentam discussões que afetam a compreensão tradicional a respeito de tudo quanto pertence à Consciência. Por estes avanços, a contextualização é fundamental para compreender conceitos da época em que foram enunciados, bem como para entendê-los na atualidade. É perigoso trazer um conceito compreendido em outra época, sobretudo muito antiga, para a atualidade, com os mesmos argumentos e princípios que o forjaram. Novas disciplinas do saber se originam por causa destes avanços e das experiências virtuais em que a atualidade insere a Consciência. A confrontação de todo e qualquer saber com as diferentes e novas disciplinas, fomentando a interdisciplinaridade, promove a atualização das ideias e o surgimento do conhecimento novo. Ideias que têm sua origem na dimensão espiritual podem vir através da mediunidade pela via do Espiritismo, como também podem surgir da mesma fonte ou de fontes diversas, por vias intuitivas, em outras áreas do conhecimento humano, com o mesmo ou diferentes sentidos. Esta via transdisciplinar torna-se útil para a interação entre saberes e entre dimensões, desta feita, pela via mediúnica. É através de releituras, de diferentes e inusitados métodos de estudo, por distintos modos de percepção que o conhecimento se refunde e se atualiza. As revoluções operadas na consciência humana não se deram sem a

superação de velhos paradigmas que a mantinham prisioneira de ideias dogmáticas.

O conhecimento espiritual não é privilégio do Espiritismo nem está submetido a regras e normas de instituições e pessoas, por mais respeitáveis e fidedignas que sejam. É preciso fazer brotar diferentes modos de compreensão dos saberes instituídos, sobretudo aqueles que foram consagrados pela fé, pela crença e por tradições submetidas a veneráveis nomes. Nada pode deter o progresso e a atualização do saber, e isto acontece pela revisão de ideias e de antigos conceitos petrificados. O Espiritismo contém uma doutrina progressista que se atualiza conforme os avanços da ciência, mesmo que suas conclusões atinjam seus fundamentos.

Na base do saber humano está a história da Humanidade, contada com lacunas, pelos vencedores, algumas com interpretações enviesadas e ao sabor de interesses diversos. No olhar do historiador também faltou a visão espiritual, em que deveria constar a influência de uma dimensão sobre a outra para que os acontecimentos se dessem da forma como estavam sendo narrados. Esta narrativa influencia decisivamente no modo como a sociedade e, em particular, o próprio Espírito entendem a vida e o destino humano. Antigamente a história estava tão somente nos livros; hoje, pertence ao noticiário televisivo, de acesso rápido e direto ao ser humano comum.

Por outro lado, é de se notar a falta da análise dos fatos à luz da reencarnação, em que os novos protagonistas dos fatos nada mais são do que os velhos personagens travestidos num novo corpo em que suas tendências prevalecem soberanamente nas decisões que tomam. A História precisa ser relida, revisitada e refundida para que se tenha uma visão mais ampla e mais compreensiva do porquê dos acontecimentos e de como se podem prevenir desagradáveis eventos futuros. A imortalidade do Espírito, pela reencarnação, traz de volta, de tempos em tempos, os mesmos protagonistas a novos cenários para que aprendam, evoluam e façam evoluir; assim ocorre, porém eles inconscientemente marcam os fatos com suas tendências. Quando não reencarnam, muitos, pela influência mediúnica, continuam interferindo nos fatos e eventos, alterando seu curso de acordo com seus interesses. O escrito, o documentado e o registrado

como sendo a História são uma construção parcial e limitada dos fatos e da realidade, pois não consideram a participação da dimensão espiritual.

Em muitas análises, mesmo no meio espírita, nota-se uma visão salvacionista, messiânica e, por vezes, catastrofista, típica de um olhar em que o humano é o culpado por tudo quanto assola a Humanidade. Mesmo considerando que certas medidas coletivas afetam o equilíbrio do planeta, a exemplo dos descuidos com ações que agridem o meio ambiente, não se pode creditar tudo a intenções deliberadas, mas tão somente à ignorância humana, ainda presente em sua necessidade de sobrevivência e em sua ambição desmedida. Quando o humano é considerado o vilão responsável pelo mal, sempre aparece alguém, seu acusador, oferecendo-lhe algo que o salva, mediante sacrifícios e sofrimentos para não ser punido novamente.

A vida tem sido considerada um campo de provas e de expiações. Isto é fato, porém dá-se ênfase a estas últimas sob o argumento de que o nível de evolução ainda é muito baixo. Além das provas e expiações impostas pelo deus julgador do humano, há também muitas iniciativas criativas, muitas escolhas que propiciam o progresso, muitas experiências que promovem o bem e a harmonia para todos. Assim considerando, é importante compreender também que a existência é uma experiência singular, especial, fantástica, desafiadora, fomentadora da criatividade para o encontro do Espírito consigo mesmo. Esta percepção mais leve, menos densa e menos culposa da Humanidade pode nos trazer vantagens no entendimento para o encontro do sentido e do significado da existência humana. Esta concepção da realidade, sem ingenuidade ou excesso de otimismo, com uma visão menos sofrida e sacrificial do viver, permite também que a mente se abra para o novo e para o que propõe o Criador. O Espírito é a melhor representação de Deus, por ele mesmo concebida.

2. As asas

Asas são instrumentos de transporte, de movimento e de elevação. São implementos provocados pela evolução das formas para atender aos impositivos do desenvolvimento do ser em sua saga ascensional. São apêndices que apareceram na evolução das espécies num formato aerodinâmico para lhes dar mais impulso, sustentação e autonomia para voar. Com as asas, as aves desfrutam melhor e mais amplamente da Natureza, visitando diferentes sítios e ambientes sem muitas restrições. Com elas, a percepção tridimensional se tornou factível para a penetração no espaço aberto e para a conquista de novos horizontes evolutivos. Desde voos simples a complexos movimentos aéreos com manobras acrobáticas radicais, denunciando alto poder adaptativo, com suas asas, as aves possibilitaram que os indivíduos de uma espécie pudessem transpor limites territoriais, alcançando longínquos sítios, interligando, pelos ares, os mais recônditos espaços do planeta. As asas, em certo sentido, representam o conhecimento humano, que permite ao Espírito alcançar o que não poderia se não lhe oportunizasse conceber que, além do que suas percepções físicas lhe mostram, há muito mais.

O Espírito necessita dar seu voo. Em sua essência está a vontade de ir além, transcender todo e qualquer limite que lhe apareça. Voar é transcender, é ir além da materialidade, porém sem se esquecer de seu ninho, de suas raízes e origens. Seu voo implica querer compreender os mistérios da vida, bem como tudo que esteja oculto ou fora do alcance de sua inteligência. Em seu íntimo há o anseio de se libertar da ignorância pela aquisição do saber, instigando sua própria consciência, estimulando sua imaginação, provocando sua criatividade e ultrapassando convenções. Não há limites para o saber, nem mesmo a tradicional lógica racional humana cérebro-centrada será obstáculo para o Espírito. Suas asas são as

prerrogativas divinas que lhe concederam a irrestrita liberdade de pensar, de sentir e, fundamentalmente, de existir.

Neste processo de ascensão, o ego passa por fases e processos de amadurecimento que o tornam apto à identificação com o Espírito que lhe forja. Para efeito de compreensão, a seguir, essas muitas fases são resumidas em três diferentes níveis.

1. Ego x Realidade

A formação do ego tem como base os fundamentos da sobrevivência e da integridade do corpo físico do ser humano. É por conta destas necessidades essenciais, surgidas desde os primórdios da evolução do Princípio Espiritual, que o ego se estrutura na intimidade do perispírito quando alcança a condição humana. Para o ego, a realidade constitui tudo que difere do que considera como sua unidade estrutural. Sua dinâmica está na dialética do confronto de opostos, no qual encontra um sentido. Comparando elementos, julgando qualidades e associando ao que já conhece, o ego analisa a realidade a sua volta. O ego é uma construção do Espírito para sua evolução, com o qual cumpre longa jornada em que adquire as habilidades de que necessita. Sem ele não há como o Espírito representar-se ante a dimensão na qual necessita se manifestar. É um instrumento que lhe identifica características específicas, ao tempo que lhe serve de roupagem para a aquisição de habilidades evolutivas. É o dispositivo psíquico que sintetiza aspectos que lhe são circunstancialmente úteis para a vivência de experiências, sem lhe limitar totalmente seus potenciais e suas habilidades. Ao utilizar um corpo físico, o Espírito amplia seu alcance, materializando algumas de suas faculdades que, então, são transmutadas em sentidos sensoriais. O corpo físico em que o Espírito se movimenta torna-se, portanto, uma extensão de suas inúmeras faculdades psíquicas que lhe constituem a estrutura para o contato com a realidade. Com esse corpo, estabelece relação com a realidade que é captada pelos sentidos, estabelecendo julgamento de tudo quanto representa o que ele próprio não é. Para o ego, com o corpo físico, a realidade é apenas um

cenário em que se manifesta e transita, vencendo desafios na relação entre opostos. Neste nível de contato, apreende automaticamente tudo que diz respeito ao que os cinco sentidos captam, segundo os limites estabelecidos pelas características e qualidade do filtro que sua estrutura determina. Trata-se de um nível primário de relação com o que é possível perceber como realidade. Não há elaboração consciente nem apreensão mais profunda dos significados das experiências. O Espírito é o senhor da vida, quer esteja no corpo físico ou fora dele. Para sua evolução, tem o ego como seu principal veículo de manifestação, de representação e de consecução de seus objetivos.

2. Consciência x Vida

Em certo estágio de desenvolvimento do ego, representação tornada possível pelo Espírito na dimensão em que se situa, constituído a partir de inúmeras experiências evolutivas, eis que surge outro nível, perceptível graças à aquisição de faculdades psíquicas novas e da ampliação da capacidade de armazenagem e retenção de informações sobre si mesmo e sobre a realidade. Neste ponto, o ego está entre o Inconsciente e a Consciência, constituindo um campo com inúmeras informações imediatamente acessíveis capturadas pelos sentidos físicos. Logo que adquire a maturação pelas experiências em que se confronta com um outro e que tenha que se afirmar diferenciado, torna-se o centro deste campo. Tal campo, agora denominado de Consciência, permite a sua ampliação conseguindo se ver além de si mesmo, estabelecendo com a realidade outro tipo de relação além da sensorial. Nesta fase da evolução do ego, ocorre uma possibilidade diferente de entendimento da realidade, pois aparecem julgamentos de valor com interpretações subjetivas não mais com o uso dos cinco sentidos, transformando o que era tido apenas como confronto de opostos em vida social. As emoções passam a ser percebidas como estados variáveis do próprio ego; o outro não é tão somente implemento de oposição e confronto, mas alguém com quem estabelece uma relação que transcende os aspectos meramente físicos. A Consciência se torna um campo formado por um conjunto de associações e de núcleos emocionais, de experiências, afetos e configurações sociais que interferem diretamente nas condições de percepção do ego. Surge a compreensão da

interdependência, da limitação da autonomia e da complexidade da realidade que contribuem para o processo de amadurecimento do ego. Neste nível de evolução, o ego sai dos limites da mente para enxergar que há algo além do contexto em que foi criado, dando ao Espírito uma maior visão de si mesmo, encontrando na sociedade e na relação com o outro um sentido, ainda que provisório, para sua existência.

3. Mente x Universo. Relação entre o Espírito e a totalidade

A mente é equipamento imprescindível ao Espírito, com o qual processa tudo quanto apreende da realidade, integrando o que constitui habilidade útil para sua evolução. Apresenta-se em diferentes estágios de amadurecimento, tendo o ego como elo de conexão entre os diversos núcleos que compõem sua estrutura. O ego é a melhor representação do Espírito, que também passa por diferentes estágios para o atendimento às necessidades de seu proprietário. Seu primeiro estágio se inicia logo após o Espírito integrar a Razão, quando adquire a condição que o torna um ser humano, apto ao entendimento de si mesmo como um indivíduo separado da coletividade. Em outro estágio mais complexo da evolução do ego, quando compreende que necessita explicar-se, entender-se e encontrar um significado existencial, sobretudo ao querer dialogar melhor com a totalidade da vida para conduzir de forma mais adequada suas escolhas, percebe de forma mais profunda seu papel como representante do Espírito. Neste estágio, já não é apenas com a Consciência que se relaciona, pois já consegue penetrar no Inconsciente de forma natural, sem transtorno, tendo acesso aos arquivos mais recônditos da mente. Neste momento, consegue também tornar-se senhor do mundo interior que ele mesmo contribuiu para sua concepção. Ao atingir este nível, sua relação se dá com a totalidade da vida, com o Universo ou com o que governa os eventos que atingem os seres humanos e tudo o mais. Nesta condição, o Espírito, em uma sintonia maior com o ego, seu instrumento de representação no mundo, já conseguindo o necessário adestramento de seu personagem, busca saber como estabelecer um diálogo com a Totalidade da Vida para modelar seu destino. Ciente de como funciona o destino, bem como das razões de certos acontecimentos aparecerem em sua vida sem um acordo prévio, o ego, em

consonância com o Espírito, estabelecerá uma relação direta e consciente com o Criador.

Concepção não dialética da evolução

A escolha entre fazer o bem e não o mal foi sempre considerada como via necessária que levaria o Espírito ao processo de evolução. Escolhendo fazer o bem, estaria o Espírito trilhando o caminho correto, aprendendo e realizando os objetivos divinos. Isto é um modo de entender o processo evolutivo, porém requer explicações para não parecer algo simplório, dependendo apenas de uma decisão ou escolha sumária a partir de critérios subjetivos ou no mínimo morais. Ora, aprender não é tão somente escolher entre duas opções. Tudo indica que se trata de um enunciado geral que carece de compreensão e detalhamento. Para que um conhecimento se transforme em uma habilidade operativa, requer um longo processo de aquisição de componentes oriundos de experiências, de associações cognitivas e de vivências repetitivas. Afirmar que evoluir é escolher o bem entre duas opções é metafórico, sem ser um equívoco. A escolha não se resume a duas opções nem tão somente a uma relação dialética entre o ego e o que a ele se opõe. O leque de possibilidades de escolhas é infinito. A escolha desta ou daquela opção não é suficiente para a integração de habilidades, pois os processos cognitivos vão além de uma decisão, requerendo outras operações mentais para a consolidação do saber sobre o que se pretende aprender.

O método dialético que propõe a formulação de uma tese, a confrontação com uma antítese para se chegar a uma síntese, pode e deve ser compreendido nos limites da ideia da causa e do efeito. Quando se considera que o Espírito pode aprender pela aquisição de saberes diversos, com múltiplas escolhas, utilizando diferentes tipos de inteligência e assimilando a realidade por vias que vão além dos cinco sentidos, torna-se compreensível extrapolar-se a dialética, que se torna apenas uma operação cognitiva. As escolhas não são necessariamente boas ou más, pois o critério de avaliação ou julgamento transcende o caráter moral ou ético das

experiências. Há automatismos psicológicos que interferem nas escolhas sem a participação direta da Consciência, e que inconscientemente interferem e determinam atitudes. Mesmo quando alguém decide sobre fazer o mal, aprende algo inerente às atitudes consequentes de sua escolha, o que não significa que tanto faz o que escolher, pois são opções que direcionam diferentes atitudes, portanto, diferentes aprendizados.

Se o bem e o mal são polaridades psicológicas que direcionam atitudes, consequentemente a estreiteza do aprendizado será óbvia, pois existem outros parâmetros em que escolhas comportamentais podem ser baseadas. Entre duas opções boas, haverá uma terceira, e entre duas más escolhas, haverá uma outra diferente. O universo de possibilidades de escolhas é infinito, portanto, não dialético. Uma escolha, ao se basear no critério do que é bem e do que é mal, estará restrita ao caráter moral, com suas características relativas às consequências prometidas para cada lado. A respeito de qualquer escolha, independentemente da obediência a critérios morais, o mesmo tema poderá ter fundamentos baseados em aspectos técnicos, profissionais, emocionais, financeiros, familiares, jurídicos, de segurança ou outros.

Utilizando o mesmo raciocínio, não se deve considerar de forma absoluta que a vida material se opõe à vida espiritual. Esta visão dialética reduz a importância de ambas. A afirmação pode ser compreendida no contexto em que se entende que matéria e espírito (essência) são entes pertencentes a distintas dimensões. Por outro lado, a vida material é apenas a continuação da trajetória do Espírito que transita, viaja em outra dimensão e a vivencia, tendo como objetivo aprender diferentes aspectos das leis da Vida. Esta continuação não impede que haja reflexos de uma ou mais encarnações na presente, bem como na vida espiritual que a ela se segue. Quando o Espírito contracena com os mesmos personagens numa e noutra dimensão ou quando reencontra, na mesma dimensão, outros com quem conviveu antes, ainda assim a experiência será sempre nova, trazendo o aprendizado de diferentes habilidades. A vida material não se opõe à vida no Além, ambas se complementam, pois propõem diferentes experiências, portanto, novos aprendizados. Conceber como vidas opostas, excluindo as possibilidades de entendimento da complexidade de ambas, reduz a percepção da complexidade dos processos existenciais, limitando as

interpretações a respeito dos eventos da vida. Além da possibilidade de os acontecimentos da vida atual serem causados por ações do passado, também podem ser decorrentes da mescla de escolhas da vida presente e por interferências supra-arquetípicas^[1], portanto, supra-humanas. O confronto de opostos não significa que se trata de uma exclusiva via para a evolução do Espírito, pois a integração de habilidades pode se dar por vias inconscientes, portanto por meios inacessíveis ao ego.

Ainda sobre a afirmação da oposição de uma vida a outra, colocando a material em valor inferior à espiritual, vale acrescentar que a complexidade da existência humana no corpo físico e da interação com o aparelho psíquico produz inigualáveis nuances de percepção da vida que carece de valorização. A depreciação da vida material, culturalmente construída, sobretudo por influência das religiões, resultou na não valorização de muitas experiências transcendentais do Espírito em contato com a matéria. A matéria também revela instigantes aspectos do Criador, principalmente quando o Espírito conseguiu promover a maturidade de um ego que reconhece sua imortalidade. A vida material é continuação da espiritual, sendo uma nova e diferente possibilidade de continuar a integrar novas e únicas habilidades. Assim como a vida na dimensão espiritual é complexa e com particularidades fantásticas, na dimensão material a complexidade não fica atrás; é o que as descobertas científicas sobre as propriedades da matéria têm demonstrado.

Libertando-se do passado

Também para libertar o Espírito do peso atribuído às lembranças de experiências vividas, sobretudo as que lhe foram difíceis, como também à carga emocional e ao julgamento sobre a própria personalidade, é preciso compreender e entender seus significados. Os acontecimentos do passado, lembrados ou não, tornam-se naturalmente uma experiência individual, alojada no psiquismo perispiritual, reverberando constantemente. Tornam-se núcleos de registros que se associam fazendo parte do que é denominado de Inconsciente. Estes núcleos formam uma imensa teia com conexões, muito mais do que tridimensionais, com todas as áreas do psiquismo,

incluindo o ego, que passa a dispor de um imenso depósito. As experiências, em geral, envolvem pessoas que delas também participaram e que se tornam testemunhas, validando, quando reencontradas, a imagem que o portador das lembranças tem de si mesmo.

Desta forma, o outro, que apenas é um personagem externo ao próprio Espírito, tornou-se alguém que passou a ser seu juiz, adquirindo relevância para sua integridade como pessoa no mundo. Atribuindo-lhe tamanha relevância, dá-se ao passado um peso maior pela enorme quantidade de juízes presentes. Quando consciente da imortalidade e entendendo que o passado é apenas um núcleo pessoal de memória em que o anterior personagem do Espírito morre, o peso qualitativo atribuído se reduz, pois os outros personagens com quem contracenou e a quem se vinculou também morreram. Do passado, permanece o que foi aprendido e integrado como traço de caráter, como tendência comportamental e como predisposição. Nos casos em que os personagens permanecem também atribuindo valor às experiências, quando, porventura, do reencontro promovido pela Vida, cabe o diálogo para relativizar o passado, considerando a ignorância de cada um. Nos casos de obsessão espiritual, em que o passado se torna presente, independentemente do desejo e das considerações do personagem atual, é necessário enfrentá-lo com dignidade, com humildade e com respeito e ao seu cobrador, acolhendo-o, mesmo que não lhe seja cabível o direito a qualquer cobrança.

3. O espaço infinito

Os pássaros voam no espaço sem delimitação inicial de território. São livres para voar e explorar o que lhes é disponível. Sua finalidade não é encontrar o ninho, mas explorar e vencer o espaço a sua disposição. Sua designação está em explorar o vazio acima do chão e penetrar a dimensão supralinear. Mesmo que necessitem do descanso e de pousar seus pés em algum apoio, suas asas estão sempre prontas para realizar sua importante missão de retirá-los do chão. Até quando lhes restarem energias, estarão voando, tendo como imagem permanente o horizonte distante, desafiando sua consciência para que decifrem o mistério do viver. Voar é o que lhes dá sentido existencial, diferenciando-os dos demais seres, pois conquistaram a prerrogativa superior de se colocarem acima dos que ainda rastejam e andam sobre a Terra. São eles que contribuem para que os demais olhem para cima, aspirando algo que ainda não foi alcançado, mas muito cobiçado: as estrelas. Por viverem acima das cabeças, levam os demais seres a levantarem o olhar para o infinito.

Assim também é o Espírito, pois precisa reconhecer que sempre teve a capacidade de voar com sua imaginação. O infinito é seu horizonte perpétuo, o incompreensível é sua meta de aprendizado e realizar o impossível é sua tarefa diária. Não foi feito para se prender em lamentações, adorações ou limites para sua natural liberdade. Após conquistar a propriedade de si mesmo e a respeitar o outro também como um ser divino, deve caminhar inexoravelmente para assumir sua autodeterminação. Quando atingir este estágio, compreenderá que deve afirmar sua singularidade, bem como sua condição de cidadão do Universo, livre para desbravar fronteiras, dimensões ou qualquer limite interposto por regras dogmáticas. Enquanto vive o personagem, o Espírito compreende as contingências de seu meio e época; mas, uma vez liberto desta necessidade, percebe que necessita alçar voo, servindo como referencial para outros que

ainda não conseguiram se desvencilhar de uma consciência culposa e com os receios típicos de quem ainda não se percebe um Espírito imortal.

Governança espiritual

São muitas as sociedades espirituais que se vinculam ao planeta Terra e que mantêm conexões com dimensões existenciais que vão além de suas fronteiras físicas. Os modos como praticam a governança também são muito variáveis, em face do nível de evolução, das culturas mais impregnadas na jornada evolutiva de seus habitantes e dos inúmeros interesses que possuem. É necessária uma maior compreensão da multiplicidade de culturas e grupos espirituais que circundam a Terra, com seus diferentes interesses e propósitos de seus habitantes.

A sociedade terrena é constituída de diferentes grupos, que se associam pela cultura, costumes, etnias e, na maioria dos casos, pelo idioma. A desencarnação não elimina tais características, muito embora possa acontecer o reencontro de personagens que viveram em diferentes culturas, fato decorrente de vínculos anteriores à última encarnação. Mesmo assim, as diferenças poderão permanecer em face da pregnância de tendências coletivas e pelas afinidades comuns adquiridas na última cultura em que reencarnaram. Encontram-se, na dimensão espiritual, diferentes aglomerações, segundo a orientação de seus fundadores que imprimiram filosofias, em geral atreladas à religião e conforme o que decidiram seus habitantes ao longo de sua história. A Espiritualidade, como é comum denominar-se o conjunto dos Espíritos que dirigem determinada sociedade no Mundo Espiritual, é regionalizada de acordo com a orientação de seus instituidores e governantes. Quando não adotam modelos da dimensão material, seguem o formato organizacional que captam de outras sociedades espirituais constituídas por Espíritos mais adiantados e que se encontram em dimensões mais evoluídas, cujo modo de organização é, na Terra, desconhecido. Há, portanto, um predomínio cultural e religioso na maioria das sociedades espirituais, muito embora haja uma tendência ao nivelamento no modo de organização quando se trata de Espíritos mais adiantados, mesmo oriundos de culturas diferentes na Terra. Certamente o

modo de organização dos desencarnados que se encontram vinculados, por exemplo, à sociedade dos Estados Unidos, difere daquela em que seus habitantes são oriundos da cultura chinesa, brasileira ou outra. Isto quer dizer que ainda temos muitas diversidades, também no que diz respeito à organização política na dimensão espiritual, que merecem ser compreendidas, tanto quanto temos aqui na dimensão material. As cidades espirituais que existem vinculadas à cultura brasileira obedecem ao modo de organização de seus fundadores e habitantes, que se pautaram nas experiências que tiveram em outras culturas, promovendo, portanto, uma miscigenação que tende a que haja o desenvolvimento da empatia na diversidade. Esta característica peculiar, comum à maioria dos que reencarnam na cultura brasileira, denuncia a grande diversidade das “faces” de Deus, representadas por essa singularidade.

Não resta dúvida, porém, que há um predomínio cultural cristão nas sociedades espirituais do Ocidente e outro nas do Oriente, existindo uma zona de interseção que admite diferentes culturas. Vale salientar que as sociedades espirituais evoluem tanto quanto as sociedades materiais. O mundo espiritual no Século XIX não é o mesmo no século seguinte, muito menos no Século XXI, muito embora o parâmetro não seja a mudança de um para outro. Novos conhecimentos, nova mentalidade e nova consciência do significado e sentido da própria existência do Espírito e do entendimento a respeito de Deus promovem, em seu conjunto, alterações no modo de se organizarem em sociedades. Nas sociedades espirituais mais próximas do contato com os encarnados, o modo de organização se assemelha, havendo uma influência maior de uma sobre a outra. Mas quando se trata de diferentes culturas, a influência é reduzida, ou quase nula. Quanto mais se distancie das ocupações e atividades da vida terrena, menos a sociedade espiritual se encontra ligada à material. Desta forma, não há uniformidade nem comando central na dimensão espiritual, salvo para as organizações mais elevadas. Crê-se que, nestas últimas, o processo de construção de ações coletivas deve ser conduzido por pessoas com um repertório maior de experiências que deleguem a outrem, sem qualquer competição, aquela responsabilidade.

A vida nas sociedades espirituais não gira em torno da vida material, pois há diversas experiências que despertam o interesse de seus habitantes.

Assim como os encarnados olham para os horizontes do após a morte, que lhes despertam curiosidade, os desencarnados também perscrutam possibilidades de experiências na dimensão acima da que se encontram. Assim como há um futuro que se delineia na dimensão material, também há uma perspectiva espiritual para os habitantes das sociedades de desencarnados. As reencarnações podem dar-se como estímulo a que os que vão voltar à matéria promovam incursões nas diferentes culturas, para que incentivem a fraternidade universal em todos os níveis. Da mesma forma, estimulem o sincretismo religioso para troca de entendimentos e para o desenvolvimento psicológico dos seres humanos encarnados e desencarnados.

4. Filo

O clado das aves inclui todos os indivíduos que têm asas, voando ou não. É um grupo de animais que possui grande quantidade de espécies, numa inigualável diversidade na Natureza. Em geral são aves coloridas, ágeis, belas e de tempo de vida inferior ao do ser humano. Sua relação com o meio é de troca, desempenhando importante papel no equilíbrio da Natureza. Cada ave tem seu próprio sistema de comunicação, com variados cantos e melodias distintas. Embelezam e produzem sons que promovem uma espécie de sinfonia nos ambientes onde vivem, como uma grande orquestra. De acordo com seu porte e hábitos, determinam um território e o defendem isoladamente ou em bandos, muito embora possam mudar esporadicamente de *habitat*. Em sua grande maioria, não são domesticáveis.

Como as aves, os Espíritos também são parte da Natureza, influenciando decisivamente em sua manutenção, seu equilíbrio e tornando-a sua fonte de vida. Pelo que dela retiram e deixam, contribuem para sua vitalidade e para o tempo em que ainda continuarão sendo capazes de manter a vida na Terra. A rigor, o Espírito não tem pátria, nem *habitat* fixo. De tempos em tempos, muda de dimensão e de personagem para, enfim, encontrar-se consigo mesmo, consolidando sua identidade singular como criatura divina. É um ser que está além das dimensões, pois sua existência independe de corpos ou de qualquer espécie de matéria. Sua linhagem é universal, assim como a família da qual faz parte. É cria de Deus, senhor do tempo e do espaço, viajante interdimensional. Por esta razão, o Espírito sopra onde quer, mesmo estando submetido às leis que regem as afinidades em todo o Universo. Muito embora se diga simbolicamente que atingirá a perfeição, não há limites para sua evolução.

Relacionamento maduro

Por muito tempo, a relação estabelecida, consentida ou não, entre os Espíritos desencarnados e encarnados ocorreu de forma particular, não organizada, portanto sem um propósito coletivo definido, o que permitiu a formulação de inúmeras teorias sobre os fenômenos por eles provocados e todo tipo de adjetivação sobre a sua identidade. A falta de uma ordem, a aleatoriedade dos fenômenos, a ignorância quanto a sua natureza e a ausência de estudos sérios e científicos até Allan Kardec provocaram a crença, em meio a descrenças, de que se tratava de seres à parte da Natureza. Parecia haver um sentimento de que os desencarnados eram seres especiais, dotados de alto poder de influenciar os encarnados. Este sentimento foi traduzido como uma relação hierarquizada em que os encarnados, vivendo sob circunstâncias que impossibilitavam uma certeza e um controle sobre os desencarnados, estariam em situação inferiorizada. O imaginário popular criou uma série de fantasias a respeito da vida espiritual, da identidade das pessoas desencarnadas e do alcance de suas possibilidades de atuação na vida material.

À medida que as comunicações mediúnicas foram se tornando mais frequentes, individualizadas e conscientes, os encarnados consolidaram a ideia de que seus autores se tratavam de seres especiais, com poder sobre a vida e a morte, com capacidades para conhecer e manipular o destino e principalmente com domínio sobre a vida em geral. Nas relações entre desencarnados e encarnados, consentidas, e que tinham o objetivo de realizar uma missão para o bem, os Espíritos passaram a ser considerados guias, mentores e supervisores das ações dos encarnados. Foram transformados em oráculos, detentores de informações privilegiadas e, algumas vezes, incontestáveis em seus argumentos e ensinamentos. Em nome do bem, valia a ideia de que a verdade estava sendo exposta. O crivo da razão, do bom senso, da análise criteriosa ficava de lado.

Involuntariamente duas castas de pessoas desencarnadas foram criadas – uma de superiores, benfeitores e moralmente elevados, e outra constituída por obsessores, malfeitores e perturbados de toda ordem. As relações entre os habitantes das duas dimensões contíguas passaram a ter os elementos da

superioridade que oprime e da desconfiança que permite as mistificações e o medo. Portanto, esta ocorrência complexa e de difícil mudança promoveu distanciamento de um lado e temor do outro, pois os bons são considerados elevados, e, os maus, capazes de provocar tragédias e horrores inigualáveis. Isto não quer dizer que não existam pessoas desencarnadas que estejam em um nível de sabedoria capaz de serem mais inteligentes ou mais sábias do que aquelas que estão encarnadas, como também não existam malfeitores ou pessoas que desejam se vingar ou prejudicar. Porém tem havido uma generalização para mais e para menos. Por não haver comprovações científicas universalmente aceitas, pelas dúvidas levantadas quanto à continuidade da individualidade após a morte do corpo físico e por causa da necessidade de projetar, em seres superiores, suas características boas, e em inferiores as más, permanece a generalização simplista citada.

Teria de haver um emburrecimento de quem reencarna para que se justifique certa subserviência ou a manutenção de uma relação desigual, mesmo em se tratando de conhecimento sobre a vida espiritual, pois aquele que está encarnado também viveu aquela realidade. Mesmo que se considere o esquecimento por causa da reencarnação, as matrizes do saber não são apagadas nem o Espírito perde sua capacidade de representar, por meio de adequados e atualizados símbolos, o que aprendeu. Por motivos culturais, a relação entre encarnados e desencarnados tem ocorrido de forma hierarquizada, com predomínio do temor e da formalidade complacente e condescendente. Uma relação onde impera o medo ou o poder de uma pessoa sobre outra torna-se frágil, suscetível à fascinação e à inibição da criatividade. Por outro lado, temer as pessoas desencarnadas, mantendo um comportamento cultural antigo, não condiz com a proposta do Espiritismo sobre a criatura humana encarnada, sobre a existência de Espíritos desencarnados e quem são eles.

O Espiritismo veio trazer muitas informações sobre o viver na dimensão espiritual, as quais possibilitaram o despertar de memórias nos encarnados, sobre suas experiências e conhecimentos pertinentes. A cegueira é ilusória, fruto dos condicionamentos culturais que inibem as lembranças, mas com pequenos estímulos podem retornar sutilmente à Consciência. As reuniões mediúnicas, institucionalizadas ou não, podem promover mudanças neste modo de relação, desde que naturalizem a mediunidade e dialoguem sem

cerimônias com os desencarnados, tratando-os como pessoas comuns que são.

A relação com os Espíritos desencarnados deve ser tão normal como é entre os encarnados, principalmente ao se tratar da realização de projetos institucionais, quando se pretende instituir uma sociedade filantrópica inspirada por pessoas desencarnadas. Para este propósito, o relacionamento entre encarnados e desencarnados deve acontecer com a formulação de parcerias, com a igualdade de tratamento e com a identidade de interesses. Um Centro Espírita ou uma entidade filantrópica erigida sob a inspiração de Espíritos benfeitores, antes considerada como administrada exclusivamente por desencarnados, deve, por aqueles que a dirigem na dimensão material, admitir a parceria na condução de todos os processos de sua governança. Todo e qualquer assunto deve ser de responsabilidade dividida. Quando um médium ou fundador, líder do projeto da instituição, tem de tomar uma decisão, deve considerar que a responsabilidade é, no mínimo, dividida para que não haja transferência de autoria, principalmente quando alguma decisão não resulte em êxito. Trata-se de uma relação igualitária, em que todos devem se enriquecer na troca de experiências. Todos são Espíritos, portanto pessoas encarnadas ou desencarnadas com diferentes graus de conhecimento. Os mais sábios não estão vivendo apenas em uma das dimensões, portanto, encontram-se diferentes níveis de saber entre os Espíritos de parte a parte. Mesmo quando o encarnado declare ignorância sobre as questões espirituais, não significa que de fato nada saiba, pois os interesses podem se modificar a depender da cultura em que esteja imerso. Os médiuns não devem ser considerados como “cavalos”, autômatos ou bonecos sem personalidade, sem voz e sem direito a opinar ou decidir sobre suas vidas e, quando for o caso, sobre os destinos das instituições em que desenvolvem seus trabalhos mediúnicos ou que dirigem. A relação com as pessoas desencarnadas deve ser de parceria produtiva, de respeito mútuo, mesmo quando acontecer entre um Espírito desencarnado e um neófito no Espiritismo.

As conversas, mesmo no ambiente do tratamento das obsessões, devem ser conduzidas com seriedade, assertividade e acolhimento. A busca pela conciliação de desafetos ou a tentativa de dissuadir um espírito de agredir ou influenciar negativamente uma pessoa deve ser feita por pessoas

experientes, que saibam conduzir uma conversação, e habilidosas na arte de dialogar sem falsear, visando alcançar o âmago das intenções do outro, o que requer acuidade psicológica e empatia. Mas este tipo de conversação não implica atitude subserviente, medrosa ou de excessiva reverência ante uma pessoa desencarnada que pareça uma autoridade no mal. A acuidade psicológica requer conhecimentos da dinâmica psíquica e dos mecanismos de defesa naturalmente utilizados pelo ser humano quando dialoga, sobretudo quando pretende ludibriar o outro. Neste trabalho de diálogo em ambiente de desobsessão, o conhecimento sobre o Inconsciente, sobre a passagem da ideia de um desencarnado pelo psiquismo de um médium, portanto, inserindo um terceiro elemento de intermediação do que se pretende comunicar, torna-se fundamental para o alcance dos objetivos. Portanto, requer mais do que boa vontade e coração envolvido pelo amor, necessita também preparo psicológico adequado para lidar com a complexidade envolvida. Não basta acreditar na intuição, na boa influência espiritual e na fé. A conversação deve ser conduzida considerando que também há, do lado de cá, alguém seguro e conhecedor, sem vaidade ou frio tecnicismo, para dialogar de forma madura e consequente.

Nos diálogos com pessoas desencarnadas em que a transferência de conhecimentos e informações seja a tônica, há que se considerar que haverá troca e que há um intermediário que também oferecerá, consciente e inconscientemente, seus conteúdos para a comunicação mediúnica, o que implica que deve haver um mínimo de conhecimento a respeito da personalidade do médium, veículo fundamental para que o diálogo ocorra. Sua personalidade irá contribuir para a construção da representação da ideia passada pela pessoa desencarnada. Esta contribuição poderá tornar o diálogo desnivelado ou não, favorecendo o entendimento de que se trata de troca ou de doutrinação. As pessoas encarnadas que ouvem uma comunicação ou que leem uma página psicografada devem entender que se trata da recepção de uma opinião, mesmo se assinada por respeitável nome ou reconhecida autoridade no assunto. O senso crítico é desejável em todas as comunicações mediúnicas, sem que se precise adotar uma postura inquisidora e exclusivamente desconfiada.

Quando se diz, no ambiente de uma instituição espírita, que a decisão pertence aos Espíritos desencarnados, deve-se entender que, sobre certos

assuntos e mediante avaliação de quem dirige legalmente a instituição na dimensão material, a opinião deve ser acolhida para exame mais detalhado. Certamente o assunto em pauta será analisado em reunião específica de contato com as pessoas desencarnadas que fazem parte da equipe diretora da instituição, ouvindo-se mais de uma opinião, para deliberação adequada. Quando se diz que quem manda são os Espíritos desencarnados, deve se avaliar se não se trata de escudo para não expor a pessoa encarnada, principalmente quando a decisão é a negação do interesse de outra pessoa. As decisões devem ser tomadas como quem estabelece uma sociedade com parceiros. Deve existir um empoderamento como numa parceria em que se respeita a experiência de parte a parte. São parcerias espirituais com a troca recíproca de saber e com a integração simultânea de novas habilidades para ambos. Há que lembrar sempre que se trata de pessoas conversando com pessoas. A gravidade que, por vezes, se verifica nas conversações mediúnicas só deve ocorrer quando o momento assim o exigir, por motivos que necessitam dessa consideração ao dialogar.

Influência espiritual para realização de atividades em favor da sociedade e do próprio encarnado não deve ser estimulada com o domínio e comando da pessoa desencarnada. Toda relação de domínio gera rigidez, obediência cega e autoritarismo quando se pretende repassar o que foi transmitido. Na comunicação mediúmica não deve haver domínio nem comando, muito menos obediência cega, para que o real aprendizado mútuo seja integrado de forma espontânea. Como toda relação, quando bem construída, ambos crescem, um alimenta o outro e todos ganham. As relações são complementares, em que as pessoas se irmanam em objetivos comuns, favorecendo uma melhor sintonia de propósitos.

5. Todos podem voar

As asas são apêndices importantes adquiridos no decorrer da evolução das espécies, permitindo maior mobilidade ao seu usuário, bem como permitindo-lhe fugir de seus predadores. Pairando acima das coisas, libertando-se de amarras terrestres, as aves tornaram-se ícones de representação das aspirações dos que se sentiam limitados, prisioneiros e reprimidos por suas próprias condições evolutivas. Os que não conseguiam tal intento utilizaram naturalmente a imaginação para que seus voos fossem outros, já que não tinham sido brindados com tal invulgar e importante implemento. Desde o voo mais curto e esforçado até aqueles que desafiam a aerodinâmica, as aves apresentam um espectro inimaginável de *performances* nos ares com suas piruetas, circunvoluções, sinuosas acrobacias aéreas num espetáculo em que a Natureza capricha em sua demonstração de movimento. Com elegantes e velozes voos, com altivez de quem domina os ares, as aves voam com os olhos voltados para horizontes infinitos à procura de desafios onde pousar. Mesmo assim, estão sempre preparadas para novamente voar, sem a certeza de onde vão pousar.

Assim é o Espírito. Inserido em sua própria existência, livre para crescer, desenvolver-se e criar, depara-se com a realidade incomensurável a sua disposição. Livre para dar seus voos em busca de si mesmo e para o encontro de sua Designação Pessoal. Seu voo, mais do que uma mudança física de lugar, leva-o ao encontro dos mistérios da vida, à transcendência e ao entendimento do que o criou. O Criador é sua maior incógnita e o grande desafio de seu voo. É livre para pensar, construir seu Universo e nele estabelecer suas condições. Submete-se a regras para melhor educar a liberdade naturalmente outorgada pelo seu Criador. Após cada conquista, novos voos iniciam-se até que, em dado momento, estabelece suas próprias regras por concessão do próprio Criador, que a certa altura de sua evolução oferece-lhe também tal prerrogativa. Os voos do Espírito são infinitos, seus

horizontes varam dimensões e suas possibilidades passam a pertencer ao domínio do improvável. O voo maior está em alcançar a ampla compreensão e o entendimento preciso do sentido e significado do viver, de atingir a razão de suas relações com o próximo e de se perceber imortal. Esta percepção o liberta da condição de dependente de normas, de regras e de imposições externas, pois já terá integrado sua autodeterminação por concessão divina. É o Espírito a principal obra que representa a liberdade, com seu voo que penetra a essência da Vida.

Naturalização da mediunidade

A mediunidade é faculdade do Espírito na utilização de potencialidades que o permitem estabelecer relação interdimensional, bem como manipular a matéria em diferentes vibrações que vão além da percepção dos sentidos físicos de seu corpo material. Com seu uso, o Espírito estabelece comunicação com seus pares, que se encontram em diferentes dimensões, ultrapassando os limites corpóreos em que por vezes se situa. Graças à mediunidade, o Espírito consegue promover alterações na matéria, bem como utilizá-la por conta de certas propriedades que, por enquanto, são desconhecidas da Ciência dos encarnados. A mediunidade é a faculdade que amplia suas competências psíquicas e que permite que sua mente vibre em frequências que diferem da cerebral, graças às propriedades do perispírito, mantendo o Espírito, encarnado ou não, sempre em conexão com a sua dimensão de origem.

A utilização da mediunidade representa uma importante aquisição evolutiva que insere o Espírito, sobretudo encarnado, na percepção de outras dimensões existenciais. Sua naturalização, já tardia, impõe-se não só pela frequência e intensidade com que ocorre hoje na vida humana como também porque irá proporcionar a integração de novas e importantes habilidades evolutivas. A naturalização implica o uso amplo e universal, fora do domínio religioso e do controle do Estado, para que, uma vez não mais excluída, se torne ferramenta útil ao seu proprietário. Sua discriminação e, em certos círculos, sua criminalização baniram-na, retirando seu caráter humano e natural e, por consequência, atingindo o

conceito do espiritual como algo duvidoso, contrário ao normal e, sobretudo, perigoso.

Sendo uma faculdade, portanto uma especialização do desenvolvimento da espécie humana, fruto das experiências do Espírito no trato com eventos fronteiros à morte e à continuidade de sua consciência, deve ter grande utilização, preparando-o para alcançar novos patamares evolutivos nas múltiplas dimensões existenciais. Não se trata de uma concessão gratuita, um dom oferecido a alguns ou um prêmio pelo bom comportamento do adepto de seita ou religião. Ao contrário, a mediunidade é consequência de adaptações evolutivas integradas pelas propriedades da mente, portanto, do perispírito. Cada experiência vivida no campo fronteiro em que a mente estabelece sintonia com outra dimensão, vibrando além da racionalidade característica do estado de vigília, promove um aprendizado, que parcialmente se transfere, por via genética, para os membros posteriores da espécie, por absorção perispiritual.

Como se trata de conquista evolutiva, oriunda do desenvolvimento e das transformações sucessivas da mente humana, a mediunidade deve ser aplicada na vida em geral, não se restringindo ao uso institucional ou caritativo, que é uma de suas muitas utilidades. O Espiritismo, incluindo obviamente a mediunidade como faculdade psíquica em seus princípios, consequência da existência dos Espíritos, oferece meios e métodos para sua utilização de forma institucionalizada, para o contato com desencarnados, sobretudo para troca de experiências e também para o auxílio àqueles que necessitam de esclarecimento quanto à realidade em que se encontram na dimensão espiritual. Os estudos espíritas sobre a mediunidade promovidos por Allan Kardec, principalmente com a publicação de *O Livro dos Médiuns*, em 1861, são um marco para a compreensão do que é a mediunidade e de como se deve lidar com seu uso, ao menos no contexto da segunda metade do Século XIX. Na época, a proposta era explicar e disciplinar a relação com os Espíritos desencarnados, demonstrando as propriedades da mediunidade, os riscos e os objetivos de seu uso conforme os princípios do Espiritismo.

Passados muitos anos, após o advento da Psicologia e o estabelecimento de estudos sobre o funcionamento da mente com proposições mais

profundas e assertivas acerca da dinâmica psíquica, algo inexistente à época de Allan Kardec, e com a popularização do uso da mediunidade pelas religiões de matriz africana, a realidade exigiu um direcionamento complementar ao institucional. A mediunidade, sobretudo no Brasil, foi se incorporando gradativamente ao dia a dia das experiências comuns da vida humana. Novos ritos, novos termos para designar certos fenômenos mediúnicos e novos modos de manifestação foram se integrando ao viver dos encarnados, sobretudo na cultura brasileira, que estão exigindo sua naturalização. Mesmo sendo algo delicado, pois há riscos e muita ignorância a respeito, é necessário que tal faculdade que apresenta grandes possibilidades de ganhos de habilidades novas ao Espírito, seja naturalmente aproveitada na vida comum.

As médiuns consulentes, os videntes, os pais-de-santo da Umbanda e as mães-de-santo do Candomblé, os rituais religiosos de manifestação do “Espírito Santo”, as sessões públicas e televisivas de “descarrego”, as reuniões mediúnicas do Espiritismo, as práticas mediúnicas das cartomantes, as canalizações, as curas promovidas por vários médiuns no país, a alta exposição da mediunidade em filmes de grandes bilheterias, provas documentais de produções mediúnicas aceitas em processos judiciais, bem como muitos usos que compõem a cultura popular, são utilizações atuais da mediunidade nas religiões e fora delas. Estes fenômenos, consequência da intensa exposição da mediunidade, do momento evolutivo do Espírito que busca experiências transcendentais nos ritos religiosos e fora deles, refletem o estágio mediúnico em que se encontra o Espírito encarnado, transbordando sua sensibilidade, atraindo o espiritual e se colocando mais suscetível a sua influência consciente. Ao mesmo tempo que refletem conquistas evolutivas também provocam o aumento das manifestações mediúnicas, que contribuem como um efeito cascata para a ampliação das potencialidades psíquicas humanas. Não se pode desprezar tamanho potencial, restringindo a mediunidade aos muros institucionais. É como não utilizar a energia atômica com todos os graves riscos e acidentes que podem decorrer de sua utilização, restringindo-a aos laboratórios de pesquisas nucleares, sem que chegue na forma de energia elétrica aos lares humanos.

Os eventuais usos inadequados, as formas pragmáticas de utilização, a exploração visando ganhos financeiros, ou outros modos de praticar a mediunidade que tragam prejuízo aos seus usuários, são consequências de sua popularização e da ignorância que ainda existe sobre o tema fora dos meios religiosos. Esta possibilidade dificulta o encontro de alternativas positivas de uso comum. Trata-se de uma fase de transição do domínio de seu uso. Será necessária uma ampla divulgação de suas nuances e de todos os resultados que se podem obter com o uso comum. O fato é que a mediunidade é faculdade universal que tende à popularização, tornando-se ferramenta pessoal de uso comum nas mais diversas atividades humanas. Sua utilização cotidiana implica maior consciência das interações entre encarnados e desencarnados, ampliando as relações para o desenvolvimento de atividades conjuntas. Há de se registrar que o interesse é mútuo, pois os habitantes de diferentes dimensões existenciais sempre buscaram o estabelecimento de comunicação, quebrando a solidão e a saudade características. Muito provavelmente, a grande maioria dos fenômenos mediúnicos não foi requerida por evocados ou por iniciativa dos encarnados, mas dos desencarnados que, impulsionados pelo desejo de se mostrarem vivos, consignaram suas presenças na dimensão material.

Para o uso da mediunidade em certas atividades legais, cujos resultados interferem no direito do outro, seria necessária sua normatização com a constituição de leis como as existentes para qualquer atividade em que obrigações são exigidas. No futuro, as empresas agenciariam comitês constituídos por médiuns credenciados, previamente qualificados, sobretudo pela precisão e confirmação da veracidade de suas comunicações, atestadas por auditores independentes. O exercício profissional da atividade seria regulamentado por um Conselho, à semelhança dos Conselhos de Classe, principalmente para o estabelecimento de um código de ética para que seu exercício venha trazer segurança e benefícios à sociedade.

Uso da mediunidade

Uso da mediunidade em atividades intelectuais.

O uso da mediunidade também deve ocorrer em todas as atividades intelectuais do ser humano. A proximidade, tornada consciente e sendo requerida pelos encarnados, de pessoas desencarnadas que tenham os mesmos interesses intelectuais favorece a busca pelo conhecimento, o surgimento de reflexões mais amplas, o aprofundamento de temas de mútuo interesse, bem como o contato equilibrado com o próprio Inconsciente, provocado pela mediunidade adequadamente conduzida. Esta conexão consciente tem como consequência uma maior interação de saberes e de ganhos intelectuais para os envolvidos. Quando uma pessoa pretende ler, estudar, pesquisar ou se dedicar a algo que lhe exija o uso de suas competências na interpretação de textos, de discursos e de sua inteligência lógica, poderá conscientemente atrair pessoas desencarnadas para uma atividade conjunta. É claro que o inverso também poderá ocorrer – desencarnados procurarem Espíritos especialistas encarnados para o compartilhamento de informações.

Uso da mediunidade em atividades artísticas.

O uso da mediunidade também deve se estender ao campo das atividades artísticas. A arte é uma linguagem abstrata que proporciona a conexão que ultrapassa os limites da cognição. A arte expressa o que vem direto da alma, da vontade e do impulso oriundos da essência do Espírito. Seu significado vai além do intelecto e não obedece a uma lógica convencional. É expressão pura da criatividade do Espírito. Entrar em contato com a arte, em qualquer de suas manifestações, proporciona ao Espírito o estabelecimento de conexões transcendentais que se traduzem em bem-estar espiritual. Qualquer artista, ou alguém que deseja lidar diretamente com algum tipo de arte, poderá atrair conscientemente uma pessoa desencarnada que tenha esta *expertise* e que possa colaborar com sua atividade. Não é incomum assistir a demonstrações de talentos em que ocorre a integração de pessoas encarnadas e desencarnadas num incrível espetáculo, em que a arte se torna elemento de conexão de ambos com a Essência Divina para o desenvolvimento da criatividade. Não seria tão somente uma arte mediúnica, mas a mediunidade como elemento estruturante para expressão do bem e do belo pertencente ao Espírito imortal.

Uso da mediunidade em atividades profissionais.

O uso da mediunidade em atividades profissionais requer critérios bem definidos em face das obrigações legais envolvidas. Na vida profissional, em que não é comum se ouvir falar de intervenção de pessoas desencarnadas, também se pode contar com a interação interdimensional. Guardando o devido equilíbrio para o desempenho de atividades que implicam responsabilidade legal, em que os objetivos são relacionados à produtividade, ao lucro e à longevidade do negócio, tal participação, quando conscientemente requerida, deve ter seus limites bem estabelecidos. Estes limites dizem respeito aos objetivos da atuação de um desencarnado nos processos de uma empresa. Para que haveria tal participação? Certamente seria para proveito mútuo. Imagine-se a necessidade de pessoas desencarnadas, em transição para um estado em que se dediquem a atividades exclusivas e específicas da dimensão espiritual, retornarem ao trabalho na dimensão material também pela intensa fixação em que, porventura, se encontrem no que antes trabalhavam. Imagine-se também a possibilidade de outros, já conscientes de sua caminhada evolutiva, interessem-se em promover melhorias nos processos empresariais, em benefício da sociedade para a qual a empresa foi criada. Seria o compartilhamento de experiências que melhorariam a sociedade como interfeririam positivamente na preparação do retorno pela reencarnação de Espíritos que dariam continuidade ao seu trabalho de melhoria social.

Uso da mediunidade em atividades religiosas.

O uso da mediunidade em atividades religiosas é algo mais do que natural. Nada mais comum do que a participação de pessoas desencarnadas nas muitas atividades religiosas humanas. Não só naqueles que delas se servem para a vivência de suas relações com o sagrado como também nos que se encontram na posição de sacerdotes ou de instrutores na iniciação de adeptos de alguma religião, a mediunidade estará sempre presente, sobretudo por causa da cultura humana que relaciona morte com religião, pois a participação de pessoas desencarnadas é intensa e numerosa. Ainda há mais evocação de pessoas desencarnadas para ajuda e orientação do que para o estabelecimento de parcerias espirituais com vistas à realização de

atividades de ganho para ambos. Muito embora seja conscientemente requerida, esta participação ainda não atende os requisitos da igualdade e do relacionamento em que todos ganham. O clientelismo, a submissão e o pajear imperam no intercâmbio mediúnico. Melhor acontecerá quando encarnados e desencarnados se prestarem a modificações na prática religiosa, para a libertação das consciências humanas que ainda lidam com um Deus que acreditam ser um juiz implacável, representado pela culpa que se autoimpõem. A mediunidade, usada de forma aleatória e para propósitos de doutrinação, poderia ser mais bem utilizada para esclarecimento sobre a vida espiritual, sobre Deus e sobre a dessacralização do próprio fenômeno mediúnico. A mediunidade seria então utilizada para reduzir seu excessivo uso, de forma enviesada, nas atividades religiosas, com o esclarecimento de que se trata de faculdade humana natural para uso na vida comum. Espíritos desencarnados seriam orientados para, em suas comunicações mediúnicas, evitar sacralizá-la e tratá-la como se fosse algo especial ou exclusivamente de uso religioso.

Uso da mediunidade em atividades médicas.

O uso da mediunidade em atividades médicas também é algo muito comum e intenso. Muitas pessoas desencarnadas acompanham serviços médicos e de enfermagem não só para auxílio a seus entes queridos que requeiram cuidados como também para subsidiar o trabalho dos profissionais dessa área. Os ambientes hospitalares estão superlotados de pessoas desencarnadas com os mais diversos interesses e ocupações. Acresce o fato de que é principalmente nas instituições de saúde que as pessoas encarnadas finalizam o ciclo da reencarnação, onde também iniciaram. Ali acontece a maioria das desencarnações, portanto, que a ligação com instituições que abrigam pessoas que retornam à dimensão espiritual é maior. Cabe, principalmente nesses ambientes, a instalação de atividades de contato mediúnico para que se estabeleçam providências oportunas para os dois lados. A interação das equipes que atuam nos dois ambientes com os mesmos propósitos é fundamental para que promovam curas necessárias, orgânicas e psicológicas, e as desencarnações sejam menos traumáticas e com mais ganhos para quem fica e para quem retorna. Aí a mediunidade teria uma grande importância, sobretudo a que se pratica

institucionalmente, sem prejuízo ao que cada profissional de saúde possui e utiliza como meio de ampliar sua atuação pessoal. Acresce a grande utilidade que teria nas pesquisas médicas, com o compartilhamento nos avanços do conhecimento que se fazem nos dois lados.

Uso da mediunidade em atividades psicoterapêuticas.

O uso da mediunidade em atividades psicoterapêuticas teria utilidade semelhante à usada no campo médico e no trato das obsessões espirituais. Pelas mesmas razões do ambiente médico, a participação de pessoas desencarnadas nas atividades de psicoterapia é muito comum. Muitas obsessões passam pelos consultórios de psicoterapia, pois aqueles que lhes sofrem as consequências recorrem muitas vezes aos serviços pertinentes, quando não vão também aos psiquiatras. Quando o profissional da área terapêutica requisitar conscientemente, por via de sua mediunidade, a participação de Espíritos desencarnados especializados na arte de atender pessoas, conhecendo a dinâmica psíquica, haverá uma redução nas obsessões espirituais, desafogando os trabalhos mediúnicos que se fazem nos Centros Espíritas com os mesmos objetivos. Esta interação aprimoraria as atividades afeitas à Psicologia Clínica, permitindo o surgimento de um novo ramo dedicado à interação entre encarnados e desencarnados. A proximidade de especialistas, encarnados e desencarnados, no funcionamento da mente, isto é, do aparelho psíquico, visto pelo olhar das duas dimensões, favoreceria o tratamento dos transtornos psíquicos e das afecções mentais que envolvessem ou não obsessões.

Uso da mediunidade em atividades pedagógicas.

O uso da mediunidade em atividades pedagógicas seria de grande utilidade na reformulação do ensino, justamente pela possibilidade da obtenção de informações mais específicas a respeito das experiências progressas do Espírito, adequando-se metodologias de acordo com as características já integradas de cada um. O compartilhamento de informações por via mediúnica seria também útil na prevenção e no

tratamento de transtornos psíquicos, sobretudo aqueles que interferem na aprendizagem, previamente identificados a partir do entendimento entre especialistas das duas dimensões. Não só as desencarnações seriam mais bem planejadas, como também as reencarnações acolhidas com o uso daquelas informações. Haveria aulas interativas a distância, oportunizadas por Espíritos desencarnados especialistas em determinados temas, cujo conhecimento seria útil para o aprimoramento da atividade pedagógica. A compreensão prévia, por via mediúnica, das tendências de cada Espírito que vai reencarnar seria muito útil para o planejamento dos métodos de ensino mais apropriados as suas particularidades, reunindo aqueles que se assemelhassem.

Uso da mediunidade em atividades criativas.

O uso da mediunidade em atividades criativas, lúdicas ou não, que envolvem geração de ideias, na elaboração de novos produtos e na manufatura de obras úteis à sociedade teria grande utilidade quando houvesse o compartilhamento de *expertises*. Novas tecnologias, novos modos de produção e novas formas de se relacionar com os objetos poderiam surgir com o compartilhamento de ideias oriundas das duas dimensões. Pessoas criativas, sobretudo aquelas que trabalhavam com artes manuais, com *design* e com interatividade virtual, teriam muito a contribuir estando na dimensão espiritual. O uso da mediunidade por pessoas que tenham essas *expertises*, no contato com desencarnados que possuam os mesmos interesses, seria de extremo valor, pois haveria uma troca muito produtiva.

Uso da mediunidade em atividades científicas.

O uso da mediunidade em atividades científicas, sobretudo nas pesquisas em todas as áreas do conhecimento humano, seria de grande utilidade, com ganhos mútuos. Pesquisadores que desencarnaram justamente quando estavam próximos a descobrir importantes conhecimentos de grande utilidade para a dimensão material poderiam dar

continuidade aos seus trabalhos, orientando diretamente quem ficou. Laboratórios de grande envergadura, com pesquisas importantes para a melhoria da vida humana, sobretudo na dimensão material, teriam uma divisão de contato mediúnico para a prospecção de novos métodos e tecnologias para obtenção de melhores resultados em benefício da vida humana. Os ambientes de pesquisa das Universidades também poderiam contar com um departamento mediúnico para intercâmbio entre estudiosos, em favor do desenvolvimento da ciência e dos conhecimentos úteis para a Humanidade.

Uso da mediunidade em atividades policiais.

O uso da mediunidade em atividades policiais seria de grande benefício para a segurança pública, sobretudo para a erradicação da criminalidade pela utilização de métodos que inibissem a atuação de malfeitores de ambas as dimensões. A interação entre polícias contribuiria para a solução e prevenção de crimes considerados insolúveis, como também pelo estabelecimento da troca de informações sobre a situação de encarnados e desencarnados a respeito de suas tendências. Este entendimento mediúnico favoreceria a troca de conhecimentos sobre velhos crimes e a localização de seus responsáveis, para que possam contribuir de forma voluntária, ensinando como não se deve agir, pois não há impunidade em face dos processos educativos das leis de Deus.

Uso da mediunidade em atividades do serviço público.

O uso da mediunidade em atividades do serviço público levaria também à criação de comitês de intercâmbio mediúnico, compostos após a qualificação de médiuns segundo critérios de precisão de suas comunicações, possuidores de faculdades mediúnicas principalmente de psicofonia e psicografia. Haveria também comitês de *compliance* para a garantia da ética e do sigilo no trabalho desenvolvido pelos médiuns contratados. Atividades ligadas à regulação de normas, aos serviços jurídicos e à segurança nacional mereceriam destaque e intercâmbio

mediúnico especial em face das implicações coletivas que trariam. Diante da importância, haveria contato mediúnico com desencarnados de outras culturas que representam suas cidades espirituais vinculadas a diferentes países na dimensão da matéria.

Com a popularização da mediunidade, teríamos uma atualização de seus tipos de acordo com a personalidade das pessoas e com as modificações que vêm ocorrendo na qualidade dos fluidos que exalam, oriundos de seu perispírito, nas mudanças sociais, bem como nas alterações que ocorrem nos objetivos dos Espíritos desencarnados em face das características do Século XXI. A modernidade, as novas e diferentes atividades desenvolvidas pelas pessoas encarnadas requerem uma atualização da divisão da mediunidade em efeitos físicos e efeitos inteligentes, ampliando-se para aqueles efeitos fronteirizos pertencentes ao mundo virtual, em que a mediunidade contribui para alterações em programas que rodam nos computadores do mundo. Por outro lado, as mudanças na sociedade, as novas profissões, a nova mentalidade coletiva, as novas manifestações de gênero, a reorganização social por conta das redes sociais, o fenômeno da arte televisiva e cinematográfica, bem como as novas concepções relacionados ao sagrado, requerem estudos mais aprofundados sobre novos tipos de mediunidade. A mediunidade como elemento de fé e de uso exclusivo nas manifestações religiosas está cedendo lugar a uma faculdade presente em todas as experiências humanas, sobretudo nas relações interpessoais.

Estas possibilidades implicam novos posicionamentos sobre a mediunidade gratuita, sobre sua sacralização e sobre seu restringimento aos ambientes institucionais. Sua apropriação pela religião deve ceder lugar aos usos comuns na sociedade, por conta de uma grande oferta de utilidades em todas as experiências humanas.

6. Asas que não voam

As asas foram importantes aquisições para evolução das espécies. Algumas aves perderam a capacidade de voar, mesmo conservando alguns resquícios de asas, por motivos diversos. O desuso, a adaptação ao *habitat* e a falta de predadores parecem ter contribuído para a ausência de voos que promovessem mudança significativa de ambiente. As que não voam, geralmente são aves de grande porte que se tornaram úteis para o equilíbrio ambiental. Algumas, pela perda da capacidade de voar, foram domesticadas, servindo aos seres humanos. Tornaram-se presas fáceis, razão por que são poucas as espécies de aves que não voam.

Assim ocorre com o Espírito quando não utiliza suas potencialidades nem desenvolve novas habilidades evolutivas. Vive uma vida pobre de realizações, sem riscos, sem aventuras, tampouco apreenderão tudo que o Criador dispôs para sua evolução, tornando-a lenta e penosa. Permanece criança à espera de um deus mágico. Quando assim permanece, não consegue se perceber Espírito, enxergando-se como personagem limitado por imposições físicas, biológicas e por proibições que considera atribuídas pelo Criador. Submete-se a crenças rígidas, cujo processo de mudança para o amadurecimento e libertação com ampliação da Consciência requer longos e penosos séculos. Neste estado, seu olhar é de encarnado para desencarnado, como se necessitasse conquistar a crença na existência de uma dimensão espiritual, quando deveria entender que é um Espírito imortal e que precisa compreender o significado de estar em uma experiência de contato com uma dimensão mais densa, material.

O que reencarna

A reencarnação implica a formação de novo personagem em face da mudança de realidade que o Espírito enfrenta e forja. A cada reencarnação um novo personagem surge, sem prejuízo à individualidade do Espírito. O personagem morre quando o Espírito inicia nova experiência na dimensão seguinte, independentemente de ele conservar a memória das imagens referentes à sua identidade anterior. A morte do corpo físico sela a morte do personagem de cada encarnação, mesmo que a consciência continue assumindo a identidade imediatamente precedente à desencarnação. A conservação da identidade, ou representação conhecida de si mesmo, já não mais permitirá que o Espírito exerça sua cidadania em face da mudança de dimensão, por força da desencarnação ou da reencarnação. Trata-se de mecanismo cujo resultado é a existência de um espectro de personagens abrigados no perispírito do Espírito que lhe trazem uma maior compreensão a respeito da natureza humana e de Deus.

A reencarnação ainda é tida como o processo de retorno da atual personalidade a um novo corpo físico. Esta compreensão dificulta o entendimento preciso do que de fato ocorre. Impõe-se uma compreensão mais específica da reencarnação com a percepção do que reencarna, sobretudo o entendimento da relação do Espírito com seu personagem, sem o que se torna difícil perceber a natureza espiritual do ser humano e do que é ser imortal. A personalidade atual não é a anterior reencarnada. O Espírito que constituiu a personalidade anterior, da mesma forma que construiu a nova, é que reencarna. São duas distintas personalidades de um mesmo Espírito, que, por sua vez, possui muitas outras gravadas em sua memória. A mudança de personalidade, com características muito diferentes uma da outra, não implica alteração da individualidade. Mudanças biológicas, psicológicas e culturais não interferem na individualidade do Espírito.

A reencarnação é uma crença antiga, presente em muitas culturas, sobretudo no subcontinente indiano. Baseada na ideia de que a vida no corpo físico é uma punição para o ser espiritual, teve seu significado associado à ideia de causalidade, sendo justificada pela necessidade de aperfeiçoamento moral, mediante a aquisição de virtudes para que não mais a ela se submetesse. Com novos e recentes estudos científicos a respeito da reencarnação, fora do contexto religioso, sobretudo com relatos de crianças que se lembraram de suas vidas passadas, verificou-se que se trata de um

fenômeno natural, não punitivo, mas educativo, que faz parte do fluxo natural da evolução de todo Espírito. Mais ainda, que a personalidade atual, mesmo guardando alguns traços da anterior, apresenta características que, ao menos aparentemente, sugere ser outra pessoa. Trata-se, porém, do mesmo ser humano, Espírito que retornou em outra roupagem, portanto, outro personagem.

A encarnação é processo obrigatório para a evolução dos Espíritos no nível de desenvolvimento em que se encontram aqui na Terra. Não é punição, não é descida nem involução, mas tão somente meio contínuo de conexão com um tipo de vibração denominada de material, para a integração de habilidades. Graças à encarnação, o Espírito formou um ego que lhe deu consciência de si como individualidade. A reencarnação possibilita a vivência de inúmeros personagens, que também, entre outros ganhos, permite ao Espírito a percepção das distintas faces de Deus.

Personagem, em uma concepção simples e fora do domínio religioso ou desconsiderando a imortalidade e a reencarnação, significa pessoa, ser humano, indivíduo no mundo, personalidade autônoma, representação de uma unidade humana. Quando se considera a imortalidade e a reencarnação, entende-se melhor que se trata da manifestação concreta do Espírito que, ao reencarnar ou ao desencarnar, constrói um determinado personagem. O Espírito, portanto, é considerado o senhor que conduz o personagem, ora identificando-se com ele, ora tentando guiá-lo para o atendimento de seus propósitos. Não se trata de uma dissociação psicológica, mas da percepção de si mesmo sob diferentes ângulos, visando educar a exteriorização do Espírito da forma adequada aos seus propósitos e de acordo com o meio em que se manifesta. Esta percepção permite um diálogo entre o Espírito e seu personagem para adequação de rumos, firmamento de propósitos e para uma melhor compreensão dos aspectos sombrios da personalidade resultante.

O personagem formado pela nova reencarnação guarda, no perispírito que lhe presidiu a construção do novo corpo físico, a memória das experiências vividas anteriormente. Este novo personagem apresenta as tendências do Espírito, acumula a resultante das experiências que acontecerão na nova existência em um corpo, recebe as alterações oriundas

das influências hereditárias que merece portar e é também influenciado pela educação doméstica e pelas contingências inerentes ao meio e à época. Todas estas características reunidas compõem a nova personalidade que apresenta, dando continuidade a sua evolução.

As memórias das experiências dos personagens anteriores vividos pelo Espírito influenciam a personalidade construída na nova encarnação, apresentando-se no formato de tendências, podendo, ou não, ter prevalência sobre a educação que recebe e as decisões que tome a respeito de suas novas condutas. Estas tendências podem influenciar em escolhas de profissão, de acasalamento, de religião, de local de moradia, portanto, em todo tipo de preferência e de decisão do Espírito. Os personagens anteriores vivem dentro do atual, tornando-o um ser alquímico e complexo com características que se misturam, formando o que conhecemos como sendo a natureza humana.

A opção consciente, fruto da cultura e da ignorância humana sobre si mesmo, de pensar e agir tendo como referência sua existência física, dificulta a compreensão de que se trata, ele mesmo, de uma representação possível, na dimensão em que se situa, de algo mais complexo, precedente e anterior, que lhe dá causa: o Espírito imortal. Sua percepção deveria ser de si mesmo como Espírito, utilizando um corpo, que construiu um personagem que momentaneamente o cooptou. Enquanto dure esta cooptação, reduz sua percepção de si mesmo, invertendo o olhar, colocando-se em busca de algo transcendente, acreditando que é ele mesmo, o ser limitado, o ego do personagem que criou, que deve se tornar divinizado. Quando amadurecer e tomar consciência plena de sua imortalidade, entenderá que sua essência é divina e tudo quanto considere ser a realidade está disponível para que se realize, moldando o Universo a seu favor.

A visão de si mesmo como pessoa finita encerrada em um corpo físico que delimita sua existência, submetida a uma realidade distanciada de sua natureza e contrária a ela, dificulta a percepção de que há um Espírito e de que é ele que deve manejar seu personagem. O entendimento de que se é uma pessoa finita e de que a realidade é algo externo, absoluto, em que está imerso, posta para que interaja e dela venha a extrair, nas experiências de

contato, o necessário aprendizado, dificulta a compreensão de que, sendo Espírito, existe algo mais complexo a ser percebido e de que ela é completamente flexível ao seu pensamento. A realidade não é absoluta, nem tampouco, por ser material, se opõe ao Espírito, pois se trata de algo moldável e que se presta a ser a representação de todos os processos psíquicos internos do ser humano. A realidade deve ser compreendida como representação de tudo quanto existe na intimidade da mente humana, tendo sua contribuição como agente de transformação para se apresentar como é percebida. Não se trata de uma ilusão, pois não é possível existir sem representar-se, projetando-se em suas nuances.

O indivíduo tem que entender que a cooptação deve se inverter. O ego do personagem deve dar lugar ao ego do Espírito e a dimensão material ser olhada como uma experiência em que se formatiza uma representação limitada de um ser mais complexo, mais maduro e com mais habilidades. É preciso o personagem perceber a si mesmo e simultaneamente o Espírito que o constitui, o que não é simples nem se obtém por uma crença ou decisão instantânea e improvisada. É trabalho de desconstrução de conceitos e crenças em paralelo à construção de uma relação saudável entre ego do personagem e ego do Espírito. Torna-se possível com a consciência da imortalidade, com o entendimento de que a personalidade atual vai morrer quando deixar esta dimensão, com a ausência de medo ou receio do futuro, com a eliminação de culpas, com a disposição permanente de enfrentar os desafios da vida e com a leveza de ter uma suave relação com Deus.

Viver tão somente a vida do personagem, desprezando a riqueza de uma existência fundamentada na própria imortalidade, é um grande desperdício, com atraso na evolução e com distanciamento de seus afetos. A vida de um personagem com as experiências que vivencia é o meio para que o Espírito conquiste a integração de importantes habilidades evolutivas, que o capacitam a alcançar dimensões cada vez mais complexas e superiores. A dimensão material é tão somente uma das muitas em que o Espírito penetra e se estabelece, por um breve período, em sua jornada ascensional. Quando apreende tudo que é possível em uma dimensão, estabelece-se em outra mais evoluída, vislumbrando outra superior.

Cada personagem é uma face do Espírito, útil para que interaja com o mundo em que pretende aprender. É uma espécie de ferramenta que utiliza para se mostrar e para apreender, da realidade em que se situa, o máximo e o melhor para a compreensão de si mesmo. A integração de ambos deve dar primazia ao Espírito, sem prejuízo da importância do personagem no mundo físico. Espírito e seu personagem compõem mais uma das maravilhas do Criador, que sempre apresenta nuances inimagináveis àqueles que O veem como um salvador mágico e pronto para atender as rogativas pueris humanas.

Compreensão da relação Espírito x Personagem

A consciência de ser Espírito imortal permite a percepção de que cada fase evolutiva implica a constituição de um personagem. Há personagens construídos no corpo físico e outros, na dimensão espiritual. O Espírito geralmente vive cada personagem transitando em duas dimensões contíguas, pois sempre vai vislumbrar uma que lhe seria superior, em que anseia viver. Quando o personagem, em sua Consciência, consegue dar lugar ao Espírito para que este conduza o viver, é possível notar-se nele uma série de mudanças internas com consequências no comportamento e na percepção da realidade. Seguem algumas mudanças que passam a acontecer, bem como características de um e de outro.

1. A pessoa deixa gradativamente de se comportar pelo certo ou pelo errado, para agir de acordo com uma avaliação sobre o que é mais adequado ou não a si mesmo, ao próximo e à sociedade, independentemente do julgamento moral que se faça de suas decisões e atos. O Espírito, diferentemente do personagem, não se pauta pelo certo ou pelo errado, muito embora tenha consciência plena de suas consequências. Para o

Espírito, o que é adequado compreende a percepção de totalidade evolutiva e de inclusão do outro em suas decisões.

2. Quando a pessoa faz uma autoavaliação, busca uma percepção de si mesma pelas tendências, em lugar de enxergar tão somente o próprio comportamento pontual. O personagem tem o hábito de se enxergar pelo próprio comportamento, enquanto o Espírito se percebe pelas suas tendências, o que implica a melhor percepção do que deve mudar, optando pela intervenção nas causas e não apenas nos sintomas. Comportamentos são reflexos de tendências, que são alimentadas pela repetição deles. Nem sempre mudar de comportamento provoca transformações nas tendências do Espírito.

3. O Espírito é proprietário do tempo, tendo-o como infinito, não estando a ele sujeito. Relativiza-o a depender da dimensão em que se encontre e dos seus objetivos. O personagem vive o tempo do corpo, submete-se aos ciclos naturais de seu desenvolvimento, sujeito à ansiedade e ao medo. O Espírito é senhor de seu tempo, utilizando o do corpo com qualidade, visando a integração constante de novas habilidades. Evita usar seu tempo sem proveito de sua evolução, muito menos em experiências que não lhe agreguem valor. Enquanto o personagem ganha e perde tempo, não aproveitando os momentos como importantes para integração de habilidades, o Espírito usa o tempo não só a seu favor como da sociedade na dimensão em que vive. Não considera que perde tempo nas experiências, mesmo as que parecem ser malsucedidas.

4. O Espírito usa seu tempo mental com ergonomia e determinação. Atua na vida com interesse em aprender, desenvolver-se e proporcionar melhoria na sociedade em que vive. Sua mente está constantemente ativa, com a Consciência disposta e decidida ao enfrentamento de toda e qualquer dificuldade que surja. Nada teme nem espera facilidades para o que deve ser vivido. O personagem geralmente está preocupado em vencer os obstáculos materiais e depois descansar, divertindo-se ou deleitando-se, como se a vida fosse apenas trabalhar e depois se aposentar.

5. O Espírito está constantemente buscando integrar habilidades nas mais variadas atividades que desenvolve, também quando descansa ou quando em atividade de lazer. O personagem se preocupa em apresentar ou

conquistar virtudes para que sua consciência o tranquilize quanto às promessas que faz ao Divino ou para superar o que considera sejam seus erros. As habilidades são instrumentalizações úteis para a atual e as futuras encarnações do Espírito, que não se prendem a demonstrações de virtuosidade, mas à integração de competências nos mais variados campos da vida.

6. O personagem entende que sua história é definida nos limites de seu corpo, dos ciclos que vive e do que sua consciência é capaz de entender e de estabelecer horizontes demarcados. O Espírito, no entanto, percebe que sua história é apenas uma interpretação de sua mente, e seu passado se reduz ao que concebe em sua própria consciência, não sendo um ente real e absoluto. O Espírito, ao analisar seu passado, compreende que a ignorância foi mãe de suas ações, oferecendo-lhe justificativa para possíveis equívocos. Sua análise extrapola os limites dos erros e acertos, considerando mais importante as habilidades que já conseguiu integrar.

7. O Espírito, quando considera sua autoimagem, identifica-se com as habilidades que possui e com o que é verdadeiramente capaz de realizar com elas, não se ocupando de relacionar feitos e vitórias havidas como sendo a forma de se identificar. O personagem, no entanto, identifica-se com os próprios feitos, com seu passado de glórias e com os elogios que recebe dos outros. Sua imagem pessoa é estética e fomentadora da vaidade. Para o Espírito, o importante é o que ele é capaz de fazer e não apenas o que já fez. O feito pertence a seus beneficiários.

8. O Espírito mantém a consciência de sua imortalidade, integrando-a permanentemente, mesmo nos momentos em que tudo pareça apontar para perdas, tragédias ou qualquer revés. Não teme a morte, pois sabe de sua importância como momento de mudança de dimensão de moradia. O personagem, ao contrário, teme a morte e vive interpretando os eventos externos como destino e como inevitáveis, acreditando em sorte e azar. Para o Espírito, que vai gradativamente tomando consciência de como manejar o próprio destino, seu futuro se faz e se refaz conscientemente a cada momento.

9. Enquanto o Espírito se sente parte integrante da Espiritualidade, mesmo estando encarnado, o personagem trata a dimensão espiritual como

objeto de crença e como algo distanciado de si mesmo. Enquanto o primeiro se sente integrado à Espiritualidade, o segundo apenas crê. O Espírito vive em um eterno presente, em que o momento seguinte não lhe provoca qualquer ansiedade. O personagem, ao contrário, vive preocupado com o presente e temeroso quanto ao futuro. A serenidade é companheira constante de quem tem consciência de que é um Espírito imortal.

10. O Espírito, ao entrar em contato com seus medos, compreende que eles revelam seus limites e que servem para impulsioná-lo para novos desafios. O personagem, no entanto, quando se depara com seus medos busca constante proteção divina ou de seres considerados superiores. O primeiro cria seus meios de lidar com o que lhe incomoda e agride; o segundo foge, buscando proteção. O Espírito compreende que tudo que o incomoda aponta para algo ainda não resolvido em si mesmo. O personagem, via de regra, acusa algo externo como causador de seu incômodo.

11. O Espírito intenciona, em todas as experiências que vive, alcançar sua autodeterminação, condição em que se autorreferencia pelas habilidades superiores que já integrou. Age consoante sua consciência já amadurecida e preparada para lidar com todo e qualquer desafio que a Vida lhe oferece. O personagem, no entanto, segue líderes e, para atuar na vida, espelha-se em seus comportamentos, assumindo a condição permanente de seguidor. O Espírito segue leis cujos princípios já foram integrados à própria essência. O personagem cumpre leis externas que ainda estão sendo obrigatoriamente seguidas;

12. Quanto à disposição para viver e sobre a mente aberta para aprender, o Espírito assume a condição de pessoa assertiva, ativa e pronta para enfrentar cada momento da vida, mostrando-se apto e de humor em equilíbrio. O personagem vacila, alterna disposição com recusa e com postergação de agir quando necessário. O Espírito, compreendendo o sentido da vida e com total consciência do que quer para si, planeja sua encarnação ou sua vivência na dimensão espiritual, disposto a viver tudo que a Vida oferece para seu crescimento. O personagem, ao contrário, vive apenas no limite dos horizontes da vida material;

13. O Espírito tem o ego movido por objetivos superiores, altruístas e que vão além da atual encarnação, pois seus horizontes consideram a imortalidade. O personagem tem seu ego movido por objetivos circunstanciais da atual encarnação, em geral centrados no que lhe dá prazer imediato. A consciência plena da imortalidade proporciona ao Espírito o manejo de um ego maduro, sereno e determinado, enquanto que o personagem, quando não possui a visão imortalista, permanece imaturo, ansioso e vacilante. O amadurecimento do ego advém da aceitação de sua mortalidade simultaneamente à compreensão da imortalidade do Espírito.

14. O Espírito, quando no comando da vida, ocupa-se concomitantemente com o bem-estar pessoal e coletivo, pois atua também em projetos de vida que beneficiam a sociedade. O personagem, atuando egoicamente, exaltando sua vaidade, ocupa-se exclusivamente de seus interesses menores. Quando o indivíduo compreende a importância de seu trabalho para o bem comum, engaja-se em experiências que resultam na melhoria das condições da sociedade em que vive. Quanto mais o indivíduo se percebe um Espírito imortal, melhor exerce sua cidadania e mais produtivo se torna em seu trabalho;

15. Enquanto o Espírito, em relação aos desafios comuns da vida, inerentes a relacionar-se, estudar, trabalhar, acasalar-se e a viver bem no mundo, consegue com habilidades naturais já conquistadas vencer e cuidar dos muitos processos existenciais da encarnação, o personagem se demora e necessita de grande esforço para se adaptar às exigências do cotidiano humano. Quando o indivíduo se percebe Espírito imortal, apressa-se em equacionar as exigências naturais de uma vida estável em sociedade. O personagem, quando inconsciente da imortalidade de seu senhor, o Espírito, luta e se esforça muito, com alto dispêndio de energia para simples conquistas materiais.

16. O sistema de valores do Espírito baseia-se na ética que estrutura sua coerência interna, considerando que atua de acordo com o que sente e pensa. O personagem possui um sistema de valores baseado na dialética bem *versus* mal. A ética do Espírito inicia consigo mesmo, com o compromisso da coerência com os princípios superiores que já integrou ao seu ser. A ética do personagem é exterior, socialmente admitida, ainda não

internalizada. O primeiro conscientemente constrói um sistema de valores válido para consigo mesmo e para todos os momentos de sua vida, enquanto o segundo aplica-o convenientemente e de acordo com interesses menores.

17. O Espírito orienta-se e utiliza sua criatividade de acordo com propósitos espirituais e de longo prazo. O personagem é orientado por horizontes materiais e de alcance curto. A perspectiva aplicada pelo Espírito, ao considerar seu futuro, inclui pelo menos a vida atual, seu retorno à dimensão espiritual e uma próxima encarnação. O personagem mal consegue vislumbrar o término desta vida, apegando-se à vitalidade de seu corpo físico. Ao criar oportunidades, o Espírito, por este motivo, possui um leque maior de possibilidades do que permitem os limitados horizontes de seu personagem.

18. O Espírito tem total consciência de sua origem espiritual e de sua cidadania universal, não se prendendo a bandeiras, países ou feudos da dimensão material, sem, no entanto, lhes negar o valor. O personagem situa-se exclusivamente pelas referências e tradições familiares e pela nacionalidade que adota. A consciência de que a Terra é morada coletiva, que iguala todos na mesma condição de cidadão do planeta, permite ao indivíduo que tem a consciência de que é um Espírito imortal a dissolução do nacionalismo que separa e a eliminação de fronteiras xenófobas.

19. O Espírito, pela sua consciência imortal, já conquistou a superação do desejo de poder e de reconhecimento pelos outros. Sua consideração sobre o valor pessoal não depende dos afagos externos. O personagem, no entanto, ainda possui o desejo constante de superação da inferioridade em que se move. O poder pessoal do Espírito não mais depende do consentimento de alguém, pois se baseia numa consciência transformada pela integração de habilidades úteis para todos. O personagem ainda vive sob o interesse de ser agraciado com concessões exteriores.

20. O Espírito busca o estabelecimento de relações em que a amizade seja construída, mesmo naquelas em que há o desejo erótico. Quando em família, independentemente da função que ocupe, tenderá a fazer amigos. O personagem tende a estabelecer uma hierarquia de valor em suas relações, privilegiando aquelas que lhe proporcionem algum ganho ou prazer imediato. Para o Espírito, fazer amigos implica pertencimento e ampliação

de suas habilidades fraternais. O personagem apenas vislumbra as trocas que ocorrem com seus amigos.

21. O Espírito sente o Divino sem qualquer rito ou exigência de culto. Não estabelece *a priori* nenhum conceito de Deus, mas O sente permanentemente. O personagem tão somente crê em Deus, buscando agradá-Lo. Enquanto o Espírito compreende que não precisa buscar Deus, muito menos sente qualquer separação ou necessidade de a Ele se religar, o personagem vive em constante tentativa para encontrá-Lo. A relação que o Espírito estabelece com Deus é natural, espontânea, indefinível exteriormente, mas muito sólida em seu mundo interior, sem qualquer abalo ou exigência de presentes divinos ou de reciprocidade.

No processo de identificação do Espírito, que é, o personagem deve:

- integrar, como habilidades naturais, suas obrigações e os rituais religiosos, utilizando-os espontaneamente, sobretudo transformando a prática da caridade em bondade;
- ser grato pela proteção espiritual gratuita, buscando, porém, sua autonomia em tudo que faz, a fim de dissolver dependências e fragilidades não resolvidas;
- provisoriamente, adotar e bem administrar *personas* para viver no mundo, porém tornar-se totalmente consciente de sua verdadeira identidade como Espírito imortal;
- enquanto trabalha para uma melhor capacitação pessoal, ocupar-se em contribuir para reduzir as injustiças sociais, além de aprimorar suas próprias habilidades;
- respeitar e ser grato aos seus entes queridos que forjaram seu caráter, sobretudo seus pais, enquanto busca sua própria autodeterminação para seguir sua vida;
- mesmo enxergando os paradoxos que existem no mundo, buscar contribuir para eliminá-los, não deixando de perceber claramente suas próprias contradições internas;
- enquanto percebe seus desejos íntimos e tem consciência da identidade sexual de sua personalidade, respeitar e compreender com

- empatia todos os gêneros humanos;
- respeitar e acolher toda manifestação mediúnica, no contexto religioso ou fora dele, tratando a pessoa desencarnada com alteridade e sem formalismo;
 - praticar sua religião sem sectarismo, respeitando toda manifestação religiosa ou ligada ao sagrado, enquanto percebe a necessidade de integrar novas habilidades;
 - enquanto se vê como integrante da Humanidade, irmanando-se aos seus pares, compreender sua própria singularidade, diferenciando-se naturalmente do coletivo.

7. Nascido para voar

É da natureza dos pássaros voar. São eles que denunciam a liberdade, que os toma como símbolos. São mais do que livres. São a própria liberdade materializada. Seus instintos os levam a alçar voo e a ganhar os ares. Quando não conseguem, continuam tentando. Suas asas sempre batem, mesmo quando não conseguem voar. Ante a impossibilidade, frustram-se buscando adaptar-se à realidade, senão morrem. Guiam-se pela designação biológica, em transição para a aquisição do livre-arbítrio. São seres em transformação, usando corpos adequados ao nível de evolução em que se encontram. Um dia, após atravessarem muitos ares e cruzarem horizontes diversos, entenderão o sentido e o significado de terem vivido aquelas oportunas experiências que lhes transmitiram o gosto simples pela liberdade.

Diferentemente das aves, o Espírito nasceu para utilizar sua razão, como asas evolutivas para o encontro consigo mesmo, consciente ou inconsciente de sua imortalidade. É livre por natureza, graças a sua essência divina. Neste estágio, como ser humano, tendo consciência de si como indivíduo singular, inicia seu domínio sobre a Natureza para aprender a educar seus instintos e bem utilizar suas inúmeras potencialidades. Sua designação pessoal, como ser espiritual, o levará a atravessar inúmeros portais em que quais irá integrar gradativamente tudo quanto for necessário como habilidades para não mais necessitar reencarnar. Em sua essência está a marca do Criador, que o gerou para atingir o incognoscível.

Mortalidade do personagem e imortalidade do Espírito

É necessária, em algum momento do desenvolvimento da personalidade, a adequada percepção do que é a morte, de seu significado real e de seus limites como fenômeno que promove a transformação do Espírito. Trata-se tão somente da continuidade de uma vida na outra, sem serem opostas ou devam ser consideradas como sendo uma a sombra da outra. O Espírito, mediante simples reflexão, olha para suas experiências, representadas pelos seus diversos personagens, e passa, então, a compreender que morte e reencarnação são dois momentos que demarcam um pulsar que define o ritmo de sua evolução.

A vida material e a vida espiritual não são opostas nem necessariamente os atos em uma provocam a causalidade que gera consequências futuras em outra. Tudo pode acontecer diferente quando o Espírito, na condição de encarnado, integra a consciência de sua imortalidade e, alterando suas tendências, modifica suas predisposições. A ideia da causalidade, que considera que as consequências dos atos humanos podem acontecer na encarnação seguinte, não é regra, pois a qualquer tempo pode ocorrer a modelagem da realidade de acordo com o que se deu. A qualquer tempo significa também a possibilidade de não haver em tempo algum, por conta de modificações decorrentes do equilíbrio interno restabelecido.

A morte é um portal semelhante ao da reencarnação, pois se tratam de experiências de mudança da dimensão de manifestação em que se situa o Espírito. Quando maneja bem as vivências em ambas, integrando habilidades úteis para a mudança de dimensão, capacita-se a penetrar outras mais complexas e cada vez menos penosas. Quando apreende tudo de que necessita para transcender, portanto, quando integra o máximo possível de habilidades em uma dimensão, navega para uma outra mais rica de experiências prazerosas. A morte e a reencarnação são momentos em que o Espírito forja o surgimento de novos personagens, permitindo-lhes a criação de situações mais adequadas aos seus propósitos, domina melhor seus potenciais e, quando planeja com sabedoria, melhor compreende seu Criador.

A experiência de morrer é mais bem compreendida quando se tem ideia mais precisa do que se vai viver posteriormente. Por enquanto, prevalece a ideia de que o Espírito enfrentará um estado psíquico estabelecido pelo

juízo que faz sua própria consciência, baseando-se na moralidade e fundamentada na dialética bem *versus* mal. Por esta razão, a religião desempenha importante papel no estágio em que se encontra o ser humano. Alimentando a ideia de que haverá futuramente um julgamento moral de seus atos e de que esta é a única maneira de pensar seu destino, as religiões contribuem para que assim ocorra. O Espírito ainda não entende que seus atos são consequências de seu estado psíquico, que, por sua vez, é reflexo de suas tendências, cujo julgamento moral tão somente determina predisposições. É o próprio Espírito que ainda permite que a religião desempenhe semelhante papel em sua evolução, pois ainda não consegue vislumbrar horizontes melhores para si mesmo. Ainda concebe a Divindade à semelhança de um grande útero nutridor e garantidor de sua segurança contra o mal.

Entender o morrer como experiência necessária, sem que seja buscada como fuga do viver, representa amadurecimento para quem compreendeu que não há limites para o Espírito imortal. Quando uma pessoa lida com a ideia da morte como o momento ápice de uma experiência corporal, vive-a com mais determinação, coragem e de forma apaixonada. Se a morte provoca a dissolução da vida de um personagem, por outro lado, consolida a compreensão de que há um propósito maravilhosamente fantástico para o Espírito. A Vida sempre reserva o melhor, o mais surpreendente e o que promoverá menor sofrimento ao Espírito.

Morte e descontinuidade

Quando a vida no corpo é compreendida apenas como uma longa viagem sem prejuízo algum ao Espírito, torna-se mais leve e menos sacrificial. A morte provoca uma descontinuidade ao personagem, que se vê expropriado do que considerava seu direito líquido e certo, porém promove a compreensão de que se trata de mais uma parada para arrumação e avaliação do verdadeiro proprietário da vida, que não cessa sua saga em transcender. Trata-se de um momento para a reorganização de propósitos existenciais, da verificação do real alinhamento com o Criador e do planejamento de novos caminhos para si mesmo.

A descontinuidade é aparente, pois uma vida tem conexão com a seguinte, que ocorre em diferente dimensão e que também será sucedida por outra. Não se opõem nem se assemelham em tudo, pois são complementares na medida em que apresentam diferentes possibilidades para a integração de específicas habilidades, só passíveis de ocorrer em cada uma delas. A aparente descontinuidade é momentânea e tratada como transitória para que o Espírito gradativamente se adapte ao ritmo pulsante da vida imortal. Quando entende que se trata de meios estabelecidos pelo Criador, compreende melhor e relativiza os conflitos vividos em suas relações interpessoais, considerando-os menores.

Tanto em uma como na outra, é possível planejar-se com relativa segurança de consecução, para alcançar o que pretende. Para tanto, é preciso conhecer bem como a Vida funciona e como manejá-la. Na vida material, quando encarnado, o Espírito nem sempre acredita que conseguirá, pois se vê muito mais preocupado com o que vive no presente do que com a vida futura, por ainda duvidar de sua existência e do que nela vai encontrar. Tal acontece pela consideração equivocada que faz de si mesmo, como pecador, degredado em um corpo material, encarnado para sofrer, criatura insignificante e tudo quanto acredite que o diminua na vida. Sua autoestima é tão baixa que dificulta a capacidade de discernir sobre a vida futura, assim como sobre um possível planejamento do que lhe ocorreria. Seu discernimento é reduzido, qual cego em noite escura, pelas crenças pueris que abrigou em sua mente insipiente.

As tribulações da vida material o ocupam tanto, em face de sua crença na causalidade, geradora de culpa, e de sua dificuldade em resolver de forma satisfatória seus conflitos relacionais, que lhe sobra pouco tempo mental para ampliar sua consciência na direção da transcendência. Se assim não ocorresse, planejaria atividades diversas, considerando-se capaz de atender com leveza as obrigações materiais, sem geração de mágoas, de culpas ou processos existenciais pesados a administrar nem tampouco fazendo, sem necessidade, balanços morais relacionados ao bem ou mal que fez ou deixou de fazer. Livre para idealizar, alimentando a própria mente com ótimas possibilidades futuras, o recém-desencarnado poderia pensar, ao chegar à dimensão espiritual, em dar continuidade a experiências geradoras de novas habilidades a integrar, a exemplo de iniciar estudos, no

campo da cosmologia espiritual, sobre a formação da matéria na dimensão espiritual, sobre a evolução do Princípio Espiritual, sobre os sintomas da necessidade de uma pessoa desencarnada retornar, pela reencarnação, à dimensão material, bem como se dedicar a outros interesses particulares. Da mesma forma, poderia também pensar, desde já, em planejar ações que poderiam já começar para realizar atividades que deseja que aconteçam na próxima reencarnação.

O planejamento de uma pessoa desencarnada para sua próxima encarnação também não é exercício simples. Muito embora tenha certeza da realidade da vida espiritual, diferentemente da maioria dos encarnados quanto à vida futura, nada lhe garante que as circunstâncias que idealiza irão ocorrer. Nunca será totalmente como pensou, pois a Vida não opera como uma máquina previsível nem acontece de acordo com a reduzida inteligência humana. Acresce também a incerteza decorrente da grande velocidade com que a sociedade material tem mudado. O que acredita que vai acontecer, pelo que conhece como sendo o modo como uma cultura se desenvolve, pode se modificar radicalmente em brevíssimo tempo. O Espírito também se depara com múltiplas possibilidades a imaginar, mesmo que de natureza diferente daquelas dos encarnados quando planejam a vida futura, sobretudo quanto aos limites ainda existentes para a realização de seus interesses pessoais. Percebe que nem tudo pode nem tampouco merece.

O Espírito, mesmo ainda encarnado, tomando consciência de sua imortalidade, percebendo suas tendências comportamentais, avaliando suas habilidades em todos os campos da vida, conhecendo suas predisposições cármicas, pactuando seus desejos com parceiros espirituais, sentindo-se em conexão com o Divino, poderá planejar melhor seu destino. Desde já, poderá idealizar ações para quando estiver desencarnado tanto quanto para quando estiver na próxima reencarnação. Será um planejamento de longo prazo, envolvendo mais de uma reencarnação, portanto, englobando o período em que estiver desencarnado. Deste modo, entenderá que não há descontinuidade para o Espírito, pois sabe que trabalhará com diferentes personagens que ele mesmo forjará.

8. Aves semelhantes

Em geral as aves têm comportamento gregário, vivendo em bandos, o que contribui para a defesa contra predadores e para facilitar a procura por alimentos. Raras espécies de aves são solitárias. A maioria delimita um território, outras são sazonalmente nômades por conta de necessárias adaptações climáticas. Diferentes espécies podem viver num mesmo ecossistema sem conflito de interesses. A maioria produz um canto específico e um sistema de chamamento para o acasalamento. Raras são domesticáveis, mas todas são inofensivas ao humano e produzem, ao olhar, um sentimento de liberdade plena.

O Espírito, no entanto, não sobrevive isoladamente, necessitando sempre de pelo menos outro para sua manutenção. Só depois de muito tempo e sob complexo sistema de adaptação física e mental, consegue viver isoladamente com prejuízos a sua sociabilidade. Durante boa parte de sua encarnação, procura adaptar-se e sentir-se pertencente a um grupo social, naturalmente assemelhando-se aos seus pares em costumes e na maneira como diariamente convive. Em geral, vive em grupos familiares com grande facilidade de formar clãs. Espiritualmente também forma grupos, famílias e sociedades pelas afinidades e em diversos níveis de evolução em que se encontram. Muito embora haja uma tendência pelo individualismo característico da sociedade moderna, insuflado pelos ares benéficos do Iluminismo, que alimenta o superlativo grau da tendência humana para sua busca pela própria identidade, o Espírito busca naturalmente outro para que proceda sua evolução. Esta procura, entremeada por dúvidas quanto a sua verdadeira origem, é permeada pela necessidade de convívio e de relações afetivas que reduzam sua aparente solidão. Acasalar-se, viver em grupos e irmanar-se são rotas seguras para que alcance seu desejo íntimo, sua natural liberdade de ser.

Relações familiares e espirituais

A encarnação é a continuidade da vida com encontros, desencontros e reencontros que forjam novas histórias, nem sempre com a totalidade dos mesmos Espíritos. Papéis e funções diversas são e foram desempenhadas pelo Espírito com seus muitos personagens, que fazem parte de um emaranhado de conexões afetivas com diferentes tonalidades, formando uma fantástica rede que atende pelo nome de Humanidade. Difícil delimitar um grupo restrito de Espíritos que atenda exclusivamente o requisito de ser uma família sem que não tenha vínculos, um ou outro de seus membros, com outras famílias. Não há, dessa forma, em um mesmo nível de evolução, grupo exclusivo de Espíritos que reencarnam sem que haja laços que os vinculam a diferentes outros clãs, por mais restritos que sejam. Não há realeza senão a que reúne Espíritos pela condição de serem todos gerados pelo Criador.

A reencarnação do Espírito se dá através de outra pessoa, que lhe empresta o corpo físico para que inicie o processo de construção do seu; especificamente utilizando-se do útero e beneficiando-se da alimentação sanguínea, obtém a sobrevivência de um novo organismo com o qual estará, desde então, formando seu novo personagem. Sem os cuidados de maternagem, não há possibilidade de sobrevivência e não conseguiria criar vínculos afetivos com aqueles que cuidam de sua infância. A afetividade e a identidade de necessidades e de propósitos estão na base da vida em grupo dos seres humanos. É a partir da afetividade e da identificação por afinidade com seu próximo que aprenderá a amar. Sem um, o outro não sobrevive nem evolui, muito menos conseguiria perceber-se.

Muitas vezes, independentemente das intenções e desejos conscientes, os Espíritos se reencontram, habitem a dimensão espiritual ou a material. Estes reencontros ocorrem mesmo que não tenham planejado o contato e acontecem por causa da existência de uma força de atração que une as pessoas, independentemente de seu querer consciente ou do tipo de sentimento que tenham umas pelas outras, promovida pelas predisposições coincidentes. Quando duas ou mais pessoas possuem predisposições semelhantes, cujos processos existenciais requerem idênticas lições, cujos

aprendizados sejam complementares, algo promove o providencial reencontro, mesmo que lhes traga dissabores.

Nem sempre o planejamento para uma determinada reencarnação acontece na forma pretendida. Alguns reencontros planejados podem não acontecer por força do livre-arbítrio de cada um, como também por imposições que vão além da compreensão de seus organizadores. Da mesma maneira, alguns Espíritos desencarnados que não gostariam de se reencontrar, vivendo em distintas regiões do planeta, ainda que separados por longas distâncias, inesperadamente e de forma aparentemente casual se deparam juntos na mesma experiência. Deve haver um mecanismo que justifique esses reencontros, que possa ser detalhado e seus fatores implementadores tornados conhecidos. O estabelecimento de nomes para esse mecanismo não tem sido suficiente para a compreensão e manejo dos elementos que o compõem. Lei de atração, lei de amor, lei de afinidades, lei do carma, lei de fraternidade ou qualquer outro nome tornam-se meros e sintéticos títulos quando não se encontram meios de manejo dos fatores intervenientes.

As vidas sucessivas ou reencarnações, que sempre promovem vínculos afetivos, são experiências úteis e necessárias para o encontro consigo mesmo, passaporte imprescindível para a descoberta do significado existencial. Enquanto o personagem permanecer exclusivamente ocupado com sua vida presente, sem entender que há um Espírito que é seu senhor, que vem de um passado existencial em que constam muitos outros personagens integrados a sua essência, vivendo na expectativa de uma salvação e de um Além estático e beatífico, não compreenderá a razão para quê existe a imortalidade. A inaceitação da imortalidade, individualidade e singularidade do ser humano também decorre das ideações fantasiosas alimentadas pelo imaginário popular que lhe ofereceu uma dimensão espiritual mágica e salvadora. Por vezes, Espíritos mais lúcidos e maduros quanto à consciência da imortalidade reencarnam em grupos familiares que ainda abrigam ideais pueris sobre a vida espiritual a fim de lhes trazer reflexões mais profundas sobre essa questão.

Muitas relações no ambiente familiar acontecem no nível do personagem, portanto, o vínculo afetivo não é profundo nem o amor é a

base do encontro entre as pessoas. Quando a relação acontece no nível do Espírito, os sentimentos são mais profundos e os laços que ligam os indivíduos são mais consistentes, elevando o grau de confiança e segurança do grupo. A grande maioria dos Espíritos encarnados e desencarnados ainda estabelece relações entre seus personagens e outros que se encontram em seu mesmo nível de evolução. As pessoas que já conseguem estabelecer relações de Espírito para Espírito, quando se relacionam com outras que ainda se encontram no nível do personagem, proporcionam-lhes crescimento no campo afetivo, contribuindo para que integrem novas habilidades relacionais e se percebam Espíritos imortais. Relações maritais produtivas são aquelas em que os Espíritos que compartilham experiências juntos não só contribuem para o desenvolvimento de habilidades para ambos como também favorecem a melhoria da vida de todos aqueles que com eles mantêm contato, sobretudo aqueles que gozam da intimidade do ambiente doméstico.

As relações familiares, ensaios oportunos para a aquisição da capacidade plena de estabelecer todo tipo de relacionamento com qualquer outro Espírito, constituem campos de aprendizado e de renovação interior. É nas relações familiares que o Espírito encontra trégua nos seus embates com o mundo, onde projeta as características de sua personalidade consciente e inconsciente. Na vida familiar, seu embate é de outra natureza, pois vive momentos em que tem de se desarmar, mostrando-se de fato quem é. Ali não consegue se esconder nem camuflar suas fragilidades, revelando com mais nitidez sua *sombra*. Nas relações familiares, o Espírito tende a sobrepor-se ao seu personagem por causa da intensidade dos contatos, do número de outros Espíritos com quem já contracenou no passado e por que há um desarme natural que dificulta a formação de *personas* defensivas que estimulam a vida de sua representação encarnada.

Ao se colocar numa relação tipicamente familiar, com suas tradições e hierarquias, o Espírito renasce esperançoso em encontrar amor, cuidados e direcionamento adequado ao seu recomeço num corpo físico. Nessa relação ele vai construir seu novo personagem, com o qual viverá novas e diferentes experiências integradoras de habilidades, refundindo afetos e transformando outros em um vínculo universal, semelhante à amizade. Porém nem sempre assim ocorre, pois seu mundo íntimo, parte inconsciente de sua natureza,

com suas predisposições, automaticamente altera as circunstâncias em que se situa. A família idealizada cede lugar à que é possível, razão pela qual o Espírito deve aprender a lidar com suas tendências e predisposições, buscando alterá-las para melhor aproveitamento da vida familiar.

A meta de uma relação familiar, além das experiências afetivas diretas que proporciona, é a possibilidade de transformar a natureza do vínculo em algo que se assemelhe ao que se tem com um amigo, em que simultaneamente constam: confiança, consciência de reciprocidade no afeto, querer bem, cuidado com o outro, desejo de felicidade, empenho em favor de um bom destino para o outro, bem-estar em presença do outro, vontade de viver experiências junto, desejo de compartilhar vitórias, sentimento de irmandade e a certeza de que sempre poderá contar com o outro. A amizade, com os elementos antes descritos, nem sempre é possível, mas deve ser uma meta existencial pelas habilidades que podem ser adquiridas. Estas habilidades adquiridas no campo familiar serão muito úteis na vida em geral pela maturidade que proporciona ao indivíduo.

Alcançar uma convivência com alguém em que todos estes elementos estejam presentes significa ser capaz de viver ao lado de qualquer pessoa, independentemente do tipo de relação estabelecida. Ao reencarnar, o Espírito espera encontrar condições de viver relacionamentos afetivos capazes de fazer acontecer aquela meta com alguém. Isto só será possível quando entender que ninguém pertence a ninguém, não há casais eternos, não há espaço para relações pautadas na desconfiança, muito menos no domínio de uma pessoa sobre outra. As relações entre personagens devem transformar-se de formais em naturais, para que aconteçam de Espírito para Espírito. A consciência de que se trata de uma relação marital entre personagens dá-se quando há a percepção de que não existe sentimento de amor envolvido nem há evolução do interesse em viver daquela forma com o outro. Uma relação marital pressupõe alto grau de intimidade e consciência do compartilhamento de espaço psíquico com o outro. Uma relação marital, por melhor que seja, deve ser compreendida como uma experiência que acontece nos limites da dimensão em que ocorre para o crescimento de ambos e que pode ou não prosseguir em outras dimensões.

As relações materna e paterna contribuem para que o Espírito que reencarna sob seus cuidados e convive com estes dois arquétipos estimule polaridades psíquicas gravadas em sua mente, que provocam diferentes reações em seus comportamentos ao longo da encarnação. Em geral, desenvolve características relacionadas, de um lado, à afetividade e à habilidade de estabelecer relações interpessoais e, do outro, ao desenvolvimento da noção de limites, de contenção e da relação com autoridade. A ausência de um dos elementos que representa o referencial materno ou o paterno, mesmo suprida com a existência de componentes psicológicos vividos em outras encarnações e que lhe foram estruturantes, provocará o aparecimento de lacunas que exigem atenção adequada. Em geral, a ausência materna dificultará o desenvolvimento de habilidades afetivas e de sociabilidade, cujo efeito principal é o possível aparecimento de forte carência emocional. A ausência paterna dificultará o desenvolvimento de habilidades que envolvem o respeito à autoridade e à capacidade de ser uma pessoa disciplinada, cujo efeito principal é o possível aparecimento da ausência de limites. A experiência de ser mãe ou de ser pai permite que o Espírito atualize aqueles referenciais, aprimorando habilidades que porventura não tenha adquirido ou por não ter tido esse direito, em face de seus próprios equívocos e culpas ou ainda pela própria ignorância.

As relações entre irmãos contribuem para que o Espírito estimule sua capacidade de compartilhamento, o necessário espelhamento, bem como sua competitividade. Esse tipo de relação promove a percepção da alteridade, que implica noção de respeito à dignidade do outro. A ausência de uma relação de irmandade no ambiente doméstico geralmente promove um maior egocentrismo como também o surgimento de uma personalidade voluntariosa, característica geralmente presente no filho único. Irmãos espirituais quando se reencontram em uma mesma reencarnação tendem ao fortalecimento de vínculos que os capacitam a qualquer outro tipo de relação. Irmãos apenas como personagens de uma mesma família ainda se encontram aprendendo a desenvolver aquelas capacidades anteriormente citadas.

As relações homoafetivas, quebrando o paradigma do acasalamento homem-mulher, trazem para o Espírito reencarnante no ambiente

doméstico, independentemente dos preconceitos a que estará sujeito, uma maior compreensão a respeito da existência da pessoa humana, portanto, do Espírito, diferentemente do personagem biológico e cultural criado. Trata-se de um novo formato de relação que promoverá mudanças significativas na sociedade tradicional, bem como forjará a compreensão de que o Espírito é senhor de seu próprio destino, dono de seu desejo afetivo, direcionando-o como lhe apraz, proprietário de seu corpo e livre para viver o que o Criador assim o permitir. A homoafetividade, equivocadamente reduzida à homossexualidade, tem suas raízes nos primórdios da evolução, antes da construção dos papéis sociais binários, quando não havia diferenciação na obtenção do prazer sensorial. Socialmente reprimida, a homoafetividade encontrou amparo na repressão da libido, com prejuízo significativo para a identidade pessoal e aceitação de si mesmo. Foi no ambiente religioso, mesmo com a repressão definida pela sociedade que a chamou de sublimação, que a homoafetividade se refugiou. A homossexualidade, capítulo específico da homoafetividade, tem sido considerada tão somente uma das possibilidades de expressão do desejo de conexão com o outro que lhe parece mais próximo de ser seu semelhante e em quem projeta a si mesmo.

A reencarnação tem demonstrado que os Espíritos retornam com novas propostas de representação no mundo. A identidade de cada um, suas características mais singulares e a ausência de receio de julgamentos morais têm sido facultadas ao Espírito para que se manifeste livremente. Parece que o Mundo Espiritual conhecido pela literatura mediúnica, antigamente polarizado em homens e em mulheres, apresenta uma inimaginável diversidade de representações singulares de seus habitantes. Longe das convenções humanas, sem perseguições e sem as repressões típicas provocadas pela hipocrisia e pela necessidade de conhecer seus próprios limites, o Espírito se apresenta de forma criativa, sem estereótipos e sem formatação definível, ainda que humano. Não se trata de uma sociedade caótica, perdida ou perversa, mas respeitosa ao outro no seu direito de manifestar sua natureza sem a quebra dos princípios fundamentais que asseguram a sociabilidade.

A dimensão espiritual, dividida em cidades espirituais, onde reina o equilíbrio e a harmonia, e em regiões *umbralinas*, é mais uma das

idealizações dos encarnados. Na realidade, parece existir uma vasta diversidade de aglomerações, com características diferentes das convencionais, em que seus habitantes ditam as regras de convivência e também como se definem como pessoa, particularmente e em sociedade. Isto se depreende da diversidade de representações que estão sendo assumidas por quem está reencarnando neste século – diferente identidade sexual, diferentes gostos, opiniões, atitudes e comportamentos refletidos na arte, na literatura, na ciência, na religião, portanto, em tudo que o direito e a liberdade do Espírito possam se manifestar.

Parece que o eixo moral, que dava ênfase negativa ao que estava em desacordo com padrões sexuais definidos, está se deslocando para o eixo do que está em desacordo com o que é funcionalmente adequado, com o que não produz algo de bom e positivo e com o que não oferece o que é necessário e útil para a sociedade. O julgamento moral ainda é muito utilizado na vida social, porém a sociedade está se modificando e mudando seus critérios de observação a respeito do comportamento humano. A tolerância, o respeito e o direito ao exercício da própria dignidade parecem estar tomando corpo. Vejam-se as redes sociais com a exposição parcial de seus usuários que, mesmo se escondendo, apresentam suas características ora comuns ora particulares. Tudo indica que as representações, antes restritas a alguns tipos coletivos, agora se mostram mais diversificadas. O coletivo está dando lugar ao individual. Da mesma forma, o material está dando lugar ao espiritual, pois a sociedade está percebendo com mais nitidez o Espírito por detrás do personagem.

As disfunções sexuais continuam trazendo conflitos aos seus portadores, porém a discriminação tem sido bem menor, com ganhos significativos para o Espírito, cujo desejo de se manifestar em sua complexidade fora das polaridades binárias é cada vez maior. A sociedade está se estruturando para abrigar o Espírito com características diversas daquelas definidas pelo senso moral coletivo e pelos padrões convencionais e politicamente corretos. O entendimento de que as disfunções sexuais se tratam de desequilíbrios no campo afetivo do Espírito, decorrentes de inadequações de um de seus personagens, e de que os transgêneros, assim como particularmente a homossexualidade, não se enquadram entre elas, pode ser útil à convivência social. A visão reducionista ao enxergar a homossexualidade sem

entendimento da homoafetividade conduz ao preconceito e à homofobia. Na grande maioria dos casos, a pessoa preconceituosa não se aceita naquele papel, esquecida de que o tem registrado em seus arquivos perispirituais, em que consta, nos muitos personagens que vivenciou, a afetividade dirigida para ambas as polaridades.

Novas funções estão sendo desempenhadas pelos personagens do Século XXI, atendendo aos impositivos da evolução do Espírito e da dinâmica das sociedades que não param de mudar. A demanda pela manifestação de sua singularidade em oposição a uma vida excessivamente coletiva tem sido observada, sobretudo a respeito do direito a revelar sua íntima natureza espiritual. Muito provavelmente, antes de reencarnar, o Espírito se dispõe a fazer diferente no que diz respeito a suas escolhas, distanciando-se cada vez mais do certo *versus* errado, do bem *versus* mal e da conformidade *versus* transgressão, encontrando outros parâmetros de análise de seu comportamento e das escolhas que deva fazer. Esta disposição muito provavelmente decorre de mudanças na sociedade espiritual de que se origina ou por conta de uma maior abertura promovida pela vida moderna. O pouco que os encarnados sabem, pela via mediúnica, a respeito do funcionamento das sociedades espirituais pode ter contribuído para a formação de uma imagem estereotipada, limitada pela cultura, sobretudo pelas religiões. Fora isto, pelas mudanças significativas nas relações humanas e pelas consequências percebidas na organização familiar, com diferentes configurações, surgem desafios imensos para que se expliquem os mais variados comportamentos consentidos dos personagens. Ou as sociedades espirituais são diferentes da imaginação coletiva ou estão se modificando por força das alterações explícitas na sociedade dos encarnados.

9. Autonomia de voo

O formato das asas, dirigido pelas necessárias adaptações evolutivas, é determinante para o tipo e o tempo de voo de uma ave. Algumas aves, por terem longas asas, passam horas planando sem bater, aproveitando as correntes de ar. Algumas têm belos voos, outras, muito rápidos para serem notados. A maioria utiliza sofisticados conhecimentos de aerodinâmica para prolongar seu tempo de voo. Quanto mais tempo demoram em seus voos, dominando os ares, melhor realizam seus propósitos inconscientes de obter uma percepção tridimensional, superior e simultânea, de diferentes sítios.

O Espírito tem autonomia relativa no uso de seu personagem. Seu tempo é curto e as condições variam a depender de seus cuidados com o uso. Sua imortalidade lhe confere eterna autonomia existencial, porém sabe que todo personagem que utiliza tem vida curta e alcance limitado em face da condição perecível de seu corpo físico, bem como do tempo de que precisa para alcançar uma melhor qualidade nas relações que necessita estabelecer. Suas melhores encarnações, à semelhança dos voos das aves, são aquelas em que consegue integrar maior número de habilidades, aproveitando circunstâncias favoráveis para não desperdiçar o tempo do personagem. Mesmo quando em curtas encarnações, o Espírito aproveita o máximo possível para o restabelecimento de seu equilíbrio psíquico, pois com aquele personagem redireciona seu destino.

Autodeterminação e reforma íntima

A proposta do Espiritismo é a evolução do Espírito, para que ele atinja a perfeição, porém é preciso um melhor entendimento do que significa esta meta. A afirmação “Tudo se encadeia na Natureza, desde o átomo primitivo

até o arcanjo, que também começou por ser átomo.”, em *O Livro dos Espíritos*, questão 540, de Allan Kardec, sugere um encadeamento evolutivo da matéria até a condição de Espírito Puro. Buscando uma compreensão mais precisa deste processo no estágio humano, para muitos, restrito à reforma íntima, é preciso compreender o sentido que pode ser aplicado à palavra perfeição, como se dão as etapas do processo evolutivo e o que deve ser aprendido para a mudança do estado de ignorância à denominada perfeição.

Não é simples enxergar a evolução considerando, de um lado, um átomo, que hoje é compreendido como um elemento ou unidade abstrata que representa a matéria e é composto por um conjunto de forças e entes matemáticos não tão bem definidos, e do outro, o Espírito, ser de altíssima complexidade, cuja essência é ainda inalcançável ao entendimento humano. Pressupõe um processo de gradativa desmaterialização ou pelo menos de como se entende seja a passagem de uma abstração a outra.

Ser perfeito implica nada mais precisar aprender com as encarnações, ao menos na Terra. Não precisar reencarnar significa já ter aprendido tudo que poderia ser integrado em determinada dimensão, em trânsito para outra. Vale salientar que o conteúdo a ser aprendido não se resume a um punhado de conhecimentos no campo das virtudes morais. São muitos e complexos os conteúdos em cujo programa contém a integração de virtudes diversas. Algumas etapas precisam ser vencidas, necessariamente a partir das experiências da vida do personagem, a fim de que o programa, ou pelo menos parte dele, possa ser cumprido.

A autodeterminação do Espírito é a meta evolutiva a ser alcançada pelas experiências em que integra inúmeras habilidades. Não basta reformar o que existe, pois há que incorporar competências que capacitam o Espírito a enfrentar antigos e novos desafios impostos pela Vida. Para tanto, há que, conscientemente, vencer metas bem definidas para que ultrapasse obstáculos e preencha lacunas existentes em sua personalidade.

Algumas providências iniciais, portanto, preliminares, são necessárias para o alcance da autodeterminação, cujo empenho em vivenciá-las é parte

da conquista.

1. Profunda reflexão existencial para modificação de crenças sobre o destino e a respeito de julgamentos sobre si mesmo.

Há que romper com crenças e conceitos que bloqueiam a ampliação da Consciência e impedem uma visão adequada de si mesmo e de mundo. Esta nova visão inclui leveza, ausência de julgamentos, dissolução de culpas, amorosidade, imortalidade do Espírito, entre outros. Neste momento, instala-se uma crise interna entre uma personalidade que se viu dependente de julgamentos externos e que se subjugou e outra que compreende o valor deles, mas que possui um novo sistema de autoavaliação maduro e eticamente coerente. Pela natureza deste confronto, a crise torna-se existencial, séria, resoluta e adulta, requerendo mais do que uma conciliação dos dois opostos, mas uma integração com o aparecimento de uma personalidade decidida, autônoma e flexível ao novo. Não é possível o avanço da personalidade se não houver mudança de paradigmas e de critérios diferentes para a percepção da realidade existencial. Ao final destas reflexões, espera-se uma nova personalidade, autocentrada e segura de si.

2. Adoção de uma forte coerência consigo mesmo, sem uso de maquiagem, de uma imagem pessoal inautêntica.

Há que o Espírito se colocar frente a frente consigo mesmo e afirmar sua condição real, ao menos para sua consciência, sem se identificar com a personalidade idealizada, muito menos com a imagem coletiva positiva que lhe fazem. Esta coerência é alcançada quando se assume o lado sombrio da própria personalidade como seu componente natural. Tudo quanto, em momentos emocionais aversivos, desejou fazer como reação instintiva ou não é parte da personalidade não assumida; tudo quanto sabe que é capaz de fazer e que contraria sua própria ética, mas não admite nem para si mesmo, é componente da identidade pessoal; tudo quanto faria e que pertence a sua ética de vida, porém contraria a conduta socialmente aceita, é traço de

caráter; tudo que nega que faria, sob circunstâncias alheias a sua vontade e que agride suas metas existenciais, mesmo com justificativas respeitáveis e nobres, mas que estaria em desacordo com princípios socialmente consagrados, integra sua natureza íntima. Portanto, tudo que pode ser considerado como inferioridade numa pessoa deve ser assumido como atitude factível sob certas circunstâncias, mesmo que especiais. Assumir estas possibilidades de comportamento torna-se libertador do julgamento moral sobre si mesmo e sobre o outro, pois o próprio Espírito compreende a condição humana em que ele se encontra. Há que assumir a própria inferioridade moral naturalmente existente em todo ser humano, sem exigência de eliminá-la, porém com o compromisso pessoal de não a pôr em prática. Assumir a capacidade de cometer todo tido de ato que ele mesmo deplora e julga inferior significa aceitar sua condição humana, irmanando-se ao outro. Assumir não implica admitir que fizesse, mas que tem a condição, sob seu domínio, de realizar ou não.

3. Identificar e administrar as imagens funcionais, na forma de subpersonalidades, que são utilizadas na relação com o mundo.

Todo ser humano, conscientemente ou não, se prepara para lidar com as configurações que a realidade apresenta para si. A depender das necessidades, dos estímulos externos a que vai se submeter e das intenções que pretende, formam-se determinadas características em sua personalidade, visando atingir de forma eficaz seu intento de contato e comunicação. Agrega, mesmo que momentaneamente, traços e modos de ação, oriundos de seu repertório, gravados em suas memórias perispirituais, formando uma espécie de *isótopo* psíquico de si mesmo. Trata-se de uma propriedade de reconfigurar sua própria imagem de acordo com suas necessidades evolutivas. Assemelha-se ao mimetismo de certos animais que reprogramam sua imagem para livrar-se de predadores ou quando deliberadamente se torna um deles. Perceber que possui tal propriedade, não se fixando em qualquer das diferentes imagens que forma de si mesmo, mas sabendo utilizá-las adequadamente, distinguindo-as de sua identidade real, é fator importante para a percepção da diferença entre personagem e Espírito. As subpersonalidades podem e devem ser utilizadas oportunamente não de forma hipócrita, mas consciente de que diferem de

sua identidade real. Fixar-se em qualquer uma delas implica fuga de si mesmo e perigo de enviesar sua própria identidade.

4. Retirar o poder, em sua consciência, atribuído aos papéis funcionais do ambiente familiar, concedido aos personagens envolvidos, passando a enxergá-los tão somente como pessoas, sem lhes subtrair o afeto.

A vida em família constitui um complexo campo de experiências em que o Espírito ocupa diferentes papéis para o necessário viver. Pai, mãe, filho, irmão, irmã, avô, avó, tio, neto, neta, cônjuge e outros são diferentes papéis que revestem a personalidade, tornando-a funcional. Qualquer deles mascara o Espírito, pois se trata de uma imagem útil ao desempenho de responsabilidades, mas que acabam por cristalizar um formato. Por esta razão, muitas vezes torna-se difícil a relação com a pessoa propriamente dita, sufocada e inibida pela função que desempenha. Muito difícil, por exemplo, um filho enxergar a pessoa da mãe, pois a função tem, em seu psiquismo consciente e inconsciente, poder e ascendência muito fortes. Da mesma forma, difícilimo a mãe deixar de atuar sob esta condição na relação com seus filhos. Por isto nem sempre a relação ocorre de pessoa para a pessoa, sendo geralmente uma relação entre funções. A certa altura do desenvolvimento da personalidade, é necessário que o indivíduo retire aquele poder, sem perda do afeto e do respeito, para dar lugar a uma relação autêntica com a pessoa, ou melhor, com o Espírito. A retirada deste poder coincide com uma maior autonomia das próprias escolhas de vida e de construção do destino pessoal. Já maduro, o Espírito faz com que o pai e a mãe internos balizem suas decisões e os modos como vivencia sua sociabilidade e estabelece seus próprios limites, não mais condicionado às figuras humanas que desempenharam estes papéis em sua encarnação.

5. Identificação de incômodos na personalidade ou traços inapropriados que revelam inabilidades.

É do funcionamento da mente, decorrente das muitas experiências do Espírito, a formação de núcleos ou a associação automática de conteúdos *psiquificados*, que se conectam, formando uma espécie de subpersonalidade que influencia seu modo de pensar, de sentir e de agir. Quando não há consciência e domínio sobre essa influência, configura-se a falta de alguma habilidade na personalidade, requerendo novas experiências que venham a integrar o que ainda não foi aprendido. A associação também é provocada exatamente pela existência da inabilidade, portanto, da ausência, por ignorância, de alguma capacidade para lidar com algum desafio da Vida. Essas inabilidades geram uma espécie de “buraco negro”, verdadeiro vórtice que atrai a formação de nódulos psíquicos que provocam as associações de conteúdos oriundos das experiências do eu. São estes nódulos que provocam incômodos, preconceitos, *déficits* ou inferioridades na personalidade, projeções do que é considerado negativo em si mesmo, julgamentos morais sobre a conduta alheia, expressões inadequadas ou incongruentes, lapsos de memória de conteúdos recentes, formação de traços reativos na personalidade, bem como mecanismos de defesa para conservação da integridade psíquica. Eliminar estes nódulos, bem como reduzir a formação de novos requer a consciência de sua existência e a admissão de experiências que integrem habilidades diretamente a eles relacionadas. Uma pista para a existência dessas inabilidades é a observação em si mesmo de tudo quanto incomoda no outro, do que sente necessidade de corrigir ou quando se admite, por arrependimento, uma falta moral. A percepção apurada das inabilidades e a conseqüente busca pela solução de sua erradicação é a principal meta do Espírito em suas encarnações.

6. Admissão das características da contraparte sexual disponíveis no próprio psiquismo, compreendendo a relevância da não polarização em qualquer gênero.

O Espírito em si não apresenta essencialmente características de gênero, de forma ou de representação exterior. Em contato com a dimensão de manifestação, assume características possíveis para viver experiências que melhor proporcionem o desenvolvimento de habilidades necessárias a sua evolução. Assim, não lhe causa estranhamento qualquer forma ou aparência que assuma, visto que as representações apenas lhes servem para a

caracterização de certas experiências que lhe trarão habilidades específicas sem que se tornem sua identidade essencial. Quando na vivência desta ou daquela polaridade morfológica ou na identificação psicológica com gênero, o Espírito deve admitir em si, sem prejuízo de sua manifestação e de sua identidade essencial, todas as características pertinentes ao que considere seja seu contrário. Integrar conscientemente esta contraparte não implica obrigação de vivenciar suas características no todo ou em parte, pois se trata tão somente de meio para a aquisição de diferentes habilidades. Vale salientar que a contraparte não se resume ao exercício das trocas eróticas para a integração de habilidades neste campo, pois atinge principalmente as experiências na importante área da afetividade. O Espírito é senhor de seu corpo, cuidando de seu uso para que lhe traga o aprendizado possível e pertinente à dimensão em que se manifesta. Deve aprender seus mecanismos, bem como as consequências de seu uso quanto ao fluxo de energias que venha a permitir que nele circule.

7. Resolução e assertividade na conquista de mínimas habilidades pertinentes ao seu grupo e a sua época.

O Espírito, em busca de sua evolução, principalmente querendo alcançar patamares evolutivos mais altos, demonstrando que já integrou virtudes muito conhecidas e já assimilou preceitos comuns das filosofias e religiões que educam o ser humano há milênios, poderia partir para sua transcendência espiritual. Respeitar o próximo, perdoar agressões, administrar perdas, dissolver mágoas, transformar invejas, eliminar os ciúmes, reduzir o egoísmo, controlar a vaidade, além de não temer o destino, são inabilidades que devem ter sido resolvidas principalmente pelo grande número de experiências já vividas nas várias reencarnações, para estes propósitos. Acresce à conquista de habilidades correspondentes à resolução dessas dificuldades, atingir o domínio da tecnologia disponível, o exercício pleno da cidadania, a participação política consciente, o engajamento em causas coletivas, em defesa do meio ambiente e da ética, assim como contribuir para o equilíbrio e a harmonia social, que merecem investimento para que o Espírito se prepare para viver num mundo mais evoluído. O Espírito, consciente de sua imortalidade, deve acelerar a

aquisição destas mínimas habilidades, a fim de conquistar asas para voos mais altos.

8. Reconhecimento da supremacia do Espírito sobre o personagem, para melhor integração de suas melhores tendências.

Com a consciência da imortalidade, o personagem deve perceber que é possível um diálogo produtivo e equilibrado com o Espírito que representa. Este diálogo é alcançável com uma cuidadosa atenção a si mesmo, aos seus limites de realização, aos seus pensamentos e ideias recônditas, às suas tendências e aspirações elevadas. Aos poucos, o personagem vai entendendo e assimilando a personalidade maior, o Espírito, cuja percepção resulta na melhor atualização e transformação que já lhe ocorreu. Esta assimilação, necessariamente consciente, também acontece pelo entendimento do funcionamento da Vida, que também pode proporcionar semelhante diálogo. A conexão entre a personalidade menor com a maior é um fato psicológico de consequências extremamente agradáveis na vida prática, pois proporciona um grande bem-estar pessoal. Os reflexos aparecem pelo sentimento de paz interior que se instala no personagem, além de uma enorme gratidão à Vida. Sente-se agora mais integrado ao Espírito, cujo comando se torna perceptível, e mostra-se mais produtivo e mais assertivo na vida. Acontece o verdadeiro casamento, cuja parceria gera excelentes projetos existenciais. A evolução do Espírito vai além da reforma íntima do personagem, pois decorre do aprimoramento de suas tendências e não apenas da melhoria de sua representação no mundo.

O processo de evolução visa levar o Espírito a sua autodeterminação, condição de autonomia completa em relação ao seu destino, passando pela felicidade, plenitude, serenidade, sabedoria e pela sua contribuição para a melhoria da vida coletiva. Isto implica atingir um estágio em que virtudes devam se tornar características naturais e que a convivência com qualquer outra pessoa seja absolutamente harmônica, sem conflitos, mágoas, posse, ciúme, domínio ou intolerância. Alcançado este estágio, é possível compreender que a conhecida e propalada reforma interior é tão somente

um dos primeiros degraus da jornada evolutiva que contempla inúmeras habilidades úteis e produtivas para si e para a sociedade. Esta autodeterminação deve ser entendida como uma meta que apresenta diferentes graus de desenvolvimento em todos os campos da vida humana, em que o Espírito se instrumentaliza com habilidades diversas para vencer todos os desafios inerentes à dimensão em que se situa. Mesmo quando encarnado, o Espírito pode atingir este estágio, ainda que não tenha completado todo o ciclo de aprendizado evolutivo, pois suas principais características podem já ter sido alcançadas. Consciente da imortalidade, atingindo metas existenciais superiores, vivenciando a plena cidadania, tornando-se socialmente produtivo, promovendo o desenvolvimento das pessoas com quem convive, dialogando satisfatoriamente com a Vida e consigo mesmo, não gerando predisposições negativas, atingindo a conquista de habilidades básicas para a vida em sociedade, certamente estará bem próximo de sua autodeterminação.

Atingindo a autodeterminação

Neste estágio, o Espírito não necessita mais de mestres, mentores, gurus ou de “pajeamento” espiritual. Eles cumpriram seu papel, foram importantes nas fases iniciais da evolução, serviram como balizas e valiosos referenciais para que o Espírito encontrasse seu próprio caminho e formulasse seu entendimento do que compreende serem as leis de Deus. A esta altura, o Espírito começa a manipular conscientemente, e com propriedade, seu destino, pois já vislumbra como se dá o funcionamento da realidade, portanto, da totalidade da vida, que inclui tudo que acontece externamente e o que dispõe seu mundo interno. Torna-se o artífice de seu destino, atuando conscientemente como cocriador, semeando no campo de Deus. Sua autodeterminação, quando completada, possibilita que assuma, como missão de alta responsabilidade, a condução dos processos evolutivos de grupos de Espíritos que se encontram em suas primeiras encarnações, oferecendo-lhes ensinamentos, normas de conduta, orientações para a vida futura, regras simples de convivência, bem como despertando o interesse pelo entendimento a respeito de Deus. Estas e outras importantes tarefas são

tomadas graciosamente e de forma autônoma por aqueles que já atingiram a condição de Espíritos autodeterminados.

A autodeterminação aproxima-se de uma explicação mais destelhada e atual do que era entendido como perfeição, muito embora tenha diferentes fundamentos. Enquanto a perfeição se referia ao aspecto moral da evolução, a autodeterminação diz respeito à instrumentalização completa de habilidades evolutivas que vão além daquele campo, visto que se trata de atingir metas divinas e não apenas as que são pregadas pelas religiões. A instrumentalização inclui habilidades úteis para a vivência em dimensões espirituais ainda inacessíveis à compreensão humana. O processo é longo, inexorável e de complexidade crescente.

10. Criação divina

As aves são manifestações do Criador, que apresenta variações infinitas para que o Princípio Espiritual, quando atingir a condição de ser humano em uma fantástica e longa jornada evolutiva, desenvolva múltiplas habilidades que o levem à autodeterminação. Caprichosamente, as aves apresentam nuances de cores, cantos e voos que não se repetem, demonstrando a riqueza de Sua criatividade. Elas representam o embrião do voo do Espírito, cujas asas de sua sabedoria o levarão a horizontes infinitos.

Não há nada que se repita nem que seja igual na criação de Deus, pois a diversidade é regra e a unidade das coisas é tão somente uma simples ideia arquetípica. Tudo difere de tudo e, simultaneamente, a unidade se mostra como referência para que as coisas existam. Só aparentemente se pode conceber a existência de padrões na Natureza, cuja percepção se deve aos meios sensoriais de que o Espírito se utiliza para lidar com a realidade configurada na dimensão em que se manifesta. Estes padrões são importantes para que o Espírito perceba certa unidade na realidade, o que contribui para que se sinta dela fazendo parte. A pálida percepção humana da criação divina, em sua incipiente concepção como sendo Sua máxima obra, não lhe permite entender que lhe faltam faculdades para transcender além do que sua pequena inteligência o permite saber.

Deus e a ideia de Deus

É necessário ao Espírito, em algum momento de sua evolução, principalmente quando conseguir deixar de conceber um Deus protetor contra um mal que é concebido como sendo oriundo de fora de si mesmo e de cuja participação na origem se deve aos seus erros, refletir sobre a

influência que esta ideia tem sobre seu destino. Como sua imaginação é livre, sobretudo ante o desconhecido que contribui para que crie fantasias e símbolos representativos, torna-se importante fazer distinção entre o que acredita seja Deus e o próprio Deus. Portanto, é preciso um estudo compreensivo a respeito da diferença entre a ideia que a mente humana forja sobre Deus e o que de fato seja o Criador de tudo, sobretudo dele mesmo, considerando a importância de sua concepção a respeito da Divindade e sua influência umbilical no destino da pessoa.

Mesmo sob a luz da imortalidade e considerando a realidade espiritual, existem muitos paradoxos a serem resolvidos. O nível de evolução em que o Espírito se encontra não lhe confere suficiente inteligência ou sabedoria para criar um sistema que explique tudo sem se utilizar de frases curtas e simplistas. Uma das barreiras que dificultam o encontro de explicações plausíveis para certos paradoxos é a linguagem, cujos limites se confundem com a própria inteligência humana. A vida não é simples nem as exigências ao Espírito são pequenas para que alcance condições que lhe permitam vivenciar os grandes desafios que lhe são impostos, sobretudo o de entender a totalidade. A cada descoberta científica que promove o avanço do saber humano, novas e cada vez mais complexas interrogações surgem, desafiando a inteligência humana.

Um destes paradoxos é o que imediatamente surge com a percepção da diferença entre a ideia do que é Deus e a real existência de um Criador. De um lado está a ideia, cuja concepção obedece aos parâmetros e limites da inteligência humana e da capacidade de sua imaginação; do outro lado está a lógica insofismável da necessidade da existência de uma causa primeira, obedecendo ao seu raciocínio que assim o exige. É da própria mente do ser humano que ambas as ideias emanam, portanto podem ser construídas fora das condições reais sobre o que criou tudo que existe. Trata-se então de teorias sem qualquer possibilidade de comprovação, pois não se baseiam na experiência direta e comum a todos. Independentemente dos conceitos humanos, há uma lógica que exige uma justificativa para a existência das coisas que, quando justificada como sendo gerada pelo acaso, apenas posterga a compreensão de seu significado. Não se pode explicar algo por outro também desconhecido. As ideias que o ser humano fez e faz sobre aquela causa, baseando-se nas concepções religiosas, são tentativas lógicas

ou não para resolver certo incômodo psicológico causado pela falta de justificativa para resolver o dilema da necessidade e um referencial primário para a vida e suas consequências.

Um deus único, muitos deuses, um deus humano, um deus de pura energia, um deus pai, um deus que tudo permeia, um deus panteísta, um deus casual, um deus “acausal”, um deus mãe, um deus que se confunde com os fenômenos da Natureza, um deus material, um deus animal, um deus totalmente abstrato ou mesmo sua negação são representações concebidas para atender o impositivo psicológico que exige uma resposta para que haja o equilíbrio psíquico entre o Inconsciente e a Consciência. Até mesmo a negação a respeito da existência de Deus se trata de uma conclusão que põe a consciência em suspensão, por falta de respostas lógicas consideradas plausíveis. São conceitos, ideias e percepções oriundas ou não da fé, que visam atender ao Deus que, segundo a Bíblia, provocava Jó e seguia conselhos de Satanás, e que foi concebido pela mentalidade coletiva para justificar a existência do mal fora do ser humano, bem como para emprestar inconscientemente qualidades humanas à divindade em “quem” se acreditava. Consta da mentalidade coletiva, ao menos no Ocidente, a imagem de um Deus com características muito semelhantes ao constante no livro bíblico de Jó.

Em todas as épocas da história da Humanidade, o ser humano projetou, fora de sua consciência, uma imagem que chamou de deus para atender à exigência de resolver o incômodo interno, que o impulsiona à busca pelo significado do que o criou. Essa imagem foi forjada por elementos das muitas culturas em que reencarnou, valendo-se também de conteúdos inconscientes construídos nas experiências arquetípicas ligadas ao sagrado. Sempre que o eu da Consciência se depara com o desconhecido ou com o que é inexplicável, gera automaticamente um símbolo ou imagem que preliminarmente atende ao restabelecimento do necessário equilíbrio psíquico.

A lógica impositiva da existência de um Criador para tudo opõe-se a outra tão consistente quanto, que afirma que não é possível a existência de algo sem uma causa. Este paradoxo tem sido sumariamente evitado com a afirmação de que o Criador é uma exceção. No que se concebe como

humano, este é um paradoxo insolúvel que provoca incessante busca por novas representações coletivas. Negar a existência de um Criador assemelha-se a afirmar sua excepcionalidade quanto à origem, pois se tratam de ideias que adiam uma compreensão mais profunda e psicologicamente satisfatória. O paradoxo assinalado sugere que ambas as ideias, por serem excludentes, não dão conta da oferta de um sistema que resolva o problema da origem de tudo.

Necessário se faz uma maior reflexão pessoal sobre a ideia que se tem a respeito de Deus, pois certamente ela é sutilmente influenciadora e determinante para a construção do destino humano, como também para seu equilíbrio psíquico. Esta ideia pode, em certas experiências, trazer tanto a felicidade quanto o sofrimento. A manutenção rígida de uma mesma ideia a respeito de Deus durante toda a vida provoca restrições nas escolhas da vida, prejudicando a ampliação da Consciência humana. A concepção que se tem de Deus, portanto, a ideia que d'Ele se faz, deve ser mutável, acompanhando o desenvolvimento psicológico e emocional da pessoa. A mudança de concepção decorre de uma profunda reflexão sobre si mesmo, sobre a imortalidade pessoal e sobre a imprevisibilidade característica das ocorrências da Vida.

Deus deve ser sentido

A lógica racional não tem sido suficiente para resolver o paradoxo nem para levar o ser humano a um entendimento menos incomodativo a respeito de Deus. Ao mesmo tempo em que causa um incômodo filosófico, traz alívio aos temores psicológicos humanos. É necessário buscar outra forma, além da reflexão racional, que leve o Espírito a sentir Deus. O sentimento da existência de Deus extrapola os limites da razão, pois pertence a uma dimensão que vai além do racional e que não exige qualquer lógica ou fé. Simplesmente acontece um sentir especial.

Para sentir Deus é preciso desconstruir toda e qualquer concepção a respeito de Sua natureza e de como funciona a Vida. Portanto, é preciso esvaziar a mente de qualquer conceito ou ideia a Seu respeito. Esta

desconstrução é suportada pela íntima certeza de que há algo que inconscientemente a conduz. Não é uma decisão racional ou uma intenção que possui ritos ou sacrifícios exteriores a serem obedecidos para receber uma graça. Trata-se de um sentimento diferente dos demais pela não concepção do objeto sobre o qual se destina. Sentir Deus é um estado psíquico, não é um conceito nem uma crença.

Indefinido em si, o sentimento não se assemelha ao que se tem a alguém nem aos que provocam saudade, ansiedade ou medo de perda, pois se trata de permanente sensação da presença divina integrada a si mesmo. Trata-se, portanto, de algo que acontece na mente que a flexibiliza, que a capacita a alcançar outras dimensões existenciais e que lhe concede o estado de transcendência. Requer desapego e entrega, intencionalidade para com a Vida, com o intuito de compreender seus desígnios e de uma consistente e intensa disposição para o viver.

O sentimento da permanente conexão com Deus produz incomensurável satisfação de bem-estar interior, de segurança interna que acolhe tudo quanto a Vida oferece ao Espírito e não provoca julgamentos morais sobre o comportamento do outro. Esta disposição se traduz no trabalho constante de favorecer, nas experiências pessoais, no bem comum, no desenvolvimento coletivo, na colaboração com o fluxo natural da vida, no trato adequado com a complexidade crescente do viver e na integração do máximo possível de habilidades.

Quando nada se concebe a respeito de Deus, quando nada d'Ele se espera, quando se decide sentir a vida, quando se decide viver com simplicidade, quando se constrói uma religião pessoal fundamentada na consciência da imortalidade e na certeza de que há uma íntima conexão com o Criador, o processo de sentir se torna possível.

Concepção individual

Diferentes modos de viver e de construir o próprio destino variam de acordo com a concepção pessoal sobre o Criador. O destino humano guarda

relação direta com o modo pelo qual o ser humano gesta a ideia de Deus em si mesmo. Seu guia inconsciente para que forje um destino é aquela ideia.

A mente humana, aparelho em que se processam os pensamentos, as ideias, as emoções e os sentimentos, guarda íntima relação com o destino humano, pois se trata de órgão de alta flexibilidade com dinâmica de funcionamento moldável de acordo com crenças, valores e traços da personalidade. A relação entre mente e destino não é bem clara, mas o suficiente para a Consciência estabelecer caminhos e rotas para que o ego associe conteúdos, também oriundos do Inconsciente, para as escolhas da vida. Uma mente enrijecida por dogmas tenderá a bloquear memórias nas quais constam ideias e atos de liberdade, bem como a emissão de opiniões fora dos padrões convencionais. É com a mente que o Espírito atua na dimensão em que se encontra, razão pela qual tudo que nela ocorre impacta diretamente sua capacidade de escolher e de agir. Por esta razão, a crença em Deus, considerada como origem de todas as outras, matriz geradora de concepções sobre a realidade, balizará a atuação do Espírito, sobretudo nas decisões em que a sobrevivência de seu personagem esteja ameaçada.

Organização psíquica

Diferentes crenças em Deus representam as diversas possibilidades de organização do psiquismo humano. As diferentes culturas humanas permitiram distintos modos de concepção a respeito de um Criador para o Universo, conseqüentemente para o surgimento da vida. As crenças que foram construídas como religiões são reflexos do ordenamento do psiquismo humano.

Quando se concebe um Deus punitivo, que julga os atos humanos segundo preceitos morais, conseqüentemente ante o erro, por menor que seja a culpa, será sua natural forma de lidar com escolhas. O sentimento de culpa reorganiza a mente para a ocorrência futura de alguma experiência desagradável, punitiva, considerada justa e merecedora, para que venha trazer alívio ao culpado, pois se considera um infrator que agiu contra o Criador. Inconscientemente são acionadas memórias recônditas em que

constam dores e sofrimentos vividos quando também se considerou transgressor das leis de Deus. Alimentando a ideia de que toda transgressão gera punição, entendendo que assim resolve seu problema, mantém esta equivocada crença a respeito de como a vida funciona e como Deus age. Esta mentalidade coletiva influencia também a organização social, pois fundamenta a educação das pessoas tendo por base a punição.

Quando a concepção é de um Deus generoso e exclusivamente concesso de bênçãos, sempre beneficiando seus filhos como se fosse um pai amoroso, então a tendência é a substituição da busca natural e laboriosa para a solução de conflitos até os limites pessoais, pela postergação de decisões, acreditando em soluções mágicas e sumárias. Tudo se processa conforme um ideal de vida em que os mecanismos solucionadores são acionados para que fatores externos venham salvar a pessoa. A mente é modelada para a utilização de lembranças exitosas, gerando frustrações que são equilibradas com uma fé cada vez mais fervorosa. A mente permanece tendo um ego sonhador com um Deus que o acolha em seu colo.

Quando se concebe um Deus pai e simultaneamente um protetor maternal, a tendência é construir uma vida em que o desamparo é entendido como consequência de algo negativo, cuja responsabilidade foi do próprio indivíduo, cabendo-lhe reconquistar a confiança perdida. Visando restabelecer a proteção quase perdida, a mente estrutura-se para os sacrifícios em gratidão ao seu Deus e para a continuidade da proteção antes concedida. Esta concepção põe o indivíduo como devedor, obrigando-o a penitenciar-se constantemente. Sua mente estará sempre colocando o ego como “coitadinho”, vítima de si mesmo, pedinte e carente de tudo e de todos. Sua fé se mantém, porém se assemelha à de um novo crente que precisa constantemente fortalecê-la.

Quando se concebe um Deus rígido, disciplinador exigente e juiz absoluto, adquire-se a tendência a uma personalidade julgadora e cobradora

do comportamento alheio. A conduta reta, o cumprimento de rígidos preceitos morais e a obediência cega ao seu Deus tornam-se uma grande prisão de difícil alforria. A mente se estrutura para trazer à consciência parâmetros rígidos de comparação da realidade com normas e regras absolutas. Trata-se de poderoso mecanismo de defesa para não entrar em contato com as próprias inferioridades. O destino precisa caminhar de acordo com condutas enquadradas e delimitadas por esquemas e fluxos bem definidos, sob pena de estiolar-se.

Quando se concebe um Deus que é todo amor, tudo se processa de forma mítica, em que a crença maquia a realidade pela ausência do contraditório. A mente se molda de tal maneira que a maldade nunca é pessoal, pois é atribuída a um agente externo, único responsável por tudo de ruim que acontece. Dá-se uma fragilização do ego, pouco capacitado para os embates da vida. O mundo é concebido como responsável pelo mal, cheio de contradições provocadas pelos seres humanos maus. Não se consegue perceber as contradições internas nem o mal em si mesmo, consequência dos modos de julgamento. O ego vive em um mundo interior colorido e fantasioso, ansiando por encontrá-lo no Além.

Quando se concebe um Deus poderoso e interventor direto sobre os acontecimentos do mundo, há a tendência a enxergar tragédias como reações de desagrado aos atos humanos. O indivíduo valoriza mais o coletivo do que o privado, deslocando o interesse do ego, que se ocupa de assegurar obrigações para com o sagrado em detrimento de si mesmo. A mente se prepara sempre para obrigações religiosas, visando cumprir ritos que garantem sua fidelidade ao Deus de sua fé. Torna o ego desconfiado do humano, supervalorizando o que considera divino. Seu Deus está sempre regulando o mundo e o comportamento humano, e vive para agradá-Lo e para obter Sua aprovação. Em lugar de um destino pessoal construído conscientemente, têm-se a expectativa de um lugar privilegiado junto a eleitos pelo seu Deus.

Toda e qualquer concepção a respeito de Deus promove diferentes características no psiquismo e afeta diretamente seu funcionamento. Evoca diferentes paradigmas e aciona referenciais correspondentes. A ideia matriz tem prevalência sobre as demais, norteando todas as construções intelectivas. Qualquer concepção a respeito de Deus, até mesmo sua negação, implica reordenamento psíquico para a utilização dos paradigmas envolvidos e seu atendimento. Quando alguém decide seguir determinada norma ou regra, a cujo conteúdo é dado alto valor como a uma lei, está designando quais ideias e emoções serão acionadas na Consciência e no Inconsciente, bem como que imagens poderão ou não ser utilizadas para a geração de atitudes a serem passíveis de ocorrer por parte do personagem. Da mesma forma acontece com os conteúdos emocionais, que serão incluídos ou excluídos para que caibam nos limites do comportamento desejado. A ideia matriz, como uma filosofia existencial, gravada e alimentada constantemente, molda a vida, a personalidade e o destino do ser humano.

Mesmo que Deus tenha todas as características assinaladas pela fé ou pela lógica humana, ou tenha outras desconhecidas, é preciso avaliar o impacto psicológico que as concepções a este respeito causam na mente humana, pois os interesses de uma pessoa são norteados por suas crenças, sobretudo por aquela da qual derivam todas as outras. Mesmo compreendendo que traz grandes e positivos benefícios psicológicos, a crença em Deus, independentemente de como seja considerada, inevitavelmente proporcionará um viés para a mente que a abriga, razão pela qual deve ser constantemente reavaliada para caber na atualização progressiva que ocorre no Espírito em evolução.

Toda crença em algo, sobretudo quando existem diferentes opiniões a respeito, implica a negação de seu contrário, o que também provoca vieses que bloqueiam ou liberam caminhos, no psiquismo humano, para a elaboração de comportamentos. Portanto, é preciso refletir sobre o impacto que causa a negação do contrário às crenças em Deus, pois também direciona o destino humano. A afirmação de um atributo considerado divino

implica dar ao seu contrário o mesmo valor, portanto, sua negação influenciará da mesma forma o destino de quem o nega.

11. Destino próprio

As aves, muito embora condicionadas aos seus instintos, são livres para voar. São leves e decididas quando levantam voo, mesmo não sabendo quando e onde vão pousar. Voam com a certeza de que a Natureza lhes reservou onde assentarem seus leves corpos. Representam a liberdade, o desbravar horizontes para superar limites, numa incansável e eterna busca pelo incognoscível. São plumas ao vento, em busca de algo que justifique seus voos. São plenas quando voam, pois realizam naturalmente seus destinos sem que necessitem de qualquer outro motivo para fazê-lo.

Assim também é o Espírito. Nasceu livre e, gradativamente foi dando seus voos à conquista de habilidades para melhor administrar sua liberdade e dela desfrutar. Nada obstaculiza sua destinação superior, pois está em sua essência progredir inexoravelmente. A certa altura de seu voo evolutivo compreende que a busca pelo incognoscível necessariamente passa primeiro pelo encontro consigo mesmo. Este é seu primeiro pouso antes de sentir Deus. Quando seu personagem admite a existência e imortalidade de seu proprietário, assenta voo para o início do encontro maior com seu Criador. Os Espíritos são expressões divinas, cuja diversidade revela a riqueza da criatividade de Deus.

Espíritos são pessoas tanto quanto pessoas são Espíritos

Espíritos sempre foram tratados pelos encarnados como seres à parte da condição humana, considerados entes sobrenaturais, capazes de ações mágicas, dotados de poderes divinos, quase deuses que determinariam a

vida ou a morte de quem eles desejassem. Por manipularem uma matéria mais sutil, apresentando fenômenos que fugiam à capacidade humana em explicá-los, foram tomados como poderosos magos ou como capazes de dominar totalmente as mentes humanas. Imaginava-se que tudo podiam e que eram quase onipresentes. Mas por serem pessoas, personagens que deixaram a condição de encarnados com o mesmo tipo de inteligência, não podem tudo nem têm poderes superlativos. Quando apresentam um conhecimento acima do comum é porque já integraram maior número de habilidades do que outros; assim o é quando encontramos pessoas encarnadas em diferentes níveis de saber. Se sabem mais é porque estudaram e aprenderam com maior dedicação em suas várias encarnações, no Além e em outros mundos em que porventura habitaram; se sabem menos é porque ainda vão precisar de outras experiências em novas encarnações para saírem da ignorância. A evolução dos Espíritos desencarnados, tal qual a dos encarnados, decorre da vivência de experiências no contato com a realidade em que se encontram, tanto na matéria como em outras dimensões. Espíritos desencarnados são seres humanos e não sabem tudo, não veem tudo, não leem todos os pensamentos das pessoas nem resolvem tudo. Têm suas limitações, em sua maioria semelhantes às dos encarnados, apresentam inúmeras capacidades, porém não podem tudo, principalmente em face do respeito ao direito de cada um. Alguns, mais evoluídos, realmente realizam prodígios, semelhantes a encarnados que se mostram geniais em suas áreas de conhecimento. Desencarnados devem ser tratados como pessoas, sem cerimônias ou medos, que são motivos que provocam o distanciamento quando estabelecem relações com os encarnados.

Allan Kardec apresentou um ensaio sobre a identidade dos Espíritos, de uma forma didática, simples e de fácil entendimento. Dividiu em bons e maus apenas para efeito de compreensão sobre suas intenções, não constituindo um modo de convivência ou de sociedade. Esta divisão foi útil à época, cujo desconhecimento exigia uma classificação passível de compreensão imediata tão somente de qualidades gerais para uma identificação preliminar. Porém é importante entender que não existem categorias específicas nem os Espíritos desencarnados se organizam em Bons e Maus, Superiores e Obsessores. A vida na dimensão espiritual não é definida de acordo com estas macropolaridades morais, pois os Espíritos se

organizam por afinidades, interesses e possibilidades de realização e de expectativas. Há pessoas, bilhões de pessoas desencarnadas, que vivem em suas comunidades espirituais, agrupadas por interesses, pela cultura, pelos vínculos que criaram e pelas expectativas e crenças que abrigam em seu mundo íntimo. Nestas organizações espirituais existem regras, porém não são tão rígidas no que diz respeito à manifestação das potencialidades de cada um, como ocorre na vida material. Na maioria das comunidades espirituais há regras de convivência, há limites para certos atos que não condizem com a norma coletiva e existem princípios que norteiam a ordem geral. Quanto mais próximo da cultura terrena, mais parecida é a vida na dimensão espiritual. Uma comunidade constituída de Espíritos oriundos de determinada cultura, cujos hábitos se opõem à de outra do outro lado do planeta, não se modifica para adotar um padrão único, após a desencarnação, portanto, não há mudanças bruscas nem imposições sem sentido. Em muitas comunidades espalhadas pela dimensão espiritual vinculada à Terra, a liberdade de expressão, de manifestação e de associação é respeitada.

A vida na dimensão espiritual apresenta, portanto, um longo espectro de variação de modos, de organização político-administrativa, de objetivos e de expectativas futuras. Há também aqueles grupos que migram de uma região a outra em busca de melhores condições para viver experiências que lhes tragam diferentes possibilidades evolutivas. Não há limites territoriais nem tampouco muros que possam aprisionar a mente humana, sobretudo quando o Espírito se encontra sem um corpo físico.

A depender da cultura terrena, do país em que viveram e das origens de seu clã espiritual, agrupam-se em comunidades com distintos modos de organização, pois não há uma unidade quanto ao sistema político-espiritual que as rege. A ideia de um governo central deve ser compreendida como um ideal e, em alguns casos, restrita a certos grupos, pois o livre-arbítrio é a regra, não existindo comando ou controle coercitivo. As leis não pertencem a este ou aquele grupo de Espíritos desencarnados que tenha o poder de determinar como devem se organizar as sociedades espirituais. Não existe norma coletiva, seja por consenso ou por determinação de um Espírito mais sábio, que imponha superioridade ou inferioridade entre os desencarnados. Há comunidades de pessoas mais evoluídas, fruto da conquista de

habilidades diversas, o que não implica que governem outras constituídas por pessoas que ainda não alcançaram o mesmo patamar. Os aspectos morais que vigoram em uma comunidade espiritual nem sempre prevalecem em outra, pois muitas se encontram em diferentes níveis de evolução, mesmo abrigando Espíritos que na Terra apresentavam maior grau de adiantamento. A complexidade organizacional vai diminuindo, no número de diferenças, nos níveis mais elevados em que a nacionalidade, os traços culturais particulares e as idiosincrasias humanas vão desaparecendo.

Na dimensão espiritual, algumas comunidades se estruturam com autonomia organizacional, sem a tutela de qualquer Espírito superior ou governo espiritual, valendo o consenso de seus habitantes que escolheram ser regidos por um conselho constituído pelos mais experientes, que não se perpetuam na função, em um sistema de rotatividade constante. Nestas comunidades, a territorialidade não obedece aos princípios da propriedade privada nem do domínio estatal. O espaço na dimensão espiritual é livre, sobretudo longe das vibrações dos encarnados. Na Terra, os encarnados moram necessariamente em terras que pertencem a algum estado e seus proprietários têm de atestar a posse do imóvel. Na dimensão espiritual, nos espaços mais próximos da Terra, impera a liberdade, mas opta-se pelo fortalecimento da vida em comunidades por questões de proteção. Na dimensão material circunscrita ao planeta Terra, os espaços disponíveis para instalação de moradias são finitos e demarcados territorialmente por fronteiras estabelecidas em tratados dos países. Na dimensão espiritual também há limites, porém são definidos pela capacidade de seus habitantes em transpor vastas regiões inexploradas, de acordo com sua estrutura perispiritual.

12. Adaptação evolutiva

As aves são, como muitos animais, o resultado da necessidade de adaptação, pois fugir de predadores bem como ir à busca de alimento em outros *habitats* são imperativos. A diferenciação de espécies nas aves deu-se por conta das particularidades para conseguirem fugir e alimentar-se de acordo com os ambientes. É da evolução anímica a adaptação, pois a dinâmica da vida assim o exige. Algumas aves adaptaram suas asas para obter mais velocidade, outras para freadas bruscas e outras para planar. Com ou sem o uso das asas, as aves se adaptaram ao meio, buscando encontrar inconscientemente o caminho para a continuidade de sua jornada sem fim.

Assim também ocorre com o Espírito. A cada encarnação, integrando habilidades, vai se adaptando à dimensão em que vive suas experiências, vencendo desafios e prosseguindo sua jornada. Aprende no corpo e fora dele, entendendo que, a cada existência numa dimensão, sempre vai encontrar algo novo para vivenciar e aprender. Nunca se depara com os mesmos desafios e as mesmas circunstâncias, pois necessita integrar sempre algo novo. Sua sobrevivência no corpo, bem como sua estadia na dimensão espiritual, obedece a necessidades de ampliação de suas habilidades, provocando o aumento da complexidade do funcionamento de sua mente, veículo de que dispõe para sua relação com o meio em que se situa. É a mente seu grande veículo de manifestação, com o qual estabelece contato com a realidade.

Utilização de novas tecnologias na relação com a dimensão espiritual

A Divindade vem, cada vez mais, disponibilizando possibilidades para que a inteligência humana venha a descobrir novas propriedades da matéria que permitem ao ser humano fabricar equipamentos a serviço do desenvolvimento de seu psiquismo, portanto, do Espírito, o que vem ampliando gradualmente a percepção humana a respeito de seus potenciais espirituais. Quanto mais o ser humano penetra na intimidade da matéria, tanto quanto avança nos conhecimentos astronômicos, mais se aproxima da percepção de sua natureza espiritual e da grandeza de Deus. A sociedade tecnológica não é menos espiritualizada do que antes, quando não existiam equipamentos eletrônicos. O conhecimento material com os avanços científicos que proporciona à vida humana não se opõe ao saber espiritual; complementam-se, trazendo o progresso para todos. Muito embora a intervenção direta promovida pelo mediúnico, por via da prática espírita, traga enormes ganhos para a sociedade, sobretudo no que diz respeito ao exercício salutar da mediunidade e na consolação aos que buscam o Espiritismo, há que se ampliar seu alcance para as atividades comuns da vida social.

Equivocadamente a tecnologia tem sido considerada contrária ao desenvolvimento espiritual. Condena-se o tecnicismo pelas conexões com a matéria, por se considerar que afastaria o ser humano de sua essência espiritual. Para muitos, trata-se de uma conexão que desliga a consciência de sua própria natureza espiritual. Em que contexto, porém, esta essência adquiriu a consciência? Não foi nas experiências com a matéria que a face mais densa do Criador passou a ser conhecida pelo Espírito? Por acaso Deus se ausenta da matéria pela sua densidade, deslocando sua atuação em maior escala para a dimensão espiritual? Tudo leva ao entendimento de que o conceito salvacionista a respeito de Deus e o valor superlativo atribuído ao espiritual, desmerecendo o material, pela necessidade de afirmação peremptória da imortalidade, têm sido a causa desta separação.

Talvez o problema não esteja na matéria nem na relação que o Espírito estabelece com os progressos que sua inteligência produz, mas na filosofia que é adotada para enxergá-la. Uma filosofia que separa o material do espiritual, considerando o primeiro como ordinário e inferior, demonizando todo e qualquer contato, certamente não irá perceber sua valiosa

contribuição para a evolução do Espírito. Quando esta filosofia exaltar a dimensão do Espírito, ressaltando o valor real que tem, exacerbando sua excelência com a diminuição do valor da vida material, deixará de considerar o bem que produz para que o Espírito perceba as diferentes nuances do Criador. Certamente a correlação que se fazia da vida material com o prazer dos sentidos, com a sensualidade exacerbada e com os vícios inerentes ao nível de evolução em que se encontra a sociedade dos encarnados, foi responsável pelo equívoco do desprezo.

Não se trata de estabelecer supremacia nem realçar o materialismo, o hedonismo ou qualquer outra filosofia que supervalorize a utilização dos sentidos físicos com a negação da realidade espiritual do ser, mas dar o devido valor à experiência na matéria sem desprezar a realidade espiritual. As experiências na matéria, tanto quanto as que ocorrem na dimensão espiritual, são fundamentais ao Espírito, pois são únicas, portanto, não se repetem. A cada nova encarnação ou desencarnação uma diferente experiência se inicia.

Se a ciência terrestre promove avanços tecnológicos para uma vida mais saudável e menos penosa ao Espírito quando encarnado, que dirá a ciência na dimensão espiritual, cuja tecnologia deve ser muito mais avançada para a promoção de melhorias na vida em sociedade dos que lá vivem. Tecnologia significa o ordenamento de técnicas visando o aprimoramento de métodos a serviço do progresso humano, portanto, cabível também na dimensão espiritual.

O fenômeno mediúnico continuará ocorrendo, independentemente do consumismo, que tem sido confundido com o materialismo, da sociedade moderna, pois sua produção não depende do modo como se organiza sua economia. Os Espíritos desencarnados continuarão influenciando as pessoas e naturalmente se adaptando aos modos de organização social. Mesmo que os encarnados sejam materialistas, hedonistas ou consumistas, a ação mediúnica continuará, ainda que ocorra com mais dificuldades do que se observaria em uma sociedade espiritualizada. Democracia, ditadura, socialismo ou monarquia, que são alguns modos de organização social, não inviabilizam a influência dos Espíritos desencarnados, que a eles se adaptam com mais ou menos dificuldade, utilizando métodos adequados.

Se, no passado, os Espíritos desencarnados utilizavam pancadas, depois pranchetas e, em seguida, passaram a utilizar o lápis diretamente na mão dos médiuns, é porque houve uma evolução nos modos de comunicação para trazerem suas mensagens. Modernamente irão utilizar meios tecnológicos, pois dispositivos eletrônicos estão dominando o cenário das comunicações humanas, sobretudo nas relações interpessoais. Tudo evolui, até nosso modo de entender a própria realidade, quanto mais os meios pelos quais nos comunicamos uns com os outros. A tecnologia não é vilã nem deve ser expurgada do fenômeno mediúnicos como se fosse uma barreira. Ao contrário, será uma grande aliada para a manifestação dos Espíritos desencarnados, principalmente pela generalização de seu uso.

Não é raro vê-se “coincidências” nas redes sociais em que o diferente, o inusitado, o casual e o improvável, mesmo que a causa seja material, acontecem. Não é para se atribuir à interferência de pessoas desencarnadas, mas é uma hipótese que não pode deixar de ser considerada em face de sua grande ocorrência. Teclar e dirigir a mensagem para uma pessoa e, sem o querer, enviar para outra, digitar um nome e o corretor colocar outro que muda o sentido do texto, receber uma mensagem que foi dirigida a outro destinatário e que revela algum segredo pessoal a si mesmo relacionado, digitar um texto sob forte inspiração e de forma inabitual, perder textos digitados nos quais desprende grande esforço em sua elaboração, ver seu computador entrar em pane e travar em momentos cruciais, receber belas mensagens em momentos bem oportunos, ser localizado por alguém com quem há muito tempo deseja se comunicar ou que foi esquecido, entre outras ocorrências, também podem ser atribuídos a interferências de desencarnados.

A utilização de meios tecnológicos na produção de fenômenos mediúnicos não implica a dispensa do uso dos médiuns, portanto, da mediunidade; trata-se apenas de uma adaptação do meio em que ocorreria, bem como aos recursos usuais disponíveis. Talvez, com o uso futuro de *biochips*, aos quais possa estar associada alguma quantidade e qualidade de Fluido Vital, a mediunidade possa ser utilizada diretamente através da máquina, dispensando-se o médium. O *smartphone*, o *tablet*, o teclado de um computador ou outro meio eletrônico são instrumentos de uso comum que poderão ser utilizados como veículos associados à mediunidade natural

para manifestações mediúnicas. As possibilidades tecnológicas que permitem a comunicação entre os seres humanos têm se ampliado com muita rapidez e diversidade. Este fenômeno pode facilitar em breve o desenvolvimento de modos que facilitarão sobremaneira a comunicação com a dimensão espiritual, tornando o contato entre Espíritos encarnados e desencarnados algo de fácil acesso.

Se o racionalismo que se deu na sociedade ocidental a partir do século XVI, alimentado pelo Iluminismo no Século XVIII, dissolveu boa parte das ideias retrógradas e eliminou o obscurantismo da Idade Média, o Espiritismo veio também, no Século XIX, juntamente com as ideias quânticas no Século XX, ampliar a consciência humana para realidades antes inacessíveis. Certamente no Século XXI, com o progresso da sociedade e os avanços das pesquisas científicas no campo espiritual, sobretudo no que diz respeito a uma maior compreensão sobre os conceitos espíritas fundamentais, sua contribuição será muito maior. É preciso considerar que a tecnologia, aliada à internet, é um fenômeno novo que vem alterando o modo de pensar humano, em cujo seio o Espírito se movimenta. Trata-se de uma verdadeira revolução que obriga a pessoa a pensar fora do binômio espírito-matéria, pela consideração da inserção do mundo virtual, tal como se estivesse surgindo uma nova dimensão existencial. Um mundo inconsciente, psicológico e virtual se interpõe entre a dimensão espiritual e a material. Este novo mundo vem facilitando o entendimento e a aceitação consciente da dimensão espiritual. Está havendo uma adaptação gradativa do psiquismo para a virtualidade, provocada pelo uso, em todas as atividades humanas, de instrumentos que têm obrigado o ser humano a pensar e agir fora dos limites materiais.

A inserção cada vez maior da tecnologia nas relações com os Espíritos desencarnados pode ser observada na mediunidade conhecida com o nome de *psicodigitação*, em que o médium capta a ideia oriunda de uma pessoa desencarnada e a transcreve diretamente ao ambiente de um computador, *tablet*, *smartphone* ou outro aparelho semelhante. As comunicações mediúnicas, portanto, os Espíritos desencarnados, não estão esperando que os médiuns procurem um lápis, caneta, papel ou outros instrumentos utilizados no passado. Estão usando o meio mais vulgarizado de que dispõem. Aqueles antigos meios continuarão sendo utilizados, mesmo com

algumas limitações, mas estarão dando lugar a instrumentos mais práticos. O que importa é que não se consegue deter o progresso, muito menos a intensa comunicação que existe entre o mundo espiritual e o material.

Algumas ideias estão surgindo a respeito do *Transumanismo*, conceito que passa a enxergar o ser humano atual e futuro, além de sua natural condição biológica, com a integração de implementos tecnológicos para ampliação da vida orgânica, de seus potenciais e de suas habilidades. Trata-se do desenvolvimento humano e da expansão de suas capacidades intelectivas e vitais, com o uso de recursos tecnológicos e, conseqüentemente, maior longevidade. Mesmo sendo ideias futuristas, não se pode deixar de considerar que já há um enorme uso de recursos médicos para a manutenção da vida humana em sua luta contra as doenças e a morte. A expectativa de vida no corpo físico ampliou-se muito desde o século anterior. Praticamente, nos últimos cem anos, foram ganhos mais trinta anos de vida em um corpo físico, graças à tecnologia, ao desenvolvimento de novas medicações para a cura de doenças, ao uso de novos aparelhos de detecção prévia de doenças, às próteses diversas e aos procedimentos médicos mais sofisticados, sem falar em uma melhor qualidade dos alimentos consumidos. Com tudo isto, há de se pensar na mediunidade no futuro, em que o corpo físico natural já não atenderá integralmente às necessidades do Espírito, que conscientemente promoverá alterações com o uso de novas tecnologias para melhor aproveitamento de sua reencarnação.

Certamente o futuro, com as prováveis alterações na vida humana, sobretudo com mudanças no organismo de que vai se utilizar o Espírito em sua encarnação, trará positivas inovações no exercício da mediunidade. Vale lembrar que a tecnologia está a serviço do Espírito, cada vez mais o liberando de pesadas atividades materiais para que mais se dedique ao que é de sua essência.

13. Voos maiores

A ave delimita seu espaço em função de suas habilidades, de seus hábitos alimentares e da vitalidade de seu corpo. Seu território, mesmo definido pelas características de sua espécie, é inicialmente o espaço infinito que tende a explorar livremente, visando adaptação e sobrevivência. Nesse território ele singra em todas as direções, utilizando todo o ar de que dispõe em sua vida. Sente-se livre, sem limites conscientemente impostos. Quando não se adapta, muda-se em busca de novos e mais amplos horizontes. Quando necessita, retorna a suas origens, orientando-se pela topografia, pelo sol, pelos pontos cardeais ou pelo eixo magnético da Terra.

O Espírito é livre, senhor do tempo e do espaço. Descobre esta condição à medida que explora seus potenciais e que amplia sua Consciência para a percepção de sua própria divindade interior. No início de sua jornada, é prisioneiro de sua ignorância, mas, à medida que vai integrando habilidades, descerra o véu que lhe limita as ações. Nada poderá impedir sua evolução nem lhe retirar sua imortalidade, pois se tratam de prerrogativas divinas. Sua mobilidade é mais do que física, pois transita entre dimensões que vão além do tempo e do espaço. Os Espíritos são as aves de Deus.

Entendimento adequado da causalidade, de predisposições e da noção de carma e seus limites

Mesmo que se tenha o entendimento antigo, segundo a causalidade, de que toda causa gerará um efeito, é possível modificar os resultados que poderiam ocorrer. Isto tanto vale para a dinâmica das partículas quanto para

os acontecimentos decorrentes dos atos humanos. A correlação causa-efeito promovida pelo referencial da Consciência humana em considerá-los consequentes e interdependentes é decorrente da necessidade da inteligibilidade a seu respeito. Quando se trata de entender a correlação entre atos comportamentais e seus possíveis efeitos, é necessário conhecer as tendências e as predisposições que se encontram estruturadas no psiquismo do Espírito.

O ato humano, traduzido em comportamento, não pode ser resumido simplesmente em um instante, pois decorre da junção alquímica de muitos fatores de natureza imponderável, subjetiva e não mensurável, bem como de disposições internas traduzidas como vontade e objetividade. Um mesmo ato pode ter diferentes fatores implicados. Os atos humanos podem ser produzidos por diferentes vontades, por diferentes interesses e por diferentes estímulos. Para entender as consequências desses atos, é necessário se ter acesso aos fatores que fizeram parte de sua elaboração psíquica. Esta complexidade sugere que causa e efeito não podem ser colocados de forma linear, sumária e simplista como vêm sendo compreendidos quando se pretende estudar os sofrimentos humanos e suas afecções.

Fundamental que, no Espiritismo, se abandone, a ideia de carma, conforme a palavra tem sido traduzida, como a existência de um destino negativo por causa de semelhantes ações do passado. Tampouco deve ser aceita a ideia de causa e efeito como uma lei, visto que nem sempre assim ocorre. Quanto mais a Consciência admita a causalidade, mais o ego irá correlacionar eventos que julgue interdependentes, tendendo a provocar e até antecipar efeitos segundo sua crença.

Tendências comportamentais

As tendências são macros condicionamentos do pensar, do sentir e do agir. São direcionadores psíquicos, à semelhança de arquétipos, que influenciam os modos como os comportamentos acontecem. Contêm vetores compensatórios, aliviadores de angústias e de culpas, situações

prazerosas, modos de ação que resultam em êxito, gerando prazer e satisfação. Tornam-se canais por onde flui a energia do viver, por onde a vontade encontra meio de manter um fluxo dinâmico para que o comportamento se materialize. São passíveis de mudança, porém requerem forte experiência renovadora em direção diferente do fluxo da coagulação do comportamento. Mudanças de atitudes nem sempre promovem alterações nas tendências, muito embora favoreçam. São modos típicos de agir, por força de experiências repetitivas que resultam em algum aprendizado ou de ganhos para o indivíduo. Delineiam a personalidade, tornando o comportamento previsível e formando uma imagem característica da pessoa, nem sempre visível a si mesma. Um comportamento não define, por si só, uma tendência, muito embora apresente características que favorecem sua percepção. O conjunto de comportamentos, sobretudo quando se analisam várias encarnações de um Espírito, é que possibilita a percepção de algumas tendências típicas, que são verificadas no modo de vida de seus personagens. A personalidade de uma pessoa, por mais que apresente uma *persona* bem definida, não é suficiente para o entendimento de suas tendências, visto que pode se tratar de algo momentâneo, impulsivo e respondente a um estímulo casual. As tendências de um Espírito são úteis na definição de seu mito pessoal, pois direcionam a vida do indivíduo para a obstinação de uma meta.

Predisposições e destino

Predisposições são possibilidades de ocorrência de experiências que venham a promover o aprendizado do Espírito, sobretudo para que amplie sua Consciência, proporcione felicidade e lhe permita seguir livre e em frente para novos desafios evolutivos. Predisposições são como diferentes enredos com suas possíveis finalizações para uma mesma história. Podem trazer diferentes resultados, dependendo de circunstâncias externas, relativas à realidade em que se situa o Espírito, e internas, pelo que passa em sua mente no que diz respeito a mudanças de valores e disposições para

novas atitudes. O tipo de experiência a ser vivida, portanto, o enredo a ser encenado, o destino a ser traçado dependerá das circunstâncias. O Espírito carrega suas predisposições para a ocorrência de certas experiências que irão compor seu destino; elas poderão se materializar de diferentes maneiras ou, caso haja mudanças internas, não serem representadas por experiências típicas, pois foram modificadas oportunamente.

As predisposições são possibilidades da ocorrência de experiências que resultem em alívio da presunção de aprendizado e da redenção ao Espírito. Na base da crença redentora consta a ideia de que só o sofrimento redime. As possibilidades de se configurarem como destino determinado são esperadas e presumivelmente passíveis de ocorrer. São possibilidades mais ou menos planejadas, cuja ocorrência estaria relacionada com eventos passados, dentro da noção de causalidade absoluta. São experiências que a Vida forjaria por conta de estados ou configurações psíquicas tensionadas no Inconsciente. Formam-se pelas crenças, pelas expectativas de resultados, pelas associações de conteúdos semelhantes no Inconsciente, pelos medos e complexos que se encontram ali estruturados, tudo resultante de modos de compreensão da realidade e do julgamento que se faz a respeito de Deus. Torna-se um ciclo vicioso em que o conteúdo passa a ser o meio em que a personalidade é julgada e condenada pela natureza do que ali se encontra.

Predisposições decorrem de processos psíquicos referentes às experiências já vividas pela forma como foram elaboradas, sentidas, julgadas e guardadas, portanto, são possibilidades que exigem novas vivências consequentes; aquelas possibilidades psíquicas resultam na formação de grupos de frequências que se associam em determinado campo, exigindo continuidade para o equilíbrio do Espírito. Estas frequências se associam a outras que se assemelham em qualidade e intensidade, promovendo um catalisador psíquico que influencia novos comportamentos. Quando o Espírito julga tais experiências como, por exemplo, negativas ou culposas, gera uma frequência que lhe exige harmonização. Esta necessidade de equilíbrio interno do que resultou da experiência havida é inerente ao aparelho psíquico; é desejado como uma espécie de punição ou como algo que proporcione o sentimento de justiça ante uma falta cometida, muitas vezes, como um sofrimento. A predisposição passa a existir como uma experiência a ser vivida no formato

de uma contingência expiatória para alívio e restauração do equilíbrio daquele sítio onde se encontra o grupo de frequências no campo específico do psiquismo.

A predisposição é resultante de um julgamento segundo princípios considerados leis, que foram internalizadas e que precisam de calibração, portanto de ajustes e ressignificações, de tempos em tempos, para que liberte o Espírito de seu próprio sistema que viabiliza suas experiências. As predisposições do Espírito geram seu destino e merecem ser conscientizadas para receberem ajustes de acordo com a descoberta de novos processos educativos postos à disposição pelo Divino. Predisposições são estados psíquicos, *a priori* carecendo de identificação e de adequação para que atenda ao contato do Espírito com o novo em cada reencarnação. Predisposições podem e devem ser conscientizadas para que o Espírito possa escolher adequadamente quais experiências quer viver para equilibrar seu sistema psíquico.

Predisposições são núcleos psíquicos com um largo espectro de frequências que jazem no Inconsciente, resultantes das muitas experiências do Espírito, e que influenciam seu comportamento e seu destino. Influenciam hoje e, em sua maioria, determinam o futuro, visto que nem sempre são suportáveis imediatamente, exigindo alívio na tensão gerada quando se encontram em atuação. Para atender ao alívio destas tensões, o Espírito, muitas vezes, terá que viver diferentes personagens, pois necessitará de diversos tipos de experiências ao longo de algumas encarnações. O processo de amadurecimento da Consciência requer que o Espírito perceba suas tendências, predisposições e suas habilidades para conseguir que suas encarnações sejam vividas com menor grau de sofrimento.

O que comumente se conhece como carma nada mais é do que um conjunto de predisposições, portanto algo probabilístico, para a ocorrência de experiências significativas relacionadas aos conteúdos tensionados no Inconsciente. Parece haver algum tipo de conexão entre os conteúdos do Inconsciente e a realidade que se desenrola para o Espírito. Os elementos que forjam a realidade que se apresenta ao Espírito podem ser modificados instantaneamente, suprimidos parcial ou totalmente, de acordo com

disposições conscientes e inconscientes do Espírito. Além de modificar e suprimir, também podem ocorrer acréscimos de elementos para compor a configuração da realidade necessária ao Espírito, por ele forjada, portanto, com possibilidades de mudanças. Predisposições são possibilidades que podem ou não se transformar em realidade, cujo resultado dependerá de inúmeros fatores que, quando conhecidos, podem ser manejados pelo Espírito.

Pode-se pensar e argumentar que existe uma lei que permite tal ocorrência, porém necessariamente ela passa pela escolha do Espírito, que não está à mercê de um determinismo alheio a sua vontade. Essa provável lei é parte de um sistema em que os elementos comuns são compartilhados coletivamente para uso dos envolvidos. A consciência desta condição de controle para mudar um destino, que segundo o maniqueísmo é previsível, ao afirmar tão somente existirem duas possibilidades para selar sua ocorrência, o bem ou o mal, é um dos fatores a serem considerados. O outro fator é a aquisição da capacidade para identificar predisposições e tendências e de poder modificá-las.

Ao se pressupor que existe uma lei que governa o destino humano, exclui-se a possibilidade de haver manejo pelo Espírito, tornando-o um autômato que tão somente tem a obrigação, ao ser programado, de seguir tal lei. Quando, ao contrário, se entende que o que se chama lei é apenas um entendimento provisório que garante o equilíbrio psíquico, percebe-se que, ao poder manejar seu destino, o Espírito tem um papel importante em seu processo evolutivo.

Aceitando-se a existência do carma, quando a ação é considerada má, contrária ao bem, o resultado seria um vaticínio que levaria o Espírito a ter de viver no futuro uma experiência de ajuste, educativa, com ou sem sofrimento; quando a ação é considerada boa, a favor do bem, o resultado seria a certeza de que iria viver uma experiência recompensadora. Esta lógica esbarra nas inúmeras condições psicológicas que levam o Espírito à realização de um ato, pois concorrem, para a emissão de um comportamento, diferentes fatores subjetivos que estimulam diferentes experiências educativas.

Extraindo o sistema maniqueísta, portanto, excluindo-se o julgamento moral dos atos humanos e mantendo-se a ideia de carma, ainda assim o determinismo permaneceria, visto que, em sua natureza está a noção de causalidade absoluta, num mecanicismo absurdo para o Universo, limitado tão somente por uma dupla de possibilidades. Entendendo-se que o carma é, na realidade, tão somente fruto da criação de um sistema pessoal, baseado em crenças que forjam predisposições psíquicas, que são modificáveis, oriundas de tendências do Espírito, basta que se alterem estes fatores para que se obtenha um destino melhor. O Espírito que acredita que seu destino é regido por um carma resultante de suas ações passadas e que não pode ser modificado perceberá a realidade como tal, favorecendo que assim a sinta.

Ora, a evolução se baseia na constante aquisição de habilidades, sem punições ou sofrimentos, mas em experiências pedagogicamente educativas; então, a questão é de aprender a manipular tais fatores. Uma meticulosa autoanálise com a clara percepção das próprias tendências, com a avaliação precisa das suas qualidades e das consequências que trazem, com a consciência das capacidades já adquiridas e, sobretudo, com o conhecimento de como funciona a Vida levará o Espírito a reposicionar-se quanto às predisposições que abriga em seu Inconsciente.

A elaboração, ao menos na imaginação, de experiências possíveis de acontecer, que venham a promover a integração de habilidades que concorram para a manutenção, o redirecionamento ou a implantação de novas tendências faz-se necessária para que o Espírito possa melhor administrar sua evolução. As imagens geradas pelas emoções e pelos julgamentos atribuídos aos comportamentos do passado devem ser reformuladas, agora, à luz da necessidade de integrar habilidades, para que o Espírito não gere predisposições de consequências ruins.

É imperativo, sob pena da tentação equivocada de resvalar na autoenganação, a consideração da importância da responsabilidade pessoal e da criatividade das escolhas quando se pretende a elaboração antecipada de experiências que venham a redirecionar as tendências pessoais. Esta responsabilidade implica a total ausência de culpa, visto que esta palavra está associada à punição, ou à ideia de salvação, pois conduziria a um destino ilusório. Esta elaboração deve sair da ideia de que um

acontecimento passado deve ser corrigido com uma nova experiência dirigida para sanar o possível erro cometido, pois se trata agora da necessidade de ressignificá-lo à luz da própria ignorância, para a percepção de qual tendência ele faz parte.

O passado não deve ter predomínio sobre o presente nem a ele se deve atribuir valor maior do que aos conteúdos da atualidade consciente. Considerar o passado passível de ser corrigido é desviar-se, por causa da crença na causalidade, da reflexão sobre suas próprias tendências. O passado se resume a um núcleo de memória pessoal, é incorrigível e deve ser ressignificado, portanto compreendido de acordo com novos e atuais paradigmas, para alívio da consciência. Ele só é real para seu proprietário, que não deve tornar os personagens que dele fizeram parte como se fossem entes reais petrificados na Consciência nem neles projetar a necessidade de corrigir suas próprias atitudes.

14. Liberdade plena

A ave é livre por natureza. Em sua essência está o voar, cuja habilidade rapidamente se desenvolve. Seus voos, mesmo que às vezes estranhos, curtos ou longos, denunciam sua supremacia sobre os que se encontram presos ao solo, pois goza de plena liberdade para exercer sua designação. Senhor dos ares, neles navega com absoluta inconsciência de sua evolução. Simboliza a liberdade e independência na Natureza. É senhor do espaço infinito, detendo o conhecimento da arte de voar com maestria, jamais se limitando ao pouso.

O Espírito encontra sua plenitude após o desenvolvimento de imprescindíveis habilidades que o tornarão consciente de sua imortalidade. Sua liberdade é intrínseca, porém necessita ser conscientizada, sob pena da permanência em prisões psíquicas por longo tempo. Ser livre implica o domínio total do tempo e do espaço para que realize sua designação pessoal. Até a aquisição da consciência de que é imortal, viverá inúmeras ilusões, abrigará equivocados conceitos e submeter-se-á ao guante ilusório da matéria. Sua imortalidade é seu tesouro a ser plenamente desfrutado.

Reencarnação não restrita ao saber religioso

A religião cumpre uma importante função psicológica. Atende ao arquétipo religioso da *Imago Dei*, cuja característica básica é a percepção do transcendente e da conexão permanente entre Criador e criatura, pelo qual se torna sua real manifestação. O ser humano inconscientemente obriga-se a expressar, movido por impulso instintivo, comportamentos por força da energia de viver, que perpassa o arquétipo da marca de Deus nele mesmo. Por causa deste arquétipo, move-se por uma determinação interior,

como se fosse um instinto, que o leva a uma necessidade insana pelo alívio da tensão provocada pela sua força, cuja natureza promove a sacralização de tudo quanto lhe pareça grandioso, superior, incognoscível e poderoso. Quando tal ocorre, quando a experiência interna encontra um fato que possibilita sua conexão com aquele arquétipo e quando a Natureza o convida, dá-se a formação de uma imagem arquetípica que o contamina, trazendo para a Consciência o *numinoso*, o transcendente, que lhe paralisa e que provoca no ego a suspensão da realidade. Nada mais forte e poderoso do que a força deste arquétipo, que ultrapassa a preservação da própria vida, fazendo que o Espírito aceite se dissolver em seu domínio. Quando o indivíduo é tomado por este arquétipo e permite que sua regência assuma a totalidade de sua Consciência, costuma alienar-se de tal maneira que adota o fundamentalismo religioso como norma de conduta permanente. A patologia na regência deste arquétipo, quando o ego sucumbe aos anseios de dissolução no Divino, é a total alienação de perceber a condição humana do próprio indivíduo e de todos que julga serem merecedores de seu mesmo destino.

O domínio religioso sobre o conhecimento humano é antigo. Sempre coube à religião dar respostas a tudo quanto não pudesse ter uma explicação lógica, racional ou prática. O aparecimento das ciências, a partir do Século XIX, reduziu a influência do conhecimento religioso sobre o saber, diminuindo o tamanho do imaginário popular. A televisão, os meios de comunicação e, mais modernamente, a internet reduziram significativamente aquela influência, tornando o ser humano mais consciente de si, contribuindo para o processo inevitável de dessacralização das coisas e procedimentos. O sagrado foi dando lugar ao profano em um processo natural de aquisição do saber sobre o objeto, retirando-lhe a projeção sacralizada.

Assim ocorreu com a reencarnação. Por se tratar de assunto antiquíssimo, mereceu trato religioso, que lhe deu um caráter moral, estabelecendo-se critérios baseados na fé, na relação do indivíduo com Deus e em necessidades redentoras, portanto, punitivas e culposas, distanciadas da realidade processual do fenômeno natural. Com o advento das ciências e por sua ocorrência fora do ambiente religioso, mereceu atenção do conhecimento científico, tornando-se objeto de estudo. Mesmo

ainda sendo tratada como processo importante para os fundamentos de algumas religiões, mesmo sendo percebida de forma enviesada como instrumento divino para a moralização do Espírito, tem recebido atenção por parte dos meios científicos. São muitas as pesquisas sobre o tema, com importantes descobertas que atingem sobretudo a Psicologia e a Biologia.

Porém a exclusão da reencarnação como tema religioso não resolve o problema, pois os condicionamentos psicológicos que se instalaram na Consciência coletiva por causa de sua crença enviesada tornaram-se determinantes para definir o provável futuro da pessoa, seja no Além ou em uma próxima encarnação. A crença na causalidade, que leva a pessoa a acreditar que, pelas ações negativas, pagará com punições em uma nova encarnação, foi fixada na mente humana da grande maioria dos povos que assimilou a equivocada ideia, o que se tornou uma “lei” de difícil dissolução. Sua utilidade inicial está sendo apagada pelos prejuízos em ali mantê-la, por conta do aprisionamento a um acanhado destino sofredor.

Muito embora esteja aqui sendo considerada no âmbito do conhecimento espírita, portanto, na esfera religiosa, na segunda metade do Século XX a reencarnação foi tratada como objeto científico no meio acadêmico na Universidade de Virgínia, nos Estados Unidos, graças às pesquisas do psiquiatra canadense Ian Pretyman Stevenson (1918–2007). Seu volumoso trabalho, obedecendo a critérios científicos, trouxe luz sobre o tema, que apresentou nuances totalmente contrárias às afirmações das crenças religiosas a respeito. Vale salientar que o pesquisador não tinha, como era de se esperar, qualquer compromisso de fé religiosa. Um dos casos que descreveu, que se encontra na sua vasta documentação, se refere à reencarnação de um indivíduo que morreu após o nascimento daquele que afirmava ter sido ele, sugerindo, portanto, que pode haver reencarnação de um morto em um indivíduo que nascera enquanto ele estava vivo. Este caso não invalida a reencarnação, pois parece tratar-se de outro fenômeno desconhecido do pesquisador, o qual ocorreu a sua revelia. Trata-se da hipótese de ter sido um fenômeno relacionado à mediunidade, quando um Espírito desencarnado influencia um encarnado, passando-lhe informações a seu respeito sem que se note qualquer alteração em sua Consciência.

Mesmo com muito material coletado, com inúmeras publicações a respeito e com diversos livros comentando o trabalho de Ian Stevenson, a continuidade de suas pesquisas arrefeceu-se e o tema não foi incorporado, como merecia, às academias científicas nem à Consciência coletiva como realidade objetiva. Os adeptos da crença na reencarnação bateram palmas, mas o ruído foi pequeno. Portanto, o predomínio como tema religioso permanece. No Espiritismo, porém, a reencarnação passa a ter novos argumentos, pois o surgimento dos conhecimentos da Física Quântica, que derrubaram a causalidade absoluta, colocou-a como uma particularidade de uma concepção menos absoluta e determinística da vida. O Espiritismo dá novo fôlego à reencarnação, não por deixar de torná-la um tema religioso nem, infelizmente, por lhe retirar os aspectos morais que lhe foram associados, mas por oferecer o novo entendimento de se tratar de um processo que se refere ao Espírito imortal e que pouco diz respeito ao personagem vivido anteriormente.

Há que discutir, ampliar, divulgar e estudar a reencarnação sob a consideração de que a maneira como é entendida, sobretudo quanto ao destino futuro e como processo punitivo, interferirá no psiquismo humano, que, por sua natureza, será alterado com consequências significativas. Retirar o caráter punitivo, moral e salvacionista contribuirá para que haja melhores encarnações para o Espírito. Como a mente com seus conteúdos é um importantíssimo componente na equação do destino humano, favorecerá que a suposta necessidade de punição venha a ter sua predisposição reconsiderada quando o indivíduo aprender a melhor utilizá-la. Na relação entre a dimensão espiritual e a material, há que considerar a interferência significativa da dimensão psíquica quando se trata do destino do ser humano. Na dimensão psíquica ou psicológica, encontram-se os elementos formadores da personalidade e materializadores dos comportamentos.

Na Idade Média, acreditava-se que o Sol girava em torno da Terra em face de sua trajetória diária, percorrendo o céu de um lado a outro e reaparecendo no dia seguinte, o que parecia, mas, conforme explicação religiosa, tornava-se verdade. Nascia o Sistema Geocêntrico com o patrocínio da religião instituída. Da mesma forma, hoje, muitos séculos depois, apesar do conhecimento científico, a reencarnação ainda é

considerada, sob o ponto de vista religioso, em uma versão no mínimo parcial, para não dizer equivocada, quando é tão somente considerada como instrumento corretivo para o Espírito.

A realidade tem sido antes sacralizada para depois tornar-se algo natural. O processo é de percepção pela totalidade do aparelho psíquico, sobretudo pelo Inconsciente, para posterior naturalização pela Consciência. A contribuição científica, com todos os seus limites, tem sido fundamental para esta passagem. As experiências humanas são, inicialmente, simbolicamente vulgarizadas, depois sacralizadas e, posteriormente, cientificamente naturalizadas.

Tudo que é desconhecido e que se apresenta à Consciência recebe a atenção total do aparelho psíquico, que busca uma representação para que possa ser assimilado e armazenado como realidade. Como se trata de algo desconhecido, portanto, novo, não é encontrado nenhum elemento que a esse conteúdo possa ser associado, gerando tensão na Consciência, o que provoca, por automatismo psíquico, reação no Inconsciente, exigindo a formação de um símbolo que preencha o vazio da ignorância a respeito do objeto percebido. O símbolo é então projetado na Consciência, aliviando a tensão. Enquanto não houver uma compreensão adequada, racional e lógica sobre o objeto percebido, o símbolo permanece na Consciência. Sua sacralização ocorre sempre que há uma correlação entre o objeto e o significado atribuído ao Divino, nele presente ou a ele associado. Neste caso, a energia de viver, promovida pela marca divina no psiquismo humano, tende a provocar comportamentos sacralizados, religiosos e ritualísticos pela Consciência. A naturalização da reencarnação, como processo comum e parte do viver do Espírito, sem que seja tornada divinamente especial como instrumento moralizante, é inevitável. Até lá, o Espírito será submetido ao que ele mesmo constrói em sua fértil imaginação, limitando-a a um conceito religioso dogmático.

Diálogo entre a crença e a consciência da realidade

A crença é a solução provisória de algo sobre o que se tem alguma dúvida. É a opção do eu para a ignorância sobre algo que seu sistema de informações não tem como explicar. Trata-se da denominação ao que não se tem certeza ou causa estranhamento. Se voltássemos cerca de 500 anos, novamente em plena Idade Média, seria possível constatar a ignorância sobre muito do que se veio conhecer com detalhes e funcionalidade, nos séculos seguintes. As crenças e saberes daquela época, os paradigmas que vigoravam e os limites da Consciência coletiva impediam a compreensão de fenômenos naturais que hoje são tidos como óbvios. Acreditavam, por exemplo, que o Sol girava em torno da Terra, que a mulher não tinha alma e que havia um ente real, chamado Demônio, responsável pelo mal no mundo. A ignorância diminui com a evolução da sociedade, com a aquisição de informações e com o aprendizado do Espírito. Ocorre que, se é possível certificar-se da ignorância ao se distanciar daquela época, também é possível compreender que hoje certamente há algum grau de ignorância em relação ao futuro. Não a mesma. Perguntar-se-á então: Quais as ignorâncias de nosso tempo? O que poderia minha atual consciência conceber para que possa reduzir hoje a ignorância, avançando em concepções mais ousadas? Falando de imortalidade, não se está pensando de forma medieval ao tratá-la como crença? E sobre reencarnação? O conhecimento científico, que dissolve as crenças, também pode cristalizar um saber que, por sua vez, precisará um dia ser atualizado. O processo de entendimento da realidade é dinâmico e, de tempos em tempos, necessita ser refundido, atualizado e adequado ao momento do Espírito. É necessário, portanto, a revisão do entendimento de certos preceitos dentro no conhecimento espírita.

A consciência dessa ignorância deve levar a entender que o modo de compreensão da realidade, fora da dúvida e da crença, pode ser distorcido pelo comprometimento com os entendimentos antigos. Romper com o passado, buscando novos modos de compreensão, é imperativo para toda consciência lúcida. O argumento da autoridade, acatando o respeito a ilustres pensadores que fizeram suas afirmações e contribuíram para o entendimento de conceitos importantes, deve merecer o mesmo tratamento a ser dado às revelações atuais da ciência, pois a razão e a prudência

merecem ser consideradas, tendo em vista que todo conhecimento é provisório, venha de onde vier. Não se trata de desconsiderar as contribuições do passado, pois elas são a base sobre a qual se assenta o surgimento de novos paradigmas, mas tão somente de lhes contextualizar o valor. O Espírito sempre evolui, portanto, seu saber para o entendimento da vida e das coisas também se renova, trazendo-lhe novas faculdades que lhe permitem diferentes compreensões a respeito de si mesmo e da realidade.

Se é improvável que a imortalidade deixe de ser tratada como tema religioso, a reencarnação, no entanto, independentemente de continuar sendo estudada pelo Espiritismo e ser parte de um de seus fundamentos, pode e deve ser considerada como realidade afeita à Psicologia, à Antropologia, à Pedagogia, à Sociologia, portanto, à Ciência em geral.

15. Tendências

O Século XXI trata-se, mesmo que dito de forma redundante, de um **novo** período na história da Humanidade. Muitas mudanças e novos modos de viver caracterizam este período. As possibilidades de manifestação e da vivência de experiências que agora se abrem ao Espírito, ao menos aos encarnados, são infinitas. Pensar em uma sociedade estável, em conformidade com os paradigmas que vigoraram no século XIX, parece acanhado. Pensava-se que, neste século, encontrar-se-iam pessoas obedientes a regras impostas, vivendo de acordo com o senso coletivo, seguindo rígidos costumes, adotando o moralismo sexual, submetendo-se ao domínio religioso na vida social, seguindo convenções ditadas pelos afortunados e nobres, aceitando um trabalho estressante e escravo, acolhendo pacificamente políticas opressivas e repressivas, dominadas pelo conservadorismo e formalismo em suas relações interpessoais, convivendo com total ausência de direitos humanos, realizando casamentos convencionais, acatando severas proibições às mais simples transgressões e sujeitas a um puritanismo exacerbado. Acreditava-se também que se manteriam o predomínio masculino em todos os campos da vida social, o pátrio poder, a castidade como um preceito religioso e relacionado à virtude, uma vida rural longe da industrialização e da tecnologia, o culto à vida doméstica e o espaço social restrito aos nobres. De fato, nada disto prevaleceu ou será acolhido por muito tempo neste século, mesmo que algumas pequenas comunidades preguem e queiram viver como no passado.

O século XX foi vivido com muitas lutas no campo político, filosófico e científico, promovendo mais ainda, no Espírito, o desejo de libertação. Sua Consciência, mais expandida, não mais iria se limitar à conformidade de qualquer origem, muito menos imposta. O receio que caracterizava o ser humano necessitado de limites deu origem ao que sempre desejou: libertar-se da repressão de sua consciência, principalmente quando a norma vigente queria limitar seu corpo, seus instintos e seu desejo de viver sem peias.

Enorme equívoco cometia-se quando tão somente se olhava para o corpo físico, esquecidos do Espírito, principal agente do processo de transformação e de evolução, beneficiário direto da realidade que ele mesmo via mudar constantemente. Ele, sim, necessita de atenção, pois o Criador o gerou para algo maior e mais exuberante do que sonharam os repressores de plantão, travestidos de religiosos, doutores da lei, representantes, alguns *ad hoc*, outros autoproclamados de eternos, do Divino ou zeladores da pureza da letra e de dogmas petrificados. Há que entender o direito do Espírito, cujas experiências nas duas dimensões por ele concebidas terão que lhe ensinar a educar seus imensos potenciais. Terá de sacrificar sua vaidade, seu orgulho, seu egoísmo, seus medos e seu acanhamento do viver. Ao Espírito está reservado muito mais e melhor do que sua imaginação consegue conceber, tendo o Universo, que conhece como presente gratuito, para manejar em seu favor.

Permanece na Consciência coletiva a ideia de que no pessoas viverão tranquilas, em suas casas, em família, felizes e em paz; de que nele haverá habitação para todos, alimentação farta, trabalho e emprego nas empresas, além de um sistema de mobilidade urbana tranquila e de fácil acesso. Tudo isto nos moldes pensados há séculos, pois o futuro tem sido projetado a partir das ideias e filosofias que se encontram na base do pensar humano, em cima de sua história pregressa. Isto pode ser verdadeiro na imaginação, porém talvez se materialize de maneira muito diferente do que pensado e desejado. É preciso responder certas questões que emanam por força da inquietação do Espírito. Como serão as famílias? Marido, mulher e filhos? Viverão em casas, apartamentos, moradas individuais ou coletivas? Alimentar-se-ão de que? Proteína animal, vegetais ou alimentos sintéticos? Que tipo de trabalho executarão? Haverá indústrias com empregados humanos ou serão máquinas? Haverá carros, ônibus, trens, metrô ou outros meios de transporte? Certamente não se têm as respostas que se quer. Todos devem ter palpites, previsões e suposições a respeito do futuro. Independentemente do que se imagine, é possível entender que se caminha para certas condições inevitáveis. Tem sido cada vez mais evidente que o Espírito anseia e se aproxima de uma ampla liberdade para que manifeste sua autêntica natureza com autonomia e respeito ao outro. Sua liberdade inclui a livre expressão de sua identidade sexual, com respeito aos limites socialmente definidos para a manifestação pública. A vida coletiva tem sido

valorizada sem que a singularidade do Espírito seja reprimida ou que ele se dissolva na mentalidade social.

Não é sem motivo que o Século XXI tem sido chamado de o Grande Século da Nova Era. O século do famoso e propalado Terceiro Milênio, em que a espiritualidade toma definitivamente o lugar da materialidade e de tudo que negue a transcendência humana. É nele que a Humanidade alcança a desejada ampliação da Consciência para que penetre nos mistérios da vida e da morte. É nele que o Espírito inicia seu grande voo em direção ao mais alto de sua imaginação para que nada mais permaneça obscuro ou em mãos alheias ao próprio indivíduo. É a Nova Era anunciada pelos místicos, intelectuais, alquimistas e sábios de todos os tempos, cuja característica principal é a retirada do véu que encobria a mente humana para a percepção da natureza espiritual do ser humano. Nesta natureza, inclui-se simultaneamente o predomínio da razão, da intuição, do coração, da paz, do amor e da fraternidade universal como elementos importantes para a vida humana.

Tendências para o Século XXI

A natural evolução humana tem promovido grandes mudanças e trazido muitas novidades para o Século XXI. Como se está no início do século, muitas delas são consequências das ideias e experimentos do século anterior. Mas é possível identificar algumas que decorrem do amadurecimento do Espírito, já antenado com melhores perspectivas, de acordo com uma conquistada visão de totalidade, longe do obscurantismo que teimava em deixar sua *sombra* prevalecer. A tecnologia, a Consciência ampliada e a base psicológica já consolidada, quando habilidades integradas, passaram a forjar ideias maduras; agora permitem ao Espírito enxergar horizontes além das dimensões que lhe foram apresentadas. Os experimentos científicos visando a melhoria da vida humana multiplicam-se de forma exponencial, surpreendendo todos com inventos que contribuem para facilitar a busca humana pela sua transcendência. As novidades são inúmeras e de tal monta que têm distraído o ser humano quanto à necessidade do entendimento do que está se processando a sua volta. A

visão de totalidade, de certa forma, fica prejudicada pelas novidades que detêm as reflexões mais profundas que mereciam ser feitas. Mesmo assim, é possível perceber algumas macrotendências que sutilmente têm alterado a vida do ser humano promovendo o viés específico desse período da evolução do Espírito.

Há inegavelmente um aumento da sensibilidade afetiva e emocional, notadamente nas relações humanas. Identifica-se o que se conhece pelo nome de Inteligência Emocional, caracterizada pela sociabilidade, pela administração das emoções, pelas percepções mais apuradas das motivações emocionais do comportamento, pelo desenvolvimento maior da empatia, por uma maior preocupação com o autoconhecimento e por uma forte tendência à busca da automotivação. Tudo isto com reflexos na leveza das relações humanas, nas formas mais polidas no trato com o outro e no desabrochar da compaixão ante o sofrimento do outro.

É possível também perceber-se um aumento da capacidade de cuidar mais do outro com quem se convive. Cresce vertiginosamente o número de organismos internacionais dedicados à ajuda e cooperação sem fronteiras. Estes organismos atuam no auxílio a refugiados, a doentes espalhados pelo mundo sem qualquer tipo de assistência médica, a pessoas famintas e discriminadas, a minorias de excluídos, a sobreviventes a diversos tipos de desastres e tragédias no mundo, a vítimas de calamidades, bem como no trabalho de eliminar qualquer tipo de sofrimento humano.

No mundo, ainda há muita discriminação. Mas também tem havido um aumento do respeito à dignidade do outro na vida social. Surgem os estatutos do idoso, da criança e do adolescente, da igualdade racial, do deficiente, bem como a implantação da educação inclusiva. As pessoas passaram a receber publicamente melhor tratamento e a merecer o devido respeito como seres humanos, independentemente de suas características. A dignidade da pessoa humana, com seus direitos e deveres, garantia de suas

mínimas condições de sobrevivência e de uma vida saudável, tem sido cada vez mais presente na sociedade e componente da Constituição dos países no mundo.

Observa-se o surgimento de uma estética mais diversa, menos clássica e mais colorida. As artes tornaram-se reflexo da diversidade de expressão que tomou conta do Espírito. Obras dos mais diversos tipos, seguindo tendências particulares, sem o rigor clássico ou uma estética de conformidade, passaram a dominar as artes no mundo. Novos gêneros musicais, variados estilos artísticos, diversidade das artes plásticas, surgimento das artes visuais, a multimídia, a fotografia, o cinema e a técnica dos efeitos visuais para integração de realidade com virtualidade passaram a fazer parte das artes humanas. A arte tornou-se um universo extremamente criativo, apresentando a incrível diversidade da natureza interior do ser humano. A musicalidade, acompanhando a diversidade criativa inerente ao ser humano, tornou-se de forma mais evidente uma tendência universal.

Contínua melhoria no trato social, nas relações interpessoais e maior expressão da afetividade, da leveza e da serenidade têm sido observadas no mundo. As pessoas estão tolerando menos a agressividade e a impulsividade no trato com o outro. Aqui e ali, graças a uma maior aproximação entre as culturas, florescem práticas meditativas, contemplativas e reflexivas para o enriquecimento do mundo interior do ser humano. A leveza é desejada como o ar que se respira, visto que aproxima o ser humano dos ideais que ele almeja atingir como um estado que o aproxima do Divino. Pessoas que se apresentam serenas, suaves e com elevada sabedoria facilmente se tornam líderes, direcionando outras consciências para que alcancem este mesmo patamar.

A crescente valorização do meio ambiente, ressaltando-se sua relevância à sobrevivência da vida na Terra, tornou-se bandeira política,

econômica e estratégica de todos os países da Terra. Os cuidados com os ecossistemas, as campanhas educativas em favor da fauna e da flora e o fomento à preservação da Natureza são imposições do mundo moderno que fizeram surgir uma consciência mundial de cuidados com o planeta, que parece agonizar de tão depredado. A defesa do meio ambiente tornou-se matéria obrigatória nos currículos escolares do ensino básico, o que contribui para a formação de mentes preocupadas com o problema para a garantia de vidas futuras. A ecologia passou a andar lado a lado com a cidadania.

A sociedade tem se tornado cada vez mais tendente ao feminino. Há valorização crescente do feminino no que diz respeito às suas características criativas, intuitivas, subjetivas e não diretas, com conseqüente recuo do masculino com sua objetividade pontual, sua racionalidade e seu pragmatismo limitador. A ascensão e a valorização do feminino são observadas pela mulher, sobretudo na ocupação dos espaços sociais, na maioria das culturas, sobretudo no Ocidente. A ascensão da mulher também pode ser percebida na conquista de direitos de igualdade ao homem em todos os campos da sociedade. A apurada sensibilidade, a criatividade, a leveza, a capacidade em compreender de forma mais inclusiva, além de um materno acolhedor, estão se firmando, atestando sua ascensão. O patriarcado, com predomínio do arquétipo do *ânimus* dá lugar à regência da *ânima*, arquétipo da máxima expressão do viver.

A busca pela uniformidade e imitação de um modelo de comportamento, seguindo estereótipos padronizados de pessoas bem-sucedidas, está dando lugar a representações cada vez mais diversas. Os modelos de comportamento são meras referências que as pessoas tomam como indícios de personalidades capazes de conterem tipos coletivos, não conseguindo configurar a identidade pessoal. Há uma nítida tendência da busca pela unidade e conformidade do comportamento para a particularização da singularidade de cada um. A manifestação do que é pessoal, sem perda da vida em sociedade e do respeito aos comportamentos e padrões exigidos para seu equilíbrio, tem sido a característica mais rica da

prova de que a espécie humana é um grande espectro de indivíduos cada vez mais diferenciados uns dos outros.

A automação e cada vez maior utilização de máquinas que facilitam a vida humana, com evidente ampliação do tempo para atividades que exigem menor esforço físico, têm permitido ao ser humano o uso de sua inteligência para a necessária percepção de seu mundo íntimo. A possibilidade de percepção e entendimento maior de seu Inconsciente tem feito surgir a busca pela autorrealização, sobretudo em sua vida profissional. Por esta razão, a formação profissional tem sido dirigida para a autorrealização, e não apenas para a manutenção de sua sobrevivência. Mesmo com o aumento de profissões relacionadas à computação, as pessoas estão em busca de encontrar, no que fazem, sentido e significado para sua vida.

O impacto positivo causado pela internet na mente humana e o conseqüente acesso instantâneo a informações de todas as áreas do conhecimento humano são incalculáveis. Por causa desta possibilidade de acesso, o ego conecta-se a conteúdos que não mais necessitam ficar gravados na Consciência, que teve seu campo significativamente ampliado, dando ao Espírito maior poder de análise de seus processos existenciais. O Inconsciente, agora acrescido daqueles conteúdos, mesmo que não gravados nem acessíveis sem o uso de meios mecânicos, passa a receber outra denominação ou uma nova divisão. Há, de um lado, o Inconsciente Próprio e gravado, e do outro, o Inconsciente Acessível, não gravado em seu aparelho psíquico. De qualquer maneira, e por causa desta acessibilidade, o Inconsciente se tornou menor, revolvido pelos novos conteúdos disponíveis na internet. Trata-se de uma nova condição para o personagem, agora atendendo com melhores condições, a seu proprietário. A ampliação da Consciência trouxe ganhos significativos ao Espírito, pois aproximou mais seu personagem de si mesmo, dando-lhe condições de atuar em experiências mais bem planejadas por causa do maior número de informações sobre a vida e a realidade a enfrentar. Graças à ampliação da Consciência, o Espírito realiza, neste século, um voo maior, com

perspectivas melhores e inimagináveis de percepção de si mesmo e da dimensão espiritual.

A procura e adoção por uma religião mudou neste milênio. Nada de regras, de proibições ou de ofertas de salvação. O perfil do fiel já não é o mesmo que, calado e obediente cego, submetia-se a sacrifícios para obter algum benefício do típico deus medieval. As pessoas estão mais críticas às propostas religiosas e exigentes quanto as suas recomendações de comportamentos e proibições. Não é à toa que o número de ordenações religiosas tem diminuído significativamente. A tendência é as religiões fazerem concessões para sobreviverem em um mundo em que a informação circula com tamanha velocidade e quantidade que o candidato a fiel está mais bem informado do que o sacerdote que pretendia cooptá-lo. A religiosidade mudou, pois as promessas de uma vida futura beatífica estão perdendo para uma percepção mais clara da vida após a morte, alterando o modo como se vive a religião. Em que pese perceber-se uma maior visibilidade ao fundamentalismo religioso, há também uma maior tolerância às diferentes crenças com quebra da hegemonia das religiões tradicionais.

O Século XXI tem sido pródigo em trazer ebulição a tudo quanto antes era mistério. A mente humana não ficaria isenta de alterações significativas, pois tudo quanto afete a percepção dos sentidos e exija cognição provoca adaptações psicológicas. O surgimento da Realidade Virtual e, em particular, da Realidade Aumentada, vem provocando o ego para além das capacidades físicas e psíquicas, potencializando recursos mentais inimagináveis. Entre as consequências, estima-se que as faculdades da Consciência estão sendo estimuladas pelos avanços tecnológicos, bem como fomentando a geração de novas capacidades psíquicas. A mente, pela sua flexibilidade e alta capacidade de adaptação e suscetibilidade a mudanças, afetada por estes novos estímulos que atingem em cheio seu funcionamento estrutural, tem ampliado sua capacidade de elaboração, com maior possibilidade de executar as mais profundas reflexões.

Atestam a naturalidade e o frequente uso de uma linguagem espiritual nas relações interpessoais, a grande exposição midiática de temas espirituais sem compromisso religioso e a crescente procura pela literatura espírita, porque a vulgarização de tudo quanto se relacione com a imortalidade é irreversível. É notória a ampla vulgarização do espiritual, com exposição cada vez maior de conceitos sobre tudo que diz respeito à vida no Além. A vulgarização do espiritual com o aumento de informações sobre a vida após a morte, sobretudo nas telas do cinema e da televisão, bem como a ampliação da consciência da imortalidade do Espírito, vem alterando a religiosidade das pessoas. Os conceitos tornaram-se objeto de estudos científicos, assuntos nas esquinas e nos restaurantes, tema de novelas e espetáculos artísticos, motivo de conversas nos lares e componente do imaginário popular consciente, o que é indício de que a Era do Espírito está a pleno vapor.

O ser humano de hoje, fisicamente, não é o mesmo de cem anos atrás, quando a expectativa média de vida no mundo não chegava aos 40 anos; hoje, é pouco mais de 66 anos. Atualmente, em alguns países, já alcança os 83 anos. Nos últimos cem anos, o ser humano médio ganhou cerca de 15 centímetros em sua altura. Houve o adiamento de inúmeras doenças, ampliando o tempo do surgimento da velhice. Estes fatores provavelmente se devem ao aumento de gastos com saúde, sobretudo nos países desenvolvidos, além da melhoria e descoberta de medicamentos mais eficazes. O ser humano de hoje está se mostrando mais do que o de antes, transformando-se em um transumano, com características de melhor desempenho em tudo que faz. Acresce também o uso de tecnologias médicas com aparelhos acoplados ao corpo humano para alcançar índices cada vez melhores em suas *performances* de saúde e de desempenho físico. Com tudo isto, é possível perceber o surgimento de um novo elemento entre os reinos da Natureza. Uma nova categoria surge além da classificação biológica, que valoriza a complexidade crescente e que vai demonstrando a tendência do Espírito em forjar um personagem mais bem adaptado aos seus propósitos. Se o tempo de permanência no corpo físico está aumentando, é possível especular que sua estada na Terra tem grande

relevância para o Espírito, não sendo tão somente um período de degrado como pensam alguns.

A identidade de gênero tem sido cada vez mais discutida a partir do aumento da liberdade de manifestação da pessoa no que diz respeito a sua sexualidade, sobretudo desde a segunda metade do Século XX. Foi na década de sessenta, quando se iniciaram as manifestações pelo sexo livre, que a questão tomou maior corpo. A nomenclatura que define os gêneros humanos passou a considerar que a identidade de uma pessoa pode ir além do sistema binário masculino e feminino. Observa-se, em alguns países, a existência de uma nomenclatura com mais de trinta gêneros para a identidade de uma pessoa, de acordo com sua própria definição. O gênero de uma pessoa é definido por ela própria, que estabelece como se enxerga, como se vê, como percebe sua imagem e como pretende manifestar-se socialmente. Além das pessoas que se identificam com o gênero atribuído no nascimento (cisgênero), há aquelas que se identificam com o oposto ao do nascimento ou com outro tipo não específico (transgênero). A tendência é o Espírito poder manifestar-se, no que diz respeito a sua sexualidade e a seu gênero, de forma tão diversa quanto seja sua íntima natureza, em respeito a sua própria identidade. A transgeneridade, como estudo da sexualidade e da noção da diversidade e identidade do gênero humano, denuncia que há diferenças entre afetividade, sexualidade e gênero, portanto, entre os aspectos psicológicos que envolvem a singularidade do Espírito.

A crescente importância das redes sociais, ampliando a aproximação das pessoas e o aumento do comércio mundial, revela mais uma tendência que modifica substancialmente a vida humana e como se dão os encontros e reencontros reencarnatórios. O universo virtual da internet tornou-se mais do que real, estendendo o espaço de manifestação dos desejos e motivações das pessoas. Com as redes sociais pela internet, a vida material estabeleceu um novo território de realização além da própria sociedade materialmente concreta. O mundo virtual tornou-se o maior e mais verdadeiro campo em que as relações se estabelecem e se fortalecem, sem prejuízo da vida

presencial na sociedade. Houve um acréscimo de espaço, com ganhos na comunicação instantânea e no tempo necessário ao reconhecimento das características sociais de cada um. A crescente utilização das redes sociais revela também a expansão dos modos de relacionamento interpessoal, bem como a tendência a se enxergar os seres humanos das diversas culturas como irmãos, influenciando na percepção da fraternidade universal.

As relações afetivas tornam-se mais leves, sem a obrigatoriedade do estabelecimento de compromissos formais ou de contratos permanentes. A ideia de que uma pessoa está obrigada, por causa de uma norma social, a estar ao lado de outra está dando lugar ao respeito do direito de cada um fazer suas escolhas por quem e por quanto tempo deseja estar ao seu lado. Com isto, os acasalamentos ou outro tipo de encontro amoroso tornam-se instáveis e pouco consistentes, eliminando as obrigações preliminares de fidelidade na fase de reconhecimento e identificação da natureza de um e de outro. Muitas relações tornam-se fugazes, pouco profundas, sem expectativa quanto ao estabelecimento de um relacionamento mais sério ou permanente. No outro, não se projeta mais a felicidade nem se exige que venha a produzir este efeito. Há, de certa forma, uma redução do tempo dedicado à descoberta do mistério a respeito de quem é o outro. O desconhecido, a respeito da personalidade e de tendências procuradas no outro, que antes levava muito tempo para se tornar consciente, é então perceptível nos primeiros encontros. As novas relações primam, ao menos inicialmente, pelo reconhecimento de que houve uma empatia inicial e da constatação da existência de uma atração de natureza física ou sexual, mesmo que não muito intensa, caracterizada por uma vontade interna de troca afetiva mais íntima. Estas relações, aparentemente descartáveis, ampliam as habilidades do Espírito, sobretudo no campo da percepção da diversidade dos tipos humanos, bem como no fortalecimento da própria identidade decorrente da redução das projeções psicológicas habituais.

O campo da Consciência, importante área da mente, em cujo domínio surgiu a possibilidade de o Espírito com ela estabelecer sua identidade e unidade (ego), tem se ampliado gradativamente. Isto implica uma crescente

atividade mental, antes restrita ao Inconsciente, cuja ebulição provocava o aparecimento automático de inúmeros símbolos para o estabelecimento do equilíbrio psíquico. A Consciência passou a ser o campo em que aquela ebulição acontece, exigindo estabilidade, aumentando as demandas pela sua pacificação. Esta transposição do Inconsciente para a Consciência, observada de forma bem nítida, e a proliferação de imagens produzidas pelo mundo moderno estão fazendo surgir outra dimensão de realidade. Trata-se da Dimensão Psicológica, caracterizada por um universo de possibilidades de vivências consideradas internas que se tornam reais, em que o Espírito transita sem se deslocar. Ali ele vive, tem seus gozos, sofrimentos e anseios, em um modo novo que cada vez mais se amplia.

A desmaterialização do concreto com os avanços promovidos pelos conhecimentos trazidos pela Física Quântica e pela inserção da realidade virtual e da aumentada, na vida diária e na percepção da Consciência e do mundo, tem demonstrado a falência do materialismo, permitindo que o espiritualismo se torne mais visível. Isto implica a tendência do Espírito em cada vez mais conceber um Universo sem limites físicos, a viver também a imaterialidade enquanto experimentando estar encarnado. O físico, o material, o denso e o pesado estão cedendo lugar ao imaterial, transcendente e espiritual como pano de fundo para as percepções e *constructos* da realidade sobre a qual as ideias se formam. O tempo, o espaço, as distâncias e a base física em que assentam o pensar cedem lugar ao estado interior, ao sentir, ao estar presente no momento instantâneo da vida. É o Espírito encarnado e provavelmente também o desencarnado aproximando-se de sua essência divina.

As possibilidades de escolha têm aumentado em face do amadurecimento do Espírito cada vez maior. Cada decisão a ser tomada sobre qualquer questão implica múltiplas possibilidades, portanto muitos e diferentes destinos. As variáveis estão sendo mais bem definidas e sob maior controle ante a existência de uma mente mais bem preparada para suas consequências, que se tornam menos temerárias. O destino, antes totalmente obscuro e incerto, passa a ter contornos mais definidos. A

condição de viver em mundo mais organizado e com limites e fronteiras físicas palpáveis, sem abismos nem monstros fantasmagóricos, permite maior previsibilidade. O destino, antes absoluto e limitado por forças externas divinizadas, dá lugar à consideração de que o futuro depende de predisposições em que as condições não só são determinadas pelo próprio Espírito como podem merecer modificações. Nestes termos, a causalidade, que gera um destino determinístico, dá lugar às predisposições, que geram um destino flexível. A tendência é que o Espírito prognostique seu destino e o direcione, conduzindo-o de acordo com fatores que se tornam cada vez mais conscientes e por ele controláveis.

Cada uma destas tendências promove implicações significativas na vida e no destino das pessoas, sobretudo em seu modo de entender sua existência, seu sentido e seu significado. Mas a maior de todas as tendências é a que sutilmente insere cada ser humano na construção do destino coletivo, pelo seu pensar, pelo seu sentir e pelas suas ações, que interferem sobremaneira na manutenção da vida na Terra. Isto significa que cada ser humano está cada vez mais inserido nesta construção, participando e atuando diretamente na vida do outro, pela comunicação eletrônica ou pela possibilidade de alcançá-lo espiritualmente. Há tendências que não são alcançadas pela inteligência humana nem mesmo por pessoas desencarnadas de alto nível de evolução, visto que não é possível se ter perfeito e total conhecimento do futuro, o que levaria tudo a ser como uma máquina. Há sempre uma possibilidade que escapa ao conhecimento humano, senão a previsibilidade o transformaria em Deus. Tendências são vetores prováveis por onde as possibilidades futuras, acessíveis à inteligência humana, transitam. Não são previsões nem adivinhações ao sabor da sorte ou que decorrem de revelações mediúnicas ou não, mas possibilidades baseadas em eventos históricos, acontecimentos e fatos havidos que denunciam um viés característico de um modelo sistêmico de ocorrências. Não são absolutas, podendo tomar diferentes direções, pois são organizadas segundo percepções que também seguem um sistema pessoal de entendimento da realidade. Se não se configurarem como realidade ou não venham a se revelar factualmente, não invalida o desprezioso e

simples desejo de serem apresentadas, pois são idealizadas como contribuição ao exercício do planejamento do viver.

Manifestação autônoma do Espírito

Cada vez mais o Espírito tem direito à liberdade para se manifestar como lhe apraz, fora das convenções culturais coletivas, sem ferir o direito do outro, sobretudo no que diz respeito à identidade pessoal. A representação da singularidade do Espírito deve ir além das conformidades de gênero, por direito e pela ampliação das fronteiras binárias orgânicas e culturais. Esta representação, cada vez mais singular, é consequência da natureza rica e diversa que o Espírito imortal contém em sua essência. Para que esta singularidade se manifeste em toda sua plenitude, o respeito à diversidade humana torna-se sagrado, pois reflete a variedade das manifestações criativas de Deus. Com esta consideração, deve haver um total respeito à alteridade da pessoa em todas as suas dimensões, reconhecendo-a como uma singularidade e como manifestação viva do Criador. O Espírito é a principal manifestação de Deus, Sua obra-prima por ele próprio percebida, via complexa de percepção de Sua natureza, razão importante para admitir a diversidade de suas expressões e manifestações como faces do Divino. Deus se revela principal e criativamente na complexidade do ser humano; limitá-la a convenções é aprisionar-se.

O veículo de manifestação do Espírito, seja seu perispírito ou, quando encarnado, seu corpo físico, é de sua exclusiva propriedade, tendo total determinação sobre seu uso, respeitando o direito do outro. O que dele fazer, como orná-lo ou como lhe alterar as características biológicas é de seu foro íntimo. Sua Consciência promoverá modificações pessoais com reflexos sociais significativos quanto à representatividade do Espírito e seus modos de organização. Consequentemente, por força desta liberdade, sem prejuízo a sua evolução, uma nova sociedade não binária, não polarizada em tipos de gêneros, deve surgir com amplas possibilidades de expressão para o Espírito. Claro que não elimina as tendências masculinas nem femininas, pois se tratam de características psicológicas demarcadas pela longa evolução do psiquismo do Espírito. As experiências binárias

fortaleceram polaridades psíquicas que direcionam modos de atuação com comportamentos característicos, forjadores das definições típicas de cada gênero. Muito provavelmente as manifestações correspondentes, perceptíveis no veículo de representação do Espírito, como homem ou como mulher, mesmo que presentes na sociedade, tenderão a ser tão somente algumas delas, pois o Espírito tenderá a ampliar o número de possibilidades de expressar sua identidade. Com a percepção consciente de sua condição de Espírito imortal e a com consciência da diferença entre ele próprio e seu personagem, torna-se mais fácil o acesso a lembranças do passado, quando viveu experiências típicas de cada gênero. O esquecimento do passado torna-se mais consistente à medida que o personagem, com seu ego, acredita que ele mesmo é o Espírito a quem representa. Ficará mais acessível, pela percepção das tendências que manifesta, presentes nas características de outros personagens vividos, favorecendo a miscigenação de seus aspectos na atual identidade do Espírito. Novamente, a percepção da diferença entre o Espírito e o personagem que apresenta, de forma rica e com toda a diversidade possível, torna a vida social um grande mosaico de representações da criatividade de Deus.

Os Espíritos do Século XXI

São mais autônomos, livres, sem preconceitos e mais exigentes quanto à fé em crenças sem fundamentos calcados pela lógica em robustos fatos. Apresentam-se com mais dignidade e respeito a si mesmos, pois a consciência da imortalidade pessoal já desponta, requerendo autonomia sobre o quê e como pensar. Já não se satisfazem com o ensino religioso doutrinário nem com histórias do surgimento de sua religião, muito menos com pregações que mais se assemelham ao ensino de regras de etiqueta e normas para uma autoajuda do que o que é consequente a condição de ser um Espírito imortal. Não querem mais decorar preceitos ou lidar com possibilidades utópicas e idealizadas para o estabelecimento de comportamentos padronizados ou para o atendimento da afirmação de ideias que acomodam a mente inquieta. O Espírito imortal quer mais, pois tem sede de saber mais de si mesmo e dos mistérios da vida, sem

intermediários nem milagreiros, do que de histórias, por mais importantes que sejam.

Os Espíritos do Século XXI são pessoas cada vez mais esclarecidas e que, ao reencarnarem, estão encontrando uma sociedade completamente diferente da que viveram, da que imaginaram, da que planejaram encontrar e da que acreditam poder controlar. Não há planejamento reencarnatório que não venha a necessitar de ajustes posteriores, pois o grau de liberdade do outro e as constantes mudanças nos modos de relacionamento do Espírito com a sociedade inviabilizam a ideia de um determinismo em seu destino. As mudanças estão acontecendo em uma velocidade tão grande que as probabilidades se tornam muito mais complexas, dificultando prognósticos e certezas do alcance de certos resultados. Longe de serem altamente evoluídos ou de pertencerem a uma casta especial, os Espíritos que estão reencarnando no Século XXI são pessoas comuns, alguns mais lúcidos e maduros, outros ainda atrasados, que estão lidando com algo extremamente mais complexo do que imaginaram. A vida humana, tanto a particular e a que ocorre na intimidade de cada um quanto a coletiva e a que é vivida no contato com uma sociedade plural, apresenta desafios antes inimagináveis ao Espírito. Todos estão tendo que compreender que o Criador sempre apresenta ao Espírito uma realidade que vai além de sua inteligência e das regras e leis que criaram para se sentirem seguros no mundo. Mesmo que o planejamento reencarnatório seja promovido com o auxílio de Espíritos desencarnados mais experientes, não se pode deixar de inserir, mesmo que seja pequena, uma dose de imprevisibilidade. Impossível que qualquer Espírito, por mais evoluído que seja, mesmo que tenha atingido o mais alto grau de conhecimento, possa superar ou subestimar a inteligência do Criador.

A sociedade de hoje não é a mesma quando Jesus se encontrava disseminando sua mensagem, razão pela qual o excesso de pregação evangélica contribui para o viés salvacionista observado em muitos divulgadores do Espiritismo, pois muitos ainda se ressentem dos horrores praticados no passado em nome do Evangelho. Houve evolução, houve

progresso e já há pessoas encarnadas que, mesmo não professando qualquer religião, até por que não precisam delas, encontram-se espiritualizadas e com alto grau de comprometimento com o progresso social e espiritual. Nem sempre há uma relação direta entre evolução e adesão a um credo religioso, o que pode ser observado em certas pessoas que se destacaram na sociedade produzindo o mesmo efeito que outros ligados à religião. Um dos grandes exemplos foi Gandhi, advogado, responsável pela independência do Estado indiano e adepto da não violência. Estas considerações não implicam qualquer desmerecimento, inferioridade ou anulação a respeito do valor inegável do Evangelho e de sua divulgação.

É possível que alguns Espíritos que contribuem para o planejamento de outros ainda continuem presos ao formalismo superficial, a hábitos aprisionadores e à letra de conceitos cristalizados, com prejuízo do progresso geral, quando aconselham a reencarnações tão somente para resolverem querelas com outros. O grande trabalho deve ocorrer no equacionamento das crenças internas, antes da reencarnação, para que o Espírito, antecipadamente, se livre de culpas, perdoe e elimine mágoas antigas e se prepare para novos desafios, em uma sociedade totalmente diferente da que viveu em sua última experiência em um corpo físico. Este equacionamento interno requer o preparo para evitar fixações, obstinações ou exigências de vínculos aprisionantes a outros Espíritos, cujo contato atenderia ao desejo *egóico* para a satisfação pessoal, sem projetos de realizações de interesse coletivo. Os próprios Espíritos reencarnantes, mesmo avisados da amplitude e riqueza da experiência em um novo corpo físico com uma nova personalidade, instruídos para o aproveitamento dos novos desafios, limitam-se em processos existenciais menores, que lhes parecem mais seguros para serem vividos. O Século XXI descortina incríveis horizontes aos Espíritos, posicionando-os frontalmente contra sua própria imagem, criada em meio a crenças limitadoras da sua consciência da própria imortalidade. Quem está renascendo por agora, ao menos está compreendendo que, se não conseguem controlar todas as variáveis que interferem no destino, estão podendo, mediante a conquista de algumas habilidades novas, administrar melhor o próprio futuro.

Estes Espíritos já não estão mais aceitando lideranças religiosas carismáticas que não se apresentem naturalmente na sociedade, ou que estejam pregando normas sem a naturalização do que pretendem ensinar, sobretudo quanto à vida na dimensão espiritual. Seus líderes, cada vez mais midiáticos, interessados no aumento de seguidores, servem para o entretenimento, sem lhes acrescentarem conhecimentos substanciais para o aprofundamento e equilíbrio de suas inquietações. Com a consciência cada vez maior da imortalidade, as lideranças religiosas terão que se comportar de forma natural, espontânea, sem formalismos, sem posturas messiânicas e sem se sentirem oráculos da verdade. Estes líderes devem tomar consciência da relevância de seu próprio processo de autotransformação, para não caírem na armadilha da representação coletiva de si mesmos como se fossem salvadores ou missionários. Os adeptos mais esclarecidos das religiões não mais aceitarão líderes que se distanciam da vida comum e da simplicidade nas relações.

A Consciência destes Espíritos, renovada por uma maior percepção da dimensão espiritual, não mais constrói ideias arcaicas, medievais e pobres para o estabelecimento das bases de sua filosofia existencial. Atentos à noção da complexidade da própria imortalidade, eles estão ávidos de respostas mais profundas e de explicações coerentes com a complexidade da vida, que cada vez mais os desafia para o atendimento do que exige sua essência e origem espiritual. Não há mais espaço para crenças em monstros, em infernos e em julgamentos coletivos realizados por tribunais que utilizem critérios semelhantes aos aplicados por simples magistrados terrestres. Não são mais aceitos princípios cuja justiça sequer excede a dos livros e anotações dos juristas que apenas enxergam o corpo e seus limites físicos. O Espírito deste século está acordando para a exuberância da vida e para a grandiosidade do Criador, que não mais o trata como criança cuja traquinagem deve ser punida em uma encarnação de sofrimento. Pode-se, portanto, avançar mais, para o estabelecimento de novos horizontes a serem oferecidos para quem está reencarnando. Esta oferta pertence a todos que já acordaram para a consciência da imortalidade, cuja vida e modos de expressão do viver se apresentam com toda a luminosidade que é possível fazer brilhar.

Desafios do Espiritismo

São inimagináveis as consequências da disseminação e posterior assimilação da consciência da imortalidade pessoal quando uma sociedade a absorve. Dar conta dessas consequências requer a existência de uma sólida base para sustentar a grande procura que se daria pelo estudo do Espiritismo. Muitas seriam as mudanças conceituais e os novos comportamentos que passariam a ter esses adeptos e estudantes do Espiritismo. Em seu formato clássico, como é apresentado e vivenciado o Espiritismo nas casas espíritas, terá que se adaptar às exigências pertinentes, pois quem tomou real consciência de sua imortalidade vem com toda a disposição para pôr seus potenciais a serviço do viver sua plena espiritualidade. Este novo tipo de adepto do Espiritismo não é um rebelde nem atua para destruir ou tomar o poder, mas, desconstruindo velhas práticas e modos arcaicos de viver o Espiritismo, constrói uma célula produtiva em torno de sua divulgação.

Quando há excesso de regras pouco democráticas em uma instituição espírita, o risco é grande de estagnação em seus métodos de divulgação e nas atividades que adota para praticar o Espiritismo. Em muitas instituições espíritas, em que seus fundadores e figuras mais respeitadas pelo longo tempo de dedicação aos trabalhos ali executados se tornam seus dirigentes e se perpetuam no poder e, principalmente, quando a democracia nas práticas de governança não é utilizada, há possibilidade de dissidências, de ruptura da unidade do grupo e desânimo de seus trabalhadores. Seria oportuno que as instituições que se dedicam ao estudo e à divulgação do Espiritismo praticassem a governança compartilhada.

Quando a rotatividade na direção de uma instituição espírita é mínima, em face da experiência e das responsabilidades que a complexidade das funções exercidas assim exige, fica difícil a inclusão de pessoas mais jovens, partindo-se do princípio de que não têm experiência. Ocorre, porém, que são Espíritos e como tal devem ser considerados, pois sua experiência pode transcender a atual encarnação. Quando há real integração da consciência da imortalidade em si e, principalmente, no outro, o aproveitamento dos potenciais dos novos integrantes da instituição pode ser

maior. Acresce que, quando não há utilização de técnicas e métodos já consagrados pela sociedade terrena, no que diz respeito à administração de seus serviços, perde-se a oportunidade de realizar um trabalho maior em benefício do Espiritismo.

Em qualquer trabalho humano, a especialização é sinônimo de boa prestação de serviços. Pessoas não qualificadas nem sempre realizam um bom trabalho. O mesmo deve ser considerado quando se trata do contato mediúnico entre encarnados e desencarnados, nas reuniões de caráter terapêutico, sobretudo nas sessões de desobsessão. Ao se tratar, porém, do simples contato, do encontro comum e saudável entre pessoas desencarnadas com as encarnadas, a participação deve ser estimulada. Portanto, não deve haver receios no contato de neófitos com os desencarnados. Sob pretexto de que as pessoas não estão preparadas para um contato mediúnico inicial, não adentram imediatamente nos ambientes das conversações rotineiras com Espíritos desencarnados. É aceitável que, por conta das características de certos contatos mediúnicos que exigem melhor preparo, não se permitam neófitos; há, no entanto, outros tipos de encontros mediúnicos que poderiam permitir tais contatos. Isto seria facilitado pelas condições em que se encontram os Espíritos do Século XXI, mais maduros e mais conscientes de sua imortalidade.

Toda instituição deve renovar seus quadros diretivos e estimular a participação de pessoas jovens para que o saber possa ser transmitido e a instituição dê continuidade aos seus propósitos. Para que as instituições ampliem o espaço ao jovem, não reduzindo sua participação nas atividades, sobretudo nas de estudos, é preciso que sejam reconhecidos como Espíritos imortais, cujos conhecimentos e experiência podem ser inicialmente considerados pela presença e pelo interesse precoce no Espiritismo. A ideia de que o Espiritismo é coisa de adulto, oferecendo exclusivamente uma evangelização às crianças, permite que haja um hiato entre os dirigentes mais maduros e as novas gerações de Espíritos que adentram ou poderiam adentrar no Centro Espírita.

A arte é uma forma de expressão do Espírito que transcende a lógica cartesiana, ultrapassando os limites da Consciência. Sua presença na instituição que se dedica à divulgação do Espiritismo proporciona que o

Espírito expresse de forma criativa a excelência da mensagem da imortalidade. A arte evoca o melhor do Espírito e, quando utilizada para a divulgação do Espiritismo, produz imagens psíquicas que proporcionam diferentes possibilidades de acesso à dimensão espiritual.

A sociedade das pessoas encarnadas necessita de serviços que reduzam as desigualdades sociais. Tais desigualdades se apresentam no formato da fome, do desemprego, da violência, da falta de educação formal, da falta de serviços de saúde e de moradia digna. O Centro Espírita sempre esteve envolvido em ações sociais que contribuem para a redução dessas desigualdades. Urge, porém, que a assistência social não permaneça paternalista nem contribua para o clientelismo, muito menos para a manutenção da pobreza que lhe justifica o entendimento enviesado do que é caridade, muitas vezes aplicada à oferta de gêneros alimentícios de primeiras necessidades. Certamente existem pessoas e famílias que necessitam do alimento material e, sempre que possível, o Centro Espírita o ofereça, mas mediante critérios bem definidos e sob acompanhamento domiciliar. Importante que o Centro Espírita, atendendo aos seus objetivos institucionais, realize projetos bem elaborados para a redução daquelas desigualdades, utilizando-se de parcerias com instituições legais para sua implementação na sociedade.

Há muito que o meio mais comum para a divulgação do Espiritismo tem sido as palestras públicas. Bons oradores têm se apresentado com palestras, seminários e exposições diversas sobre os conceitos espíritas. Em geral, são unilaterais, sem diálogo ou discussão de ideias para a ampliação do saber. Nota-se a ausência de cursos de Espiritismo pedagogicamente estruturados, com um programa adremente preparado que estimule e atraia seus adeptos para o estudo permanente. A ênfase tem sido o contato mediúnico e a assistência social. Muito embora de suma relevância, estas duas áreas de trabalho não deveriam ser as únicas nem as principais atividades. A estruturação de cursos de Espiritismo, tendo como fundamento central a consciência da própria imortalidade, contribui para a formação de bons espíritas e trabalhadores bem preparados para os diversos serviços da instituição.

Muitas pessoas procuram o Centro Espírita para aconselhamento, geralmente quando entendem que atravessam problemas de ordem espiritual. Ali encontram uma palavra amiga, um “passe” e tudo que um ambiente espiritualizado pode oferecer de bom. Difícil separar problemas psicológicos de processos espirituais, cuja confluência é inevitável. Quando há uma formação que comporte o conhecimento da dinâmica psíquica, esse aconselhamento está em condições de se tornar um atendimento terapêutico propriamente dito. Aconselhar pressupõe orientar, influenciando o outro para determinada direção. Atender terapeuticamente requer uma escuta mais apurada do outro, de seus processos psíquicos, de suas tendências e predisposições, sobretudo mostrando-lhe sua *sombra*. Em ambos os casos, dá-se uma percepção à luz do conhecimento espiritual da problemática percebida, acompanhada da oferta de serviços e de atitudes que poderão contribuir para resolver o conflito apresentado. As pessoas que prestam este último tipo de atendimento devem ter, em sua formação, conhecimentos sobre o funcionamento do psiquismo humano; também devem ter plena consciência de sua imortalidade. É importante que as instituições que oferecem tal serviço também contemplem orientações para o replanejamento reencarnatório.

Os Espíritos que apresentaram o Espiritismo no Século XIX certamente, caso resolvessem fazê-lo agora, não o tratariam tão fortemente pela via religiosa, o disseminariam pelas redes sociais, pelos meios científicos, pelas academias, também no seio de cada religião, mesmo que novamente, por força das tradições religiosas, fosse considerado mais uma delas. Importante considerar a relevância da via religiosa, porém sua exacerbação dificulta, quando não inibe, a exploração de seus conceitos e afirmações por outros saberes. A demora da consciência da imortalidade e de seu pleno exercício na vida humana não se deve apenas e tão somente a este viés, cuja intensidade contribui exatamente para sua disseminação, pois as particularidades culturais das sociedades humanas, com fatores contrários ao entendimento do espiritual, constitui o principal entrave.

Não são poucos os desafios do Espiritismo como movimento social organizado, sobretudo nos métodos de divulgação e na atualização de sua linguagem para acompanhar a evolução coletiva, sob pena de ser engolido exclusivamente como religião. Como seus conceitos básicos se encontram

amparados nas leis da Natureza, não há risco de desaparecimento, porém é necessário olhar para o saber que se amplia, a fim de que possa apresentar novos modos de apreensão de sua doutrina. Seu enclausuramento nos muros de instituições que não se renovam pode ser estagnante, como também há o risco de ser ultrapassado por novos movimentos que, utilizando idênticos conceitos, sejam melhor e mais rapidamente aceitos. Modernos métodos, oriundos da atualização das pedagogias, aliados às ideias de pessoas mais maduras e experientes, sobretudo que conheçam bem os fundamentos espíritas, serão necessários para que não se mantenham formatos anacrônicos nas práticas utilizadas.

Vale acrescentar que o processo de espiritualização da sociedade é crescente, porém ainda desordenado e superficial, carecendo de amadurecimento e atuação mais eficiente das organizações que se dedicam à divulgação do Espiritismo. O fundamentalismo doutrinário sem reflexões profundas deve ser visto como uma exacerbação da fé e como alienação perigosa, devendo ser dissolvido com a naturalização de práticas, sobretudo as mediúnicas, e com a vivência cotidiana dos princípios que formam a estrutura conceitual do Espiritismo. É importante a percepção das mudanças que ocorrem na sociedade, pois são reflexos do amadurecimento constante do Espírito imortal, que retorna para uma nova encarnação cada vez mais consciente de sua condição. Em que pese ainda existir na sociedade muita ignorância, muita miséria e sofrimento, o que provoca um direcionamento das ações institucionais doutrinárias, há também muitos Espíritos lúcidos promovendo o progresso espiritual na Terra, que merecem ser considerados. São Espíritos que se preparam para responsabilidades com o progresso social, ético e espiritual da sociedade e que, pelo simples modo de viver, acabam, pelo exemplo, por contaminar os demais. Alguns passam despercebidos pelos holofotes da popularidade midiática; outros, no entanto, dela se utilizam para promover as mesmas eficientes ações que visam o bem comum.

Como levar a consciência plena da imortalidade para uma sociedade marcada pela mentalidade coletiva de que a culpa deve ser aceita como

consequente a todo e qualquer erro? Há uma sociedade que crê em um Deus que pune o ser humano quando ele erra; que apresenta um Deus que promove curas mágicas, bastando que sejam cumpridas algumas obrigações que O agradem; Esta mesma sociedade tem sérias limitações na compreensão da reencarnação e da mediunidade, atrapalhando a evolução de milhões de pessoas. Por conta desta ignorância, estes Espíritos ainda estão em busca de salvação por se autoincriminarem do que não fizeram ou por terem sido acusados por suas próprias crenças. Apresentam uma religiosidade superficial, à semelhança do materialismo e da ideia de que o Espiritismo serve tão somente para promover uma reforma íntima. É preciso que as instituições dedicadas ao estudo e à divulgação se reinventem, promovendo um maior aprofundamento da proposta, sobretudo no que diz respeito à autotransformação como um processo mais longo que visa a integração de habilidades e que alcança as tendências e predisposições inconscientes do Espírito.

O objetivo do Espiritismo é a integração plena da consciência da imortalidade para que o ser humano encarnado amplie a percepção de si mesmo, da realidade e a respeito do Criador, avançando em sua evolução. Esta percepção implica profundas modificações em seu modo de viver e no sentido que atribui à vida. O esforço de praticar o Espiritismo deve estar voltado para este objetivo e para a integração de seus princípios como norteadores da aquisição de habilidades fundamentais à evolução do ser humano e da sociedade em que se insere. O Espiritismo não deve se apresentar apenas como uma filosofia que serve para mudar comportamentos sociais, por mais importantes que sejam, em repetição ao que é pregado por movimentos de autoajuda, bem como pelas religiões tradicionais em busca de adeptos para aumentar suas fileiras. O Cristianismo, em algumas modalidades de expressão, tem uma pregação tendente a reafirmar a aquisição de virtudes, cujo valor é inegável. Porém o Espiritismo vai mais além, como uma proposição que insere, de forma intensa e profunda, a continuidade da vida e do retorno do Espírito a uma nova reencarnação, com o trabalho permanente de integração de habilidades. É preciso discutir os reais objetivos do Espiritismo, bem como

as consequências do viés estritamente evangélico que lhe caracteriza a pregação.

Alguns discursos parecem pretender que a pessoa que adentra o Espiritismo deve se comportar como um sacerdote, apresentando-a como quem retornou no tempo, vivendo em uma sociedade medieval, hedonista, pecaminosa e exclusivamente materialista, requerendo salvadores para que alcance o reino dos céus. O ser humano de hoje requer mais do que a classificação ou julgamento de seus equívocos, muito menos que o condene a reencarnações em que tenha de pagar com sofrimentos seus erros do passado. É preciso rever o discurso trágico e sombrio, bem como a visão escatológica do planeta Terra, que tão somente provoca especulações pouco confiáveis e sem as possibilidades de serem provadas. O Espírito hoje merece outra pregação, sobretudo a que o orienta para que se veja, independentemente de sua apresentação carnal, como um ser imortal.

É necessário considerar o trabalho no ambiente espírita como de natureza funcional, voluntário, com leveza e sem a criação de uma casta de sacerdotes ou missionários eleitos. Todos se encontram trabalhando e vivendo seus processos de aperfeiçoamento e de ampliação da própria consciência de ser um Espírito imortal, para uma melhor integração de habilidades. Qualquer consideração além dessas favorecerá o surgimento de uma casta sacerdotal extremamente prejudicial aos propósitos do Espiritismo.

A comunicação mediúnica deve merecer também um tratamento especial para se tornar algo natural, popular e de uso cotidiano. Para tanto, requer que seja dessacralizada, retirados os níveis hierárquicos erigidos pelo estabelecimento transferencial, pelos encarnados, como se existisse uma casta especial de pessoas desencarnadas equivocadamente tornadas santificadas e com poderes hiperinflados. A comunicação mediúnica deve ser compreendida como uma relação entre pessoas, sem hierarquias,

reverências ou submissão de qualquer natureza. O tratamento a ser dado a uma pessoa desencarnada, seja diretamente ou com o auxílio de médiuns, deve ser o mesmo que se dá às pessoas nas relações comuns. Sem títulos, sem receios ou formalismos artificiais que distanciam o desencarnado de sua condição de pessoa humana.

O Centro Espírita, célula da sociedade destinada ao estudo e à prática do Espiritismo, além dos esforços de disseminação dos conceitos cristãos deve ampliar seus objetivos para o estudo e a divulgação da consciência plena da imortalidade do Espírito. Na base de seus estudos, deve estar a proposta da naturalização dos conceitos básicos do Espiritismo, visando sua ampla absorção pelas pessoas encarnadas. Deve levar seus frequentadores à compreensão do conceito de autotransformação como processo de integração de habilidades. Para tanto, deve criar um sistema de estudo que permita a graduação de grupos de alunos, de acordo com a complexidade dos temas, à semelhança de uma escola, portanto, criando a Universidade Livre do Espírito.

Conceitos básicos do Espiritismo

1. Deus

Desconstrução e nova construção sentida.

O predomínio do conceito e das formas de conexão com o Divino trazidos pelo Cristianismo, sobretudo em sua versão católica, transferiu-se para o Espiritismo. As ideias constantes em seu livro conceitual não foram suficientes para modificar o modo católico de se relacionar com Deus. Na prática, a visão maternal, a providencial e a mágica sobrepõem-se ao que consta nas respostas do capítulo a respeito de Deus, grafadas em *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec, que O apresenta tão somente como uma Causa, filosoficamente distante da ideia de um Deus protetor e necessitado de bajulações de suas criaturas. Há que desconstruir psicologicamente a ideia desse deus e iniciar um processo natural e permanente de aquisição do

SENTIR Deus, sem o estabelecimento de qualquer concepção a Seu respeito, o que requer a substituição das ideias a respeito de Deus estabelecidas na mente humana, ali fincadas para garantir o equilíbrio psíquico, por receio de ameaças imaginadas e projetadas como símbolos de sua própria ignorância. Na prática, o Deus do Espiritismo tem sido o mesmo do Cristianismo, com pouca ou nenhuma alteração. Esta semelhança induz a modos de entendimento dos conceitos espíritas em um sincretismo que torna lenta sua adequada assimilação, sobretudo sua atualização para um preciso entendimento. Buscar sentir Deus é a principal atualização que o adepto do Espiritismo deve fazer para psicologicamente iniciar mudanças em velhas concepções estabelecidas em sua mente.

2. Existência, Individualidade e Imortalidade do Espírito

Autopercepção.

Por muito tempo, o Espiritismo vem sendo divulgado com o intuito de fortalecer convicções a respeito da existência dos Espíritos, tal qual Allan Kardec se empenhou em trazer. De certo que se trata de importante responsabilidade, sobretudo à luz da moderna Ciência e de seus paradigmas. Por outro lado, a prática espírita e o trato com a mediunidade, pela forma caracteristicamente mística e religiosa, têm contribuído para a manutenção de entendimentos enviesados dos conceitos espíritas. Quando se lida com Espíritos desencarnados, como entidades, obsessores, mentores, superiores e outros, distancia-se da ideia de que se tratam de pessoas, seres humanos, conforme consta em Allan Kardec, cujo tratamento deveria ser conforme esta condição, sem qualquer retórica. Esta prática também distancia o adepto do Espiritismo da essencial autopercepção de sua condição de Espírito imortal. Trata-se de nova fase a ser encetada pelos divulgadores do Espiritismo: a ampliação da consciência da imortalidade do ser humano encarnado, Espírito imortal. Sem isto, continua-se a tentar coletar provas para o convencimento de quem necessitar ir além do ver para crer, passando do sentir para o conscientizar-se. O Espírito é imortal, porém, o personagem que ele constrói a cada encarnação é mortal.

3. Evolução

Integração de habilidades.

A ênfase que tem sido dada à Reforma Íntima, atitude necessária a todo ser humano, também contribui para que o Espírito encarnado se fixe nesta proposta, esquecido de que a sua evolução deve ocorrer em todos os campos da vida, sem exclusão de qualquer área em que sejam necessárias habilidades específicas. Resumir a evolução do Espírito ao intelecto e ao amor facilita o entendimento dos macros campos da existência humana, mas não favorece a compreensão de que, na vida diária, é preciso detalhamento de quais habilidades são necessárias para que o Espírito avance, capacitando-se para a vivência em novas e significativas experiências. Não basta ser intelectualizado, bom e amoroso, pois é preciso adquirir outras habilidades evolutivas. Isto implica considerar que o adepto do Espiritismo deve ser estimulado à compreensão de que deve aprender tudo quanto seja necessário para adquirir excelência no que faz na sociedade, bem como a promover seu processo de autotransformação.

4. Desencarnação

Morte do personagem e imortalidade do Espírito.

A ideia de que a morte não existe norteia o discurso espírita. De fato, quando se trata do Espírito imortal, a morte não acontece. Porém o ser humano encarnado, ao não se perceber Espírito, ainda teme a morte. Teme a morte por não aceitar que o personagem morra com a morte do corpo físico. Fundamental é que compreenda que o personagem tem que morrer, pois não mais poderá utilizá-lo neste mundo. Quando percebe que é um Espírito imortal, aceita a morte de seu personagem. Enquanto não acontecer a distinção entre os dois, com o domínio do Espírito, terá medo. O personagem não é imortal, tanto quanto o Espírito não é mortal. Enquanto o ser humano encarnado não entender que a morte é uma realidade, que ele morre, que o ser imortal precisa ser percebido, assumindo a encarnação, terá medo, demorando-se na roda das reencarnações.

5. Reencarnação

Reencarnação do Espírito sem o personagem.

A reencarnação é um fenômeno natural no processo de evolução do Espírito, obedecendo a princípios que vão além dos aspectos morais pertinentes. É comum atribuir-se influências morais na reencarnação, excluindo-se a participação da mente e sua dinâmica. Crenças, medos e culpas interferem sobremaneira no processo reencarnatório, muito mais do que a ação de uma lei moral sobre o reencarnante, determinando-lhe o destino. A influência de uma lei moral no processo reencarnatório é uma interpretação do fenômeno segundo uma crença religiosa, de acordo com valores pré-definidos por uma cultura. A reencarnação é um fenômeno que acontece dentro de limites biológicos e psíquicos, compreendidos nos direitos dos envolvidos, nem sempre conscientes. Um Espírito pode resolver reencarnar à revelia de seus pais em face de sua superioridade sobre eles. A reencarnação não é do personagem anterior, mas do Espírito que lhe presidiu a vida. A modelagem do corpo, bem como as dificuldades que o Espírito atravessará guardam relação com os aspectos psíquicos daqueles com quem contracenará, portanto, com o sistema de crenças que concebem.

6. Mediunidade

Naturalização e uso cotidiano.

A mediunidade é uma faculdade natural do Espírito, radicada em seu perispírito, consequência de sua natureza semimaterial, razão pela qual o contato com a dimensão espiritual independe da consciência do eu. Ter consciência da comunicação mediúnica é aquisição que confere aos envolvidos a prerrogativa de direcionar melhor os conteúdos e objetivos daquele tipo de contato. A mediunidade é propriedade do ser humano que, submetido às consequências dos objetivos de sua utilização, pode usá-la nos mais diversos campos de sua vida. Considerando que a mente é órgão perispiritual, o desenvolvimento da mediunidade aumenta as capacidades psíquicas do Espírito, portanto, torna-se fundamental seu exercício.

7. Ética Cristã

Conceitos de Jesus.

Os aspectos morais extraídos do Evangelho, sobretudo de algumas máximas ditas por Jesus, passaram a ter primazia sobre os demais preceitos do Espiritismo. Independentemente deste viés, os conceitos básicos do Espiritismo necessitam ter suas interpretações contextualizadas de acordo com a evolução do Espírito e das sociedades. Faz-se necessária uma leitura dos conceitos espíritas à luz dos avanços do pensar humano. Por conta das influências romanas e do viés imprimido pelo Cristianismo no Ocidente, o Espiritismo deve avançar para oferecer seus conceitos e sua ética cabível também no Oriente, alcançando, portanto, todo o planeta Terra. A influência da cultura brasileira no modo de apresentar os conceitos espíritas, bem como a visão essencialmente religiosa, mística e culposa limita a prática do Espiritismo aos povos latinos.

8. A vida e a obra de Allan Kardec

A responsabilidade e dedicação. O homem, a obra e a missão.

Hippolyte León Denizard Rivail, pedagogo e tradutor francês, nascido em Lyon, em 03.10.1804, desencarnado em 31.03.1869, tornou-se **Allan Kardec** quando, consciente da condição de Espírito imortal, assumiu o nome do personagem que viveu em outra encarnação, quando era um sacerdote druida. Concluiu os estudos na escola de Pestalozzi, na Suíça, retornando a Paris, onde fundou sua escola e passou a ensinar, escrever e traduzir livros. Aos 27 anos casou-se com Amélie Gabrielle Boudet. Em 1854, convidado por um amigo, passou a frequentar sessões de Mesas Girantes nos salões de Paris, e, em 1855, dedicou-se às pesquisas a respeito dos fenômenos mediúnicos, portanto, produzidos por Espíritos, pessoas desencarnadas. Utilizando o método científico da observação e experimentação, apresentou seus resultados, em 18.04.1857, com a publicação de *O Livro dos Espíritos*, no formato de perguntas e respostas. Quatro anos depois, em 1861, publicou seus estudos sobre a mediunidade em *O Livro dos Médiuns*. Em 1864, submeteu a análise alguns conceitos religiosos do Cristianismo, publicando *O Evangelho Segundo o Espiritismo*.

Em 1865, transcrevendo alguns diálogos com pessoas desencarnadas que viviam em diferentes condições na dimensão espiritual, publicou um novo livro, intitulado *O Céu e o Inferno*, teorizando sobre o destino dos Espíritos após a morte do corpo físico. Em 1868, analisando os conhecimentos da Ciência e acrescentando observações científicas oriundas de pessoas desencarnadas, publicou o livro *A Gênese*. Após sua desencarnação foi publicado, em 1890, *Obras Póstumas*, livro que contém preciosas informações sobre a estruturação do Espiritismo.

16. Atividades psíquicas adquiridas

A análise energética que geralmente se faz do corpo espiritual ou perispírito é apenas uma de suas múltiplas faces. É como observar o oceano e enxergar tão somente o horizonte, deixando de lado a imensa e profunda riqueza de seu conteúdo. Esta particularização segue a tradição do olhar hindu-egípcio, de natureza mais mítica do que científica. Constitui um importante desafio ao Espiritismo estudar as propriedades do perispírito sob o olhar psicológico e espiritual, para uma melhor compreensão da fenomenologia mediúnica e psicológica do que se processa em tão importante veículo de manifestação do Espírito. Tais estudos mais profundos certamente irão subsidiar outros que interessam à ciência psicológica, ainda distante de uma precisa compreensão do aparelho psíquico.

Desde muito tempo, vêm-se delineando ideias a respeito das propriedades psíquicas do perispírito, sobretudo a utilidade do conhecimento de sua estrutura para a compreensão do comportamento humano, desde o “impulso para a vida”, que nasce na essência do Espírito, até o ato manifesto, observado nas intenções e ações do ser humano. O percurso que o impulso percorre tem vários nomes e propriedades. Vontade, desejo, instinto, condicionamento, pensamento, emoção, sentimento, complexo psicológico, mecanismo de defesa, memória, associação de conteúdos, afetividade, sexualidade, ideia, mediunidade, bem como outros que acontecem à revelia da consciência do eu. É no psiquismo, conjunto de propriedades do perispírito, cuja formação acontece ao longo da evolução do Princípio Espiritual em seu contato com a dimensão material, que se processa tudo quanto se denomina *Mente*.

Unidade Básica da Vida

O Espírito, nos primórdios do período Proterozoico, quando ainda era denominado Princípio Espiritual, para dar o início ao seu processo de evolução, provoca, ao se justapor à matéria, o surgimento da Unidade Básica da Vida. Naquele momento, sua longa jornada tem início, para que um dia seja considerado um ser humano. Esta aproximação, decorrente de seu impulso inato para a vida, no intuito único de evoluir, promove o surgimento de uma forma de organização material que lhe concede a possibilidade de um tipo de conexão. Esta conexão, produto das forças de conexão intratômica, confere-lhe uma propriedade associativa que lhe permite a capacidade de justapor-se ao Princípio Espiritual. Neste estado, que lhe acrescenta aquela propriedade, a matéria é então denominada de Fluido Vital.

O Fluido Vital, modalidade específica e diferenciada de matéria, ao se mesclar à própria matéria bruta, tem também a propriedade de organizá-la de tal forma que o conjunto se torne uma estrutura capaz de gerar uma unidade monoativa, dotada de propriedades para abrigar a vida. É esta unidade monoativa, constituída de matéria bruta e Fluido Vital, que, em contato com a realidade e sob condução do Princípio Espiritual, armazenando as experiências vividas, forma o embrião que futuramente estruturará o perispírito. Este conjunto formado pela matéria, pelo Fluido Vital e pelo Princípio Espiritual forjará o nascimento de um padrão virtual capaz de armazenar a memória do que resulta de cada experiência de contato. Aos poucos vai se tornando o molde que governará a estruturação de todas as formas em que o Princípio Espiritual estagiará para integrar habilidades. Esta unidade monoativa difere da matéria bruta pela propriedade intrínseca de agregar o Princípio Espiritual. Esta união forjará o surgimento do elemento intermediário entre a matéria e o Princípio Espiritual, sendo o organizador de todas as formas, aglutinando a matéria segundo princípios de utilidade e complexidade crescente. A unidade monoativa é o embrião do que um dia viria a ser o campo de desenvolvimento da mente, meio no qual se formaria o futuro perispírito. A união entre o Princípio Espiritual e esta unidade monoativa tem o nome de Unidade Básica da Vida. A partir desta união, a jornada do futuro Espírito inicia a integração de habilidades evolutivas.

Propriedades rudimentares do ser

O Princípio Espiritual, ao que tudo indica, é gerado com a competência *a priori* para justapor-se ao Princípio Material, cuja condição lhe permite ordenar a estrutura da matéria. São propriedades do Princípio Espiritual:

1. Associativismo, que lhe permite conectar-se ao Princípio Material, ordenando-o;
2. Ordenação, que lhe permite organizar a matéria segundo diretrizes intrínsecas da própria evolução que acumula em si;
3. Coagulação, que lhe permite aglutinar a matéria, inserindo-se no tempo e no espaço da dimensão material;
4. Singularização, que o capacita a constituir uma unidade em si e de integrar cada vez mais habilidades;
5. Evolução, conexão, ordenação, coagulação, singularização e integração são propriedades que caracterizam o impulso para evoluir.

O campo da Consciência vai se formando à medida que o Princípio Espiritual, com suas propriedades, vai integrando habilidades que o capacitam, o que levará milhões de anos e inúmeras experiências de contato com a matéria. A formação do campo psíquico é simultânea à integração de habilidades. Enquanto integra em si tais competências, sua estrutura intermediária que o conecta à matéria também vai se diferenciando, tornando-se instrumento mais complexo e mais apto para suas experiências em contato com a realidade. Esta estrutura intermediária, embrião da mente do Espírito, que será denominada perispírito neste estágio, vai formando elementos que permitem a moldagem da matéria de acordo com as necessidades evolutivas do Princípio Espiritual. A integração de habilidades potencializa o domínio do Princípio Espiritual dos conteúdos que se associam ao elemento intermediário que lhe pertence. O campo da

Consciência cada vez mais se avizinha, graças à coesão de seus conteúdos que se nuclearizam no elemento intermediário.

O Princípio Espiritual, junto ao seu elemento intermediário, nas infindáveis experiências na matéria, vai se particularizando, diferenciando-se pelas específicas habilidades integradas, futuramente promovendo sua diferenciação do coletivo, assumindo sua individualidade, tornando-se, então, Espírito. A esta altura, sua Consciência se formou, contemplando o surgimento do ego, centro representativo da individualidade do Espírito. O perispírito, já estruturado e revelando as características principais do Espírito, contempla também uma região específica denominada Mente. Agora, consciente de si, possuindo um aparelho mais bem preparado e mais complexo para o desempenho de funções psíquicas mais refinadas, o Espírito compreende melhor o Divino. Ao invés de acreditar ou ter fé em Deus, passa a senti-Lo.

Todo o processo de desenvolvimento do Princípio Espiritual até alcançar a condição de Espírito, quando de fato toma consciência de si graças ao contato com a matéria, acontece em muitos estágios, cujo detalhamento é simbolicamente representado pela evolução das espécies na Natureza. No início, o Princípio Espiritual justapõe-se à matéria: posteriormente, graças a sua complexidade e identificação, que são tão grandes, passa a envolver-se nela, parecendo penetrar em suas entranhas. Neste estágio mais adiantado, vivencia sua justaposição à matéria com o nome de reencarnação.

Bibliografia

ADISWARANANDA, Swami. *Vivekananda: professor mundial*. São Paulo: Madras, 2007.

ALVES, Rubem. *O amor que acende a lua*. 4. ed. Campinas-SP: Papirus, 1999.

ANDRADE, Hernani Guimarães de. *Morte, renascimento e evolução: uma biologia transcendental*. São Paulo-SP: Pensamento, 1998.

_____. *Reencarnação no Brasil*. Matão-SP: O Clarim, 1988.

_____. *Teoria corpuscular do espírito*. Votuporanga-SP: Didier, 2007.

_____. *Espírito, perispírito e alma*. 3.ed. Votuporanga-SP: Didier, 2005.

ANDRÉ LUIZ. *E a vida continua*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. 7. ed. Rio de Janeiro-RJ: FEB, 1978.

_____. *Evolução em dois mundos*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. 4. ed. Rio de Janeiro-RJ: FEB, 1977.

_____. *Libertação*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. 5. ed. Rio de Janeiro-RJ: FEB, 1971.

_____. *Respostas da vida*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. São Paulo-SP: Ideal, 1975.

BRANDÃO, Junito. *Mitologia grega*. Petrópolis-RJ: Vozes. v. I, 12. ed. 1998, v. II, 6. ed. 1995 e v. III, 8. ed. 1998.

BUNGE, Mario. *Filosofia da física*. Lisboa-Portugal: Edições 70, 1973.

CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito*. 16. ed. São Paulo-SP: Palas Athena, 1998.

CHESTER, Michael. *Partículas*. Rio de Janeiro-RJ: Artenova/UNB, 1979.

EMMANUEL. *A caminho da luz*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. 10. ed. Rio de Janeiro-RJ: FEB, 1980.

_____. *Emmanuel*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. 9. ed. Rio de Janeiro-RJ: FEB, 1981.

_____. *Paulo e Estêvão*. Psicografado por Francisco Cândido Xavier. 3. ed. especial. Rio de Janeiro-RJ: FEB, 2005.

GARDNER, Howard. *Estruturas da mente: a teoria das inteligências múltiplas*. Porto Alegre-RS: Artes Médicas, 1994.

GREENE, Brian. *O universo elegante*. São Paulo-SP: Companhia das Letras, 2001.

GRIBBIN, John. *À procura do gato de Schrödinger*. 2. ed. Lisboa-Portugal: Editorial Presença, 1988.

GROF, Stanislav. *Além do cérebro*. São Paulo-SP: McGraw-Hill, 1987.

ISAACSON, Walter. *Leonardo da Vinci*. Rio de Janeiro-RJ: Intrínseca, 2017.

JOANNA DE ÂNGELIS. *Autodescobrimento: uma busca interior*. Psicografado por Divaldo Franco. Salvador-BA: Leal, 1995.

JUNG, Carl Gustav. *A dinâmica do inconsciente*. 2. ed. Petrópolis-RJ: Vozes. Texto: Sincronicidade: um princípio de conexões acausais, p. 437. v. VIII. 1991.

_____. *A prática da psicoterapia*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1988.

_____. *A vida simbólica*. Petrópolis-RJ: Vozes. v. XVIII/1. 1998.

_____. *A vida simbólica*. Petrópolis-RJ: Vozes. Texto: Cartas sobre Sincronicidade, p. 75. Texto: Jung e a fé religiosa, p. 282. v. XVIII/2. 2000.

_____. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Rio de Janeiro-RJ: Vozes, 2000.

_____. *Psicologia da religião ocidental e oriental*. 2. ed. Petrópolis-RJ: Vozes. Texto: Resposta a Jó, p. 359. v. XI. 1983.

_____. *Psicologia e alquimia*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1991.

KARDEC, Allan. *A gênese*. 24. ed. Rio de Janeiro-RJ: FEB, 1982.

_____. *O céu e o inferno*. 25. ed. Rio de Janeiro-RJ: FEB, 1978.

_____. *O evangelho segundo o espiritismo*. Tradução Djalma Motta Argollo e Ana Catarina Lopes Barata Alves Caetano. Salvador-BA: Harmonia, 2010.

_____. *O livro dos espíritos*. Tradução Djalma Motta Argollo. Salvador-BA: Harmonia, 2007.

_____. *O livro dos médiuns*. Tradução Djalma Motta Argollo. Salvador-BA: Harmonia, 2018.

KEYES, Daniel. *The minds of Billy Milligan*. New York-NY-USA: Bantam Books, 1995.

KUHN, Thomas. *A estrutura das revoluções científicas*. Tradução Beatriz Vieira Boeira e Nelson Boeira. 5. ed. São Paulo-SP: Perspectiva S. A., 1998.

MIRANDA, Hermínio. *A memória e o tempo*. São Paulo-SP: Edicel, 1981.

_____. *Condomínio espiritual*. 2. ed. São Paulo-SP: Folha Espírita, 1994.

_____. *Os senhores do mundo*. Bragança Paulista-SP: Lachâtre, 2015.

_____. *Alquimia da mente*. 2. ed. Niterói-RJ: Lachâtre, 2005.

_____. *Guerrilheiros da intolerância*. 4. ed. Bragança Paulista-SP: Lachâtre, 2012.

NIETZSCHE, Friedrich. *Humano demasiado humano*. 2. ed. São Paulo-SP: Escala, 2007.

_____. *Assim falou Zaratustra*. São Paulo-SP: Martin Claret, 2008.

_____. *O anticristo*. São Paulo-SP: Lafonte, 2017.

NOVAES, Adenáuer. *Mito pessoal e destino humano*. Salvador-BA: Harmonia, 2005.

PIRES, Herculano. *O espírito e o tempo*. 2. ed. São Paulo-SP: Edicel, 1977.

RIZZINI, Carlos Toledo. *O homem e sua felicidade*. São Bernardo do Campo-SP: Edições Correio Fraternal, 1984.

ROMANELLI, Rubens. *O primado do espírito*. 4. ed. Bragança Paulista-SP: Lachâtre, 2000.

STEVENSON, Ian. *Vinte casos sugestivos de reencarnação*. São Paulo-SP: EDICEL, 1971.

_____. *Where reincarnation and biology intersect*. Westport-CO-USA: Greenwood Publishing Group, 1997.

_____. *Children who remember previous lives*. Jefferson, North Carolina-USA: McFarland&Company, 2001.

TOLLE, Eckhart. *O poder do agora*. Rio de Janeiro-RJ: Sextante, 2002.

VIEIRA, Waldo. *Projeciologia*. 10. ed. Foz do Iguaçu-PR: Editares, 2008.

WIENBERG, Steven. *Os três primeiros minutos do universo*. Uma análise moderna da origem do universo. Lisboa-Portugal: Gradiva Publicações, 1987.

YOGANANDA, Paramahansa. *The second coming of christ*. California-USA: Self Realization Fellowship, 2007.

_____. *Onde existe luz*. California-USA: Self Realization Fellowship, 2008.

ZUKAV, Gary. *A dança dos mestres Wu Li: uma visão geral da nova física*. São Paulo-SP: ECE, 1989.

EDITORA E DISTRIBUIDORA DE LIVROS HARMONIA

A Editora e Distribuidora de Livros Harmonia é responsável pela publicação e comercialização de diversos títulos, tanto os próprios quanto de outras editoras. Tem lançado obras que abordam temas de caráter psicológico e espírita, fundamentadas nas obras de Allan Kardec.

Conheça nossas obras e as adquira através do nosso site:

www.larharmonia.org.br

ou pelo telefone:

(71) 3375-1570

Outras obras do autor

Alquimia do Amor: Depressão, Cura e Espiritualidade

Amor Sempre

Caridade no Dia a Dia

Conhecendo o Espiritismo

Espiritualidade no Dia a Dia

Estigmas Segundo a Psicologia do Espírito

Evangelho e Família

Felicidade sem Culpa

Filosofia e Espiritualidade

Jesus & Cristo – Diferenças e Semelhanças

Jesus, o Intérprete de Deus Vol. I

Jesus, o Intérprete de Deus Vol. II

Jesus, o Intérprete de Deus Vol. III

Jesus, o Intérprete de Deus Vol. IV

Jesus, o Intérprete de Deus Vol. V

Jesus, o Intérprete de Deus Vol. VI

Jesus, o Intérprete de Deus Vol. VII

Mito Pessoal e Destino Humano

O Bom da Vida

Perdão no Dia a Dia

Psicologia do Espírito

Psicologia do Evangelho

Psicologia e Espiritualidade

Psicologia e Mediunidade

Psicologia e Universo Quântico

Reencarnação – Perguntas e Respostas

Reencarnação: Processo Educativo

Religião Pessoal

Sonhos: Mensagens da Alma

^[1] Refere-se a tudo que não depende da ação direta ou indireta do ser humano, ao que não passa pela via arquetípica, interferência do Divino.